LYCIA BARROS



AUTORA BRASILEIRA
PREMIADA
COM MAIS DE
200.000
CÓPIAS VENDIDAS!

NEM TÃO TARDE ASSIM

Ela foi buscar conforto na Terra Santa, mas acabou encontrando muito mais do que procurava.

ASES DA LITERATURA

Nem tão tarde assim

Lycia Barros

Copidesque
Capa: Hugo Breves
Revisão: Janaina Vieira
Diagramação: Isabelle Martins
Coordenação editorial: Lycia Barros

Ficha catalográfica

ISBN 978-85-917143-8-4

Barros, Lycia.

Nem Tão tarde assim / Lycia Barros
1. Ed. – Rio de janeiro

243 pag; 16X23 cm.

CDD B869.8

Julho: Ases da Literatura, 2017.

(broch.)

1. Literatura.

I. Título.

***

Para Pâmmela Moura e Isabela Freixo, nem preciso dizer a razão.

Quando quero fazer o bem, o mal está junto de mim. No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros.

Romanos 7:21–23

Capítulo 1

Desde pequena sempre ouvi as pessoas à minha volta dizerem que todos podemos ser vencedores, que bastaria crermos em Deus e tudo cooperaria para que tivéssemos uma vida vitoriosa.

Bom, não é bem assim, posso garantir.

Como filha de pastor, sempre procurei ser efetiva na minha fé, praticando boas ações e fortalecendo espiritualmente as pessoas à minha volta. Entretanto, preciso admitir que os líderes que tive — e, nesse grupo, incluo meu pai — nunca me falaram muito a respeito de perdas e tribulações. E, embora eu tenha convivido de perto com todo tipo de necessidade em minhas viagens missionárias, por maior que fosse a minha compaixão pelos moradores dos lugares miseráveis por onde passei,

não era na *minha* pele, era na pele *deles*. Havia um distanciamento. Entretanto, agora ficou claro para mim que não podemos, de fato, partilhar a angústia nem o medo de ninguém, tampouco suas dores. Cada um tem a sua própria cruz.

Antes da tragédia que abateu minha vida, eu tinha apenas ideias teológicas a respeito do sofrimento. Nunca havia ouvido um relato sincero de toda a confusão emocional, mental e espiritual experimentada por alguém que perdeu tudo que lhe era mais precioso. O que sinto agora, toda a minha revolta e indignação, deve ser o que muitos cristãos enlutados também sentem e simplesmente não têm coragem de expressar. E isso tudo é muito triste. Que tipo de povo frágil somos nós, que não podermos externar o nosso padecimento sem ficarmos manchados pela fraqueza? Quem inventou a lei que determina que devemos parecer sempre resignados e contentes?

Posso afirmar, ainda, que ser filha do líder da igreja é um fardo muito maior. Eu sou o produto de anos de doutrina nesse sentido. Afinal, estamos sempre na mira de alguns fiéis ansiosos por apontar

as nossas falhas.

Também nunca me falaram a respeito do suicídio, e sobre como ele começa a parecer uma alternativa razoável quando a pessoa se afoga em tristeza. Quando está sofrendo sozinha, em um quarto qualquer, com o peito dormente e os olhos cobertos de lágrimas. É como estar ligeiramente embriagada, como se seu corpo inteiro estivesse participando de um complô contra você. E, quanto mais o tempo passa, mais enfático se torna o recuo do meu organismo. Ele não quer reagir, quer paralisar. Deixar este mundo de vez passa a ser uma opção perigosamente atrativa.

Estou pensando nisso enquanto olho através da janela, deitada de lado na cama. Nossa vizinha está regando o quintal. É impressionante como a gente se acostuma a ver o mundo com os olhos embaçados. Antes que ela me veja, fecho as cortinas com uma mão, como fiz nos últimos dias. Tenho medo de que acene para mim ou tente vir conversar. Odeio me sentir tão sombria, mas o que quero é ficar aqui, sozinha. Meu corpo parece pesar cem quilos quando tento me levantar. Todos dizem que

preciso seguir em frente, e sei disso, apenas não descobri ainda como fazer essa transitoriedade. Propósito — acho que é isso que me falta neste momento.

Sempre ouvi meu ex-marido apregoar para os amigos:

— As coisas materiais não são nada se não temos as pessoas que amamos, pois são elas que dão significado às nossas vidas. Sem elas, somos como pedaços de tecidos levados pelo vento. Farrapos sem destino. O lugar mais bonito do mundo se torna preto e branco quando estamos internamente sozinhos.

Hoje, completam-se oito semanas que estou me sentindo exatamente assim: como eu se fosse parte da obra *Guernica*, de Pablo Picasso. O quadro, de 1937, retrata o bombardeio contra a cidade que dá nome à tela, na Alemanha, que tanto sofreu no mesmo ano de sua criação. É um caos em preto e branco, assim como o meu interior. Porém, apesar da história triste por trás da obra, Picasso utilizou apenas essas cores como forma de repúdio

aos atos terríveis dos alemães.

Observo minha vida se desenrolando acima de mim. Se não estivesse na casa dos meus pais eu nem saberia quanto tempo já se passou. Deixei de contar as horas. A inevitabilidade do sofrimento me assusta, por isso meu único refrigério é dormir. Esse é o único proveito que consegui: posso hibernar por horas sem ser incomodada. Porém, sinto que esses momentos estão acabando quando minha mãe entra em meu quarto pela terceira vez nesta manhã, segurando uma bandeja nas mãos.

— Ficamos te esperando para o café. Por que não desceu para ficar com a gente?

Fechando os olhos, passo a colcha cor de musgo pela cabeça.

— Ainda estou muito cansada.

— Eu sei... — murmura ela após um pequeno intervalo. — Já percebi. Por isso mesmo vamos interromper seus calmantes, eles te dão muito sono. Já falei com a doutora Roberta e ela também acha que está na hora de você levantar e parar com os sedativos. — Dou um suspiro profundo. Aquela

droga é a única coisa boa em minha vida neste momento. Minha mãe continua: — Dante e Angelina querem passar aqui mais tarde para levar você para fazer uma trilha na Pedra de Itaipava, tem uma das vistas mais lindas de Petrópolis. O que acha?

Trilha? Sério? Ela só pode estar me gozando...

— Deus me livre! — Apoio-me nos cotovelos. Sair com meu irmão gêmeo e cunhada, o casal recém-casado mais realizado que conheço, não parece uma boa opção para mim. Do lado de fora, acompanhei o amor deles se desenvolver e crescer, mas não sou capaz de me sentir feliz por eles neste momento, por mais egoísta que isso seja. — É cheia de capim alto pelo caminho.

Suspirando, a senhora mais paciente que conheço deixa a bandeja com uma xícara de café e torrada com queijo sobre a cama em que estou.

— E desde quando você tem essas frescuras? Já passeou por lugares muito mais precários em suas missões em aldeias indígenas.

— Você não está entendendo, o capim daquele caminho corta — dramatizo. — É, isso mesmo. Da última vez, sai de lá cheia de arranhões. Não vou sair da minha cama para fazer automutilação. Ainda não cheguei nesse nível.

O rosto da dona Rose enrijece.

— Nunca mais diga uma besteira dessas. Isso nunca deve nem passar pela sua cabeça.

— A ideia de ir lá não foi minha — resmungo.

—— Pois muito bem. — Ela abre a janela, deixando o vento frio entrar como forma de me enxotar do recinto. — Este quarto já está fechado há muito tempo. Preciso fazer uma faxina ou vai ficar tudo mofado. Ou você me ajuda, ou dá o fora daqui.

— Mãe — reclamo entredentes. Parece que regredi cinco anos, quando este quarto ainda era meu. Era a primeira vez que ela falava duro comigo desde o fatídico acidente. — Eu disse que ainda estou com sono. Não pode fazer isso mais tarde?

— Não! — Sem complacência, ela puxa o

meu braço e me tira do colchão. — Sei que você não consegue enxergar nada com clareza nesse momento, mas eu sim. Este quarto está cheio de poeira, não vai fazer bem para você. Vai dar uma volta e mais tarde se recolhe aqui novamente.

Sem alternativa, ando em direção a suíte, coçando a cabeça.

—— Ah — ela continua falando, arrumando a cama de modo casual —, à noite, minha amiga Luiza virá jantar aqui. Lembra dela? Esteve viajando por um tempo. Parece que alguém que ela conhece quer comprar a sua casa, se você quiser mesmo vender. Espero que desça para jantar com a gente hoje.

Giro de cara feia. Sei bem o que ela pretende.

— Mãe, não faça isso. A história dela não tem nada a ver com a minha.

Determinada, dona Rose se aproxima e me segura pelos pulsos.

— Filha, eu sei que ela era muito mais velha do que você quando ficou viúva, mas, ainda assim,

conversar com alguém que passou por uma experiência semelhante talvez...

— O marido dela morreu de câncer! — Exalto a voz de repente, liberando meus braços. — Aos 50 anos. Ela teve um ano para se despedir. Meu marido e meu filho recém-nascido foram arrancados de mim por um motorista bêbado do dia para a noite.

— Eu sei... — Os olhos dela ficam marejados. Odeio trazer minha mãe para o meu fosso de sofrimento, mas não consigo evitar usar esse recurso.

— Então, por que está fazendo isso? Não sabe como ainda me dói tocar nesse assunto. – Viro de costas. Tenho certeza de que, se alguém conversar abertamente comigo acerca da minha perda, cairei em um pranto incontrolável. Não estou preparada para me desnudar emocionalmente na frente de pessoas que nem são íntimas.

— Mas não vamos falar só sobre isso. — Minha mãe seca os olhos. — Nem precisamos conversar sobre este assunto, se você não quiser. Só acho que precisa sair desse espiral de autopiedade e

voltar a viver. Não pode ficar dando rédea a esse estado de espírito, que só te coloca para baixo. Precisa reagir! E o sobrinho dela também deve vir, vocês têm mais ou menos a mesma idade. Pode ser bom bater papo com alguém que está fora da situação.

— Mãe... — Levo uma mão à testa, buscando paciência, depois torno a girar para encará-la. — Eu estou de saco cheio de ouvir consolo fácil e palavras vazias. Estou farta de ver pena nos olhos das pessoas. Todo mundo vem aqui com o mesmo discurso, mas ninguém sabe o que eu estou realmente passando. As pessoas ficam constrangidas com a minha presença, sem saber o que dizer. Por que você continua trazendo elas aqui?

—Porque não vou desistir de você! ⏵ A voz dela se altera, agora embargada. — E você está enganada. Existe uma pessoa que sabe bem o que você está passando. Ele também perdeu o Seu Único Filho.

Eu sabia de Quem ela estava falando, porém não queria ouvir.

— No momento não estou muito a fim de falar com Ele. — Sigo para o banheiro e bato a porta atrás de mim.

E esse é o ponto final da nossa conversa. Não que eu esteja correndo o risco de apagar a palavra Deus da lousa ou algo do tipo, apenas não consigo evitar pensar coisas horríveis sobre Ele neste momento. Como um Deus tão bom permite tamanho sofrimento aos seus filhos? É melhor colocar minhas orações em banho-maria por algum tempo para não cometer nenhuma blasfêmia.

Ouço um soluço do choro da minha mãe antes de me sentar no chão frio. O som me corta o coração, então ponho a cabeça entre os joelhos e fico assim por alguns segundos. Sei que não posso permanecer trancada no quarto para sempre. Entretanto, ainda é tão... *cansativo* para mim interagir com os outros. É difícil assimilar o que qualquer pessoa diz. Ou, talvez, eu não queira assimilar. Tudo parece tão desinteressante... Odeio quando a casa está cheia. Adoraria que eles conversassem entre si mesmos e não comigo. Enquanto interagem e me ignoram, minha mente

distende-se para longe de uma forma inimaginável. Fico presa às agonias mentais de uma mulher que não aceita o fato de não haver nada que eu possa fazer com o meu sofrimento, exceto padecê-lo. Eu só desejo ficar sozinha em meu antigo quarto de solteira, entorpecida no turbilhão de sentimentos que o luto me impinge.

Aos poucos, escorrego para o chão, retornando ao meu Getsêmani particular. Eu não sinto mais a dor. Eu sou a dor.

Capítulo 2

Enquanto esperamos as visitas na sala — e porque seria muito arriscado ficar sozinha com meus pensamentos e encarar a dor que me espreita a cada minuto —, fico zapeando pelas redes sociais no meu celular em busca de algum entretenimento. Sei que estou sendo chata, egoísta e que estou afundada em autocomiseração, mas me dou o direito de ser ranzinza. Afinal, a enormidade da minha perda deve me dar esse direito. Quando não acho nada de útil

nas redes, mergulho na programação da televisão. Minha expressão não se altera com as notícias esmagadoras do jornal da noite. Para falar a verdade, me provocam um relaxamento bizarro no peito por saber que não sou a única azarada padecendo no mundo. Logo eu, que sempre olhei pelo bem no próximo, agora me regozijo em conhecer a sua dor. *Que vergonha.* Mas, vai passar. Pelo menos é o que espero.

Entretanto, não consigo acompanhar as manchetes completamente, pois minha habitual clareza de raciocínio e concentração parece ter se desintegrado. Fico examinando minhas meias dos pés, listradas de preto e azul celeste, fazendo um esforço descomunal a cada respiração. O que Thiago acharia da minha atitude? Logo ele, que nunca deu mole para mim. Farejava o menor resquício de autopiedade ou de desculpas tolas para o mau comportamento e me desmontava em quatro antes que eu percebesse o que estava acontecendo. Lembro-me da última vez:

— Eu não acredito — reclamava eu em cima da balança que ficava na nossa suíte —, ganhei um

quilo na última semana! Supostamente, eu deveria estar perdendo peso por estar amamentando. Devo ter uma genética muito infeliz...

— Hum, sei... — Ele mexia no iPad sentado na cama do quarto. — Quem foi que devorou ontem aquela caixa de Häagen-Dazs?

Fulminei-o com os olhos ao voltar para o quarto.

— Eu não dormi à noite porque seu filho não parava de chorar, com cólica. Quando finalmente consegui fazê-lo dormir, precisava de uma recompensa.

Thiago riu, ainda mirando o iPad.

— Eu poderia ter te dado uma. Garanto que iria perder alguns quilinhos, em vez de ganhar.

— Você está do lado dela. — Apontei a maldita balança.

— Só não quero que culpe a coitadinha. — Largou o aparelho e me puxou para a cama. — Vem aqui, minha rainha, vamos gastar algumas calorias...

Sinto meus olhos úmidos com essa recordação. Por isso, começo a tossir falsamente e passo as mãos pelo rosto. Sinto falta de como éramos juntos. Meu marido era a minha rocha, meu melhor amigo. Sua personalidade otimista me rodeia. Ele ainda é uma parte tão forte de mim mesma que a perspectiva da distância parece surreal. Tê-lo por perto sempre foi tão agradável quanto se envolver em uma manta macia. Sinto fome de ouvir a sua voz e tenho medo de que essa ilusão de onipresença se vá. Não quero que isso aconteça. Como se despedir daquilo que ainda é parte do seu coração? Quem será meu amigo e protetor neste mundo horroroso que vislumbro na tevê? Ao pensar nisso, minha boca fica seca. Estremeço quando a campainha toca.

— Ah, finalmente! Deve ser ela...

Minha mãe corre para porta enxugando as mãos em um pano de prato. Enquanto recebe as visitas, meu celular apita. É uma mensagem do meu irmão.

Dante: “Aquilo que foi criado com amor não

será abandonado. Deus não cria para depois destruir, Ele te ama e irá reestabelecer a sua fé. Lembre–se de Jó. E não demore muito para retornar ao mundo dos vivos. Sentimos sua falta. Angelina manda beijos de boa noite. Te amo.”

Com os olhos subitamente quentes, começo a teclar:

Natasha: “Também amo vocês, só preciso ficar sozinha por mais algum tempo. O vaso ainda está quebrado e não sei como consertar.”

Dante: “Então, deixe que Ele conserte.”

Meus cílios estão úmidos quando guardo o aparelho no bolso da calça jeans e me levanto para cumprimentar nossos convidados. Luiza, a amiga da minha mãe com quem presumo não ter contato desde o meu casamento, entra primeiro e vem logo me abraçar, molhando um pouco o meu suéter de botões verde-claro. Em defesa, meu corpo enrijece imediatamente. Evito abraços o máximo que posso. Estou determinada a não desabar, algo fácil de acontecer com tanto contato humano.

Atrás dela, entra seu sobrinho tirando uma

jaqueta de couro molhada. Olho através da janela e percebo que está chovendo lá fora. Ele não aparenta ter mais ou menos a minha idade, conforme insinuou minha mãe, parece ser pelo menos dez anos mais velho, na casa dos 30. Quando me vê, abre um sorriso polido e estica a mão ao ser apresentado por sua tia. Por educação, aperto a mão dele de volta e aponto o sofá para os dois, onde se sentam. Reparo que, embora estejamos na primavera, nossa convidada tem a pele do rosto um pouco rosada.

Como meu pai ainda está terminando de se arrumar e minha mãe está enrolada com os preparativos da cozinha, fico encarregada de fazer sala para as visitas, para o meu horror. Sento em uma poltrona ao lado deles e Luiza não perde tempo em começar o interrogatório. Inclina o corpo de aparência frágil para a frente, com um olhar consolador.

— Como você tem andado, querida? Queria ter te dado um abraço no enterro, mas tinha tanta gente lá que mal consegui chegar perto.

Ela havia estado no enterro? Minha mente tenta buscar a recordação de seu rosto triangular com maçãs proeminentes em meio à multidão e não a encontro. Mas, afinal, eu estava anestesiada demais naquele dia para assimilar qualquer coisa.

— Estou caminhando — minto, mirando as mãos.

— Deixei um recado para você pela sua mãe — ela continua. — E nos dias seguintes, quando liguei, você estava sempre dormindo.

— Tenho andado cansada por causa dos sedativos, mas agradeço a preocupação.

Ela recua no sofá e cruza as pernas por baixo do vestido bege de lã, apoiando as mãos nos joelhos pontudos.

— Eu imagino o que você deva estar passando, mas, graças a Deus, tem uma família maravilhosa para te apoiar. Além dos amigos.

Abro um sorriso amarelo, ansiosa por mudar o rumo do assunto. Estou vendo o momento em que ela começará a perguntar sobre meus sentimentos

em relação ao bebê.

Não consigo falar sobre ele, nem ao menos pronunciar o seu nome. É impossível, doloroso demais. Sua partida é uma porta fechada na minha mente. Ao mesmo tempo, sua ausência é como o sol, cobrindo todas as coisas. Sinto a falta dele na minha carne, no meu seio ansioso por amamentar... Durante o banho, quanto toco a cicatriz que o trouxe ao mundo. Nos meus ouvidos, que absorvem o silêncio ao invés de seu chamado constante... Não ter mais um filho do dia para noite é como uma amputação. Uma parte sua subitamente se foi. É por isso que não volto para a minha casa, o cheiro dele ainda está lá. Sendo assim, concentro-me somente na perda do meu marido. Tenho medo da minha reação se ficar pensando muito nos dois.

Felizmente, meu pai desce as escadas e se junta a nós. Expiro e relaxo os ombros quando Luiza se levanta com alegria para abraçá-lo, ficando na ponta dos pés. Como é pequena e delicada, meu pai parece esmagá-la com o abraço. Jean, o sobrinho até então completamente calado, lançame um sorrisinho cúmplice ao notar o meu alívio.

— Luiza, minha querida, há quanto tempo não nos dá a honra da sua presença... Agora, só quer saber de passear pela Europa! — Seu Luiz aperta o ombro de uma das mais antigas ovelhas de sua igreja.

— Passei o verão em Nice. Bem, verão lá, inverno aqui. Essa é a vantagem de ser aposentada.

— E viúva de aposentado — ele completa.

– Verdade, pastor. Pelo menos, disso não posso reclamar. Tenho tempo e recursos suficientes para realizar todas as viagens que sempre quis fazer e não consegui. Pena que meu querido Antônio não esteja aqui para viver essa bênção comigo.

Meu pai sorri com ternura ao lembrar do velho amigo.

— Tenho certeza de que ele estaria muito feliz de ver você se divertindo.

—— Eu sei. — Ela se emociona.

Analiso a viúva à minha frente. Será que voltarei a sentir prazer em fazer alguma coisa sozinha? Como deve ser um dia inteiro sem luto?

Parece fácil para ela, mas talvez não seja tão simples assim. Chego a abrir levemente os lábios para perguntar, mas engulo a minha dúvida. Se tenho medo de desabar, tenho ainda mais medo de que ela desabe comigo.

— E esse rapaz enorme sentado no meu sofá? — Meu pai aponta para o convidado.

— Esse é o meu sobrinho, Jean. É filho daquela minha irmã que mora na França há muitos anos. Nasceu em Nice, mas sempre quis conhecer o Brasil. Por isso, eu o trouxe na última viagem. Vai ficar um tempo por aqui.

— Ah, que legal... — Meu pai estende a mão para ele. — *Enchanté...* – cumprimenta orgulhosamente, piscando para mim e se achando um poliglota.

Um dos cantos da minha boca fechada se ergue. Eu sempre havia convencido meu pai a fazer todo tipo de curso comigo, inclusive de idiomas. Porém, ele só frequentava as aulas até o meio do primeiro semestre, quando dizia já ter aprendido o suficiente. Sabia dizer "oi" em pelo menos oito

línguas, mas era só isso. *Enchanté* era uma das três palavras que ele havia aprendido em francês, junto com *salut* e *bonsoir.*

Somente quando nosso convidado responde reparo que ele tem um biótipo um pouco diferente dos brasileiros. Pele muito clara, cabelos enrolados cor de mel e olhos escuros e expressivos. Sua sobrancelha é rala e os lábios, finos. As pernas parecem longas como as do Dante, pois seus joelhos ficam altos, acima da altura do quadril quando se senta.

— Já, já vou levar uns aperitivos! — avisa minha mãe da cozinha.

— Vamos aí ajudar você. — Luiza envereda pelo corredor, seguida pelo seu anfitrião.

Que ótimo! Agora tenho que ficar sozinha com o turista. Se eu mal assimilo o que as pessoas dizem em português, como fazê-lo em outro idioma? Como o meu francês é muito precário — abandonei o curso no segundo semestre, filha de peixe... —, apelo para a língua que pratiquei quando morei em Londres por algum tempo. Sozinha com...

Bem, não me lembro o nome dele, tento soar natural ao perguntar:

— *Do you speak English?* (Você fala inglês?)

– *Sure* (Claro). — Ele sorri pela primeira vez. Seus dentes são alinhados, mas não muito brancos.

E por aí para a conversa. Não tenho mais nada para perguntar. Fico olhando para ele, aparvalhada, pensando se pergunto se é verdade que todo o povo dele exala mau cheiro. Será que havia tomado banho antes de vir? Escovava os dentes com regularidade?

— *You don`t need to fill the silence*. (Você não precisa preencher o silêncio). — Ele sorri com os olhos.

Aperto os lábios, agradecida, e rapidamente me volto para a televisão, aceitando a sua oferta generosa. Sei que estou sendo uma péssima anfitriã, mas não sei o que fazer. Não há sequer um assunto que eu queira discutir com alguém, quanto mais com um estrangeiro.

Fico mudando os canais e olhando de relance

para as feições do nosso convidado, para ver se algo lhe interessa. Quando passo pela Warner, o canal está exibindo um episódio de *Friends*. Ele faz um aceno com a cabeça e gosto dele imediatamente. Aquele é um dos meus seriados favoritos. Eu adorava assisti-lo pelo aplicativo do celular antes de dormir quando havia tido um dia difícil em uma missão, quando a realidade ao redor parecia tão terrível e sem sentido que eu precisava de uma válvula de escape, como na vez em que passei uma semana em uma vila no Nepal, sem nenhum resquício de saneamento básico e comendo arroz marrom por uma semana.

Ambos começamos a assistir. Envolvida pelo silêncio, solto um bocejo. Depois, passo as mãos pelos meus cachos castanhos, aparados na altura das orelhas em um corte chanel depois que dei à luz. Sem perceber, afundo confortavelmente na poltrona e cruzo os braços sobre o peito, até aparecer uma cena bizarra em que o personagem Ross se lambuza de creme branco nas pernas no banheiro de uma mulher com quem estava saindo pela primeira vez. É, então, que algo inusitado acontece: eu rio. Rio de

verdade, pela primeira vez desde... não me lembro quando. Assustada com o movimento dos músculos do meu rosto, olho para Jean e reparo que ele está rindo também.

— Logo agora que eu ia pedir para usar o banheiro? — ele comenta comigo.

— Imagina, você pode ir por... — Paro de apontar o caminho e o encaro. — Você fala português? — Minhas sobrancelhas se unem.

Com um sorriso de canto de boca, ele retira o braço longo do sofá.

— Claro que sim. Minha mãe é brasileira — afirma com um forte sotaque francês.

Minha boca fica aberta por dois segundos.

— E por que conversou comigo em inglês?

— Para colocar a sua mente para trabalhar um pouquinho. — Ele pisca e vai andando em direção ao corredor.

Observo-o se afastar e em seguida me viro para a tela, o rosto parado entre uma careta e um riso. Aquela pegadinha simples tinha me feito sentir

normal novamente, pelo menos por alguns segundos. Afinal, todo mundo vinha me tratando tão cheio de dedos... Eu me sentia como um vaso de cristal prestes a despencar da prateleira a qualquer momento. Mas, naquela hora, o vaso havia tomado um peteleco. E parecia ter gostado.

Em pouco tempo, as comidas começam a aparecer na mesa da sala. Minha mãe convida todos a se sentarem e meu pai faz uma prece rápida de agradecimento. Como a noite está fria, é servida uma variedade de caldos e torradas com alecrim para acompanhar. Percebo que todos se esforçam para manter os assuntos em zonas neutras. Fico agradecida por isso, mas, ao mesmo tempo, incomodada por saber que eu sou o motivo de tanta vigilância nos comentários. Causar tanto embaraço a quem quer que nos visite é um dos motivos que me mantêm ilhada entre quatro paredes. As pessoas que se aproximam de mim precisam decidir se "dirão ou não algo sobre o assunto". Odeio que o façam. E odeio que não o façam. Alguns evitam o assunto “morte” completamente. Fora o pesar no rosto de todos.

— Acho que seria bom você fazer uma viagem — Jean se dirige diretamente a mim durante o jantar, como se lendo os meus pensamentos.

Largo no prato o garfo com que fingia comer, com cara de poucos amigos.

— Não sei se é uma boa ideia, ando muito aérea depois de tudo. — Não fui específica. Não era necessário. Com certeza, sua tia já havia lhe passado os detalhes do ocorrido.

— Não há nenhum lugar que você deseje conhecer?

Olho para a louça por alguns segundos e digo o primeiro lugar que me vem à cabeça:

— Bem, sempre quis conhecer a Terra Santa, mas nunca tive oportunidade.

— Então, por que não vai?

Quico um ombro.

— No momento, nem sei como estou de grana, mas com certeza não posso desperdiçar em uma viagem dessas.

— Falando em grana — a tia dele me interrompe —, um casal de conhecidos meus está mudando do Rio de janeiro para Petrópolis e procurando um imóvel por aqui. Você já decidiu o que vai fazer com a sua casa?

— Ainda não — respondo.

E isso me incomodava. Eu e Thiago havíamos sonhado tanto com aquele imóvel que me parecia uma traição me desfazer dele assim. No entanto, pagamos somente metade do valor e o resto ainda estava financiado em quinze anos. Como Thiago estava trabalhando como programador em casa e completando nossa renda com as doações das missões, eu não tinha a menor ideia de como iria pagar o resto. Talvez, vender não fosse uma má ideia, já que eu nem ao menos conseguia entrar naquele lugar.

Percebendo meu atordoamento, Luiza se inclina para a frente e toca a minha mão.

— Bom, você terá tempo para pensar sobre isso. Caso decida vender, me avise e farei a intermediação do contato entre vocês.

Agradeço com um gesto de cabeça.

— E aí? — Jean insiste.

Volto o rosto para ele.

— E aí, o quê?

— A viagem.

— Ah...

— Olha, quando perdi meu pai, eu tinha 15 anos. — Ele começa a desabafar, então percebo que não tenho outra opção a não ser lhe ceder os ouvidos. — Sou o mais velho de cinco irmãos, éramos muito ligados. Minha mãe estava muito deprimida. Então, mandou os filhos para passarem um mês na casa da minha avó paterna, na Bélgica. Ela morava em uma linda casa na costa. Sempre nos divertimos muito lá. Mas, daquela vez, foi mais difícil, principalmente para mim, que entendia mais as coisas do que meus irmãos. Mesmo assim, a distância nos ajudou a superar a perda. Ou, pelo menos, a enxergar que há vida depois dela. Passei muito tempo colhendo cerejas naquele verão. Pensando na vida. Eu cresci um bocado.

— E sua mãe nunca pensou em retornar ao Brasil? — Coloco o meu guardanapo de lado, mais interessada em desviar a conversa do assunto luto do que do destino dela.

— No início, sim, mas um ano depois ela já estava casada de novo, com outro francês.

Espremo os olhos ao ouvir aquilo.

— E como você se sentiu?

Jean faz uma careta de forma tranquila.

— Eu só queria que ela fosse feliz novamente. E o meu padrasto é gente boa, gostamos muito dele. Ajudou a criar meus irmãos. Os mais novos até o chamam de pai.

— Nossa. — Levanto bem as sobrancelhas. — Ela se recuperou muito rápido.

Jean não fica imune ao leve tom de crítica em minha voz. Apoia os cotovelos na mesa e entrelaça os compridos dedos das mãos.

— Ela tinha cinco filhos, todos meninos. Era difícil para ela criá-los sozinha.

Nesse momento, percebo que meu pai ouve paralelamente a nossa conversa.

— Mesmo assim, acho pouco tempo para cumprir o luto — insisto.

— E existe tempo ideal?

Miro em seus olhos de modo firme.

— Não sei. Só sei que meu marido não é um prato de sopa para que eu o substitua por outro do dia para a noite. — Enrubesço ao dizer isso.

— Natasha! — Meu pai me adverte.

— Só estou expressando a minha opinião. — Torno a examinar a comida em meu prato, sentindo meu coração acelerar e a mandíbula endurecer.

— A morte é só uma passagem de um ciclo para o outro — opina o nosso visitante. — Talvez, a minha mãe tenha entendido isso mais rápido que você.

Ele está querendo me dizer como devo sentir a minha dor? Quem esse gringo paraguaio pensa que é?

— Não me venha com esse papo de "a morte é só uma passagem", ou "a morte não importa". — Meu tom de voz se eleva. — A morte existe sim, e é real. Dói e traz consequências irreversíveis para quem fica. Por que todo mundo insiste em dizer que não devemos sofrer? Se a morte não importa, o nascimento também não importa.

— Não foi isso que ele quis dizer — interfere minha mãe, aflita com a minha grosseria súbita. — Não estou entendendo essa sua atitude. Você, mais que ninguém, sabe que Deus tem planos diferentes para todos nós, mesmo que não entendamos. Mesmo que nos pareçam injustos.

— Mas Deus é justo — meu pai acrescenta.

— Pois, para mim, as coisas são exatamente assim: injustas. Beethoven ficou surdo. Meu marido morreu jovem. E meu filho não chegou a ter uma vida. — Empurro com violência a cadeira para trás. — Os planos de Deus na maioria das vezes nos atravessam sem pedir licença. Ele nem sequer nos dá um aviso. Por isso, não venham me falar que não devo sofrer. Eu *quero* sofrer. Quero sofrer até não

restar mais nada de mim. —Envergonhada, ando apressadamente para fora de casa.

— Natasha! — grita minha mãe.

— Deixa ela. — Meu pai a segura.

Assim que bato a porta da sala atrás de mim, jogo-me tremendo no banco de ferro da varanda. Meu coração está acelerado, a cabeça zonza e as mãos instáveis. Eu nunca havia falado com meus pais dessa maneira. Sempre os respeitei. Sinto meu rosto e orelhas queimando. O que deu em mim? Apavora-me o modo como isso está virando uma constante. Estou descontrolada. Ferindo as pessoas que mais amo com extrema facilidade, como se quisesse desfechar golpes para todos os lados. Compartilhar a minha dor. Quem é a injusta agora?

Apoio os cotovelos nos joelhos e cubro o rosto, chorando compulsivamente, desejando morrer. Quando ouço o som da maçaneta se abrindo, não me dou ao trabalho de olhar. Imagino que sejam nossos convidados se despedindo e dando espaço para a família apoiar a viúva histérica. Porém, não há vozes, apenas o som de passos de

um par de sapatos se aproximando de mim. Alguém se senta ao meu lado e escuto o som de um isqueiro. Quando sinto o cheiro de cigarro, tenho certeza de que não é nenhum dos meus pais.

— Desculpe ter apertado a ferida — Jean se pronuncia, depois exala a fumaça.

Enxugo o rosto com as mãos e olho para ele.

— Nem sei como me desculpar...

— Não precisa. — Ele sacude a mão do cigarro. — Você ainda tem milhas de crédito para perder o controle.

Eu rio, pela segunda vez naquele dia.

— Até quando?

Pensativo, Jean leva o cigarro à boca e fala, prendendo a guimba entre os dentes:

— Até completar uns duzentos dias, eu acho... — Dá uma piscadinha.

Respiro fundo e me recosto no banco.

— Tenho sido uma idiota. Nem eu mesma me reconheço, às vezes. Aposto dez contra um que

Thiago odiaria me ver assim. Ficaria muito decepcionado. Eu sempre quis parecer muito forte para ele, muito cheia de fé. Com um domínio próprio inabalável... E olha só para mim agora: uma derrotada.

Com movimentos contidos, Jean inclina o corpo para a frente, segura o cigarro entre o polegar e o indicador e vira a cabeça para mim.

— Se você quiser realmente sair dessa *vibe*, vai ter que começar a pensar menos no Thiago e mais em si mesma.

Parece impossível...

— Eu sei... — Meus olhos se fecham, cheios de lágrimas. Depois, olho para o jardim. — Mas, é tão difícil. Às vezes, falo alguma coisa e penso imediatamente "Thiago não teria gostado disso". É como se ele ainda estivesse aqui, me orientando sobre o que fazer. A figura de marido e líder espiritual se confunde nas minhas memórias, pois sempre dividi minhas opiniões com ele a respeito de cada passo da nossa vida. Eu adorava saber a opinião dele sobre as coisas, deixava que ele sempre

desse a palavra final.

Uma linha fina surge entre as sobrancelhas de Jean.

— E por quê? Por que você deixava ele decidir?

— Eu não me importava. — Seco os olhos. — Não era nenhum tipo de tirania doméstica, éramos parceiros. Eu apenas tinha consciência de que era muito passional e Thiago tinha uma visão mais prática da vida, era mais equilibrado. Havia harmonia em nosso lar, nossos papéis foram rapidamente definidos sem que houvesse nenhuma crise entre marido e mulher. Apenas seguimos o fluxo das nossas decisões e tudo se encaixou. — Gostando de falar sobre aquilo, viro o rosto para o meu ouvinte, sem me preocupar em exibir minhas olheiras profundas. — Talvez, a gente não tenha tido tempo suficiente para desenvolver a nossa primeira crise conjugal, e até isso me frustra. — Meu sorriso é cínico. — Eu não deveria estar passando pela experiência da viuvez aos vinte e três anos. Ainda tínhamos muitos anos para viver, muitas

coisas para compartilhar.

— Eu entendo. — Jean morde os lábios por dentro. — É como se o banquete tivesse sido arrancado de você antes mesmo de provar a entrada.

Ouço o som do meu próprio riso.

— Agora, sim, está falando como um francês. Mas é exatamente isso. O contraponto perfeito entre o céu e o inferno. A felicidade da descoberta da pessoa amada e o golpe esmagador de perdê-la.

— Mesmo assim, não é saudável embalsamar... — Ele aperta os olhos. — Como era mesmo o nome dele?

— Thiago.

— Não é saudável embalsamar Thiago na sua mente. Não tente se apaixonar pela sua memória. Você amou o homem real, mas ele se foi. A vida segue. Você pensa que conseguirá manter seu marido vivo em sua lembrança para sempre, mas a verdade é que o tempo vai apagar os detalhes. Foi assim também com meu pai. Não tenho nenhuma boa fotografia dele. Eu ficava desesperado com isso,

não queria esquecê-lo. O rosto de qualquer estranho no meio da rua parecia com o dele um tempo depois. Eu queria poder evocar com perfeição a imagem dele voltando do trabalho no momento em que fecho os olhos à noite, mas não consigo. Isso é muito frustrante. Algumas vezes, vejo o vislumbre de alguém andando na rua, se movendo, e algum trejeito me lembra ele. Mas são só lembranças rasas, que logo escorrem pelo ralo. Mas, na verdade, isso não me chateia mais. Os momentos importantes ficarão para sempre comigo, como uma boa lembrança.

— Como uma quentura no coração — completo, emocionada com seu relato.

— É. — Ele acha engraçado e traga o cigarro novamente, mirando o jardim. — Como uma quentura no coração.

Depois dessa concordância serena, ficamos alguns minutos contemplando o jardim e assistindo as gotas de chuva cessarem. Aquela noite estava sendo realmente esquisita. Um misto de emoções. Contudo, era bom voltar a sentir alguma coisa,

depois de tanto tempo de dormência e paralisia.

— Obrigada — digo baixinho.

— Pelo quê? — Jean coça o queixo.

— Por ser tão compreensivo comigo.

— Eu já estive nesse vale. — Ele apaga o cigarro no chão e o recolhe. — Vou voltar para comer a sobremesa. Quer me acompanhar? — Coloca-se de pé.

— Não — recuso com a mão. — Vou ficar por aqui mais um tempo. Deixar a poeira da minha crise lá dentro passar.

— É. Você foi uma menina má hoje. — Zombeteiro, ele empurra meu ombro de leve com um soquinho. — Eu mereço mesmo ficar com o seu mousse de chocolate.

— Então, ele é todo seu. — Eu sorrio.

Quando nosso convidado entra na casa, torno a olhar para o céu. Ainda está escuro, sem nenhuma estrela à vista, mas as gotas de chuva pararam. O cheiro de grama molhada começa a dominar o jardim. Inspiro profundamente, sentindo o ar frio da

noite invadir as minhas narinas. Então, fecho os olhos e tento evocar a imagem do rosto do meu marido, e ela vem, embora com pequenas falhas nos traços. Graças a Deus, minhas lembranças sobre ele ainda são muito fortes, recentes... Mas, serão sempre assim? O medo da perda da memória me vem pela primeira vez. Nesse momento, com um calafrio, pego o meu celular no bolso da calça e entro no Facebook para ver um dos nossos álbuns de fotografias. Quando vejo uma foto de Thiago, os traços errantes de sua imagem se colocam no eixo em minha mente outra vez. A pele marrom, o semblante sério, os olhos negros e profundos... Aperto o aparelho contra o peito e expiro pesadamente. Ele está aqui. Ainda está aqui.

Capítulo 3

Não consigo dormir depois que todos vão embora. Nem na noite seguinte, nem na próxima. Minha

cabeça está um turbilhão de pensamentos conflitantes durante toda a madrugada. Talvez, porque tenha dormido muito nos últimos dias, não me sinto cansada. É então que, ao olhar a rua através da janela, reparo em como as calçadas estão sedutoramente vazias. Não há ninguém lá fora, é como se todos estivessem dormindo. Então, pela primeira vez em vários meses, finalmente decido sair por livre e espontânea vontade. Visto uma calça jeans, botas pretas, blusa de manga longa e um grande casaco marrom. Como o tempo está frio, envolvo meu pescoço em uma echarpe de flanela rosa.

Desço as escadas silenciosamente, para não acordar ninguém. O ruído dos meus passos em contato com a madeira da escada não é suficiente para acordar meu pai. A casa está escura, fresca e silenciosa. Felizmente, Dante levou o nosso cachorro para morar com ele, do contrário já estaria latindo. Pego somente a minha chave em cima do aparador e saio pela porta, me preocupando de trancá-la ao sair. Sei que, por mais que o nosso bairro seja tranquilo, o que estou fazendo é

perigoso. Afinal, Petrópolis não é mais a cidade tranquila da minha infância, mas não posso desperdiçar a oportunidade de andar pelas ruas sem ser abordada por ninguém. A calmaria está convidativa demais.

Sou recebida pelo mundo exterior com uma lufada de ar frio. O revigorante cheiro de orvalho noturno me acolhe, abraçando-me, convidando-me a explorar. Relutante, desço a rua em direção ao centro da cidade, caminhando devagar, evitando olhar para as janelas dos nossos vizinhos. Deixo que a gravidade, mais que a minha própria força, me faça seguir adiante. Tudo parece plácido. Um convite à reflexão.

Enquanto meus passos se repetem, reparo, através da fumaça da minha respiração, os muros lascados e cobertos de hera, um após o outro. Depois, reparo como as plantas da nossa vizinhança cresceram. Os jardins estão repletos de roseiras de todas as cores e eu as aprecio enquanto caminho.

No entanto, sem que eu perceba, vejo-me indo em direção a um rumo conhecido. Minha

garganta parece fechar, a pulsação acelera, mas continuo colocando um pé atrás do outro. Preciso fazer isso, sei que é necessário. Internamente, eu sabia que o dia que botasse os pés para fora de casa seguiria por aquele caminho.

Viro a esquina mais uma vez e passo pelas amendoeiras que costumavam me proteger do sol. Observo, com um aperto no peito, cada imperfeição da calçada. Lembro-me perfeitamente das minhas reclamações ao passar com o carrinho por ali. Foram tantas que Thiago decidiu, finalmente, comprar um carro. Como me arrependo desse dia!

Mais adiante, começo a ver as bromélias se insinuando por cima do muro baixo. Estaco na calçada. A visão da fachada amarela me detém. Não sei mais se quero prosseguir. Não sei se posso. Aquela foi a nossa primeira casa. Não a dos meus pais, não um apartamento compartilhado com outros missionários, mas a *nossa*. Não aguento sequer olhar para ela. Bom, estou olhando, quero olhar, mas não quero olhar, tento não olhar.

Respiro fundo e meus lábios tremem, a visão

começa a ficar embaçada. São tantas as lembranças que me assaltam... Eu nunca havia imaginado que o meu primeiro lar seria tão espaçoso, mesmo tendo somente um andar. Lembro-me de estar sentada na varanda e olhando para rua enquanto amamentava o bebê, balançando o pé descalço, pensando em como decoraria o jardim e em como eu era sortuda. Tinha um marido maravilhoso, um propósito na vida, um filho perfeitamente saudável... Quando ele acabava de se alimentar, eu andava para dentro de casa e sentia o calor das tábuas de madeira na sola dos pés. Não usávamos sapatos dentro de casa, pois queríamos um ambiente limpo para quando o neném começasse a engatinhar. Todos os visitantes deixavam o calçado na beira da porta da sala e usavam pantufas. Meu irmão dizia se sentir no Museu Imperial de Petrópolis. Ainda havia tanto espaço vazio, tantos quadros a serem pendurados, tantos cômodos a serem preenchidos...

Não tinha armário em nenhum dos quartos. No nosso, só uma grande cama e uma televisão. Nossas roupas ficavam em araras. Se fechar os olhos, posso entrar naquele quarto novamente e ver

um menininho enfiado entre nós, balbuciando. Já estava aprendendo a colocar os pés na boca. Eu não via a hora de ele começar a pronunciar “mama” ou “papa” e toda aquela linguagem secreta que só o pai e a mãe são capazes de compreender.

Na rua, recordo-me de sempre parar o carrinho para mostrar as flores perto de seus olhinhos curiosos. Eu me orgulhava de dizer às amigas o quanto ele era bonzinho, ficava no carrinho por horas sem reclamar. E isso me traz à mente que jamais, em tempo algum, o terei em meu colo novamente. Nunca mais lhe darei um banho, nem lhe contarei uma história, nem farei planos para o seu futuro, tampouco sentirei o seu cheiro... Minha garganta fecha de tal maneira que está ficando impossível puxar o ar. Nossas lembranças são como um tiroteio em meu interior. A dor é sólida e pesada, e parece residir no meio do peito.

Preciso seguir em frente, digo a mim mesma. Mas não ali, não naquela casa. Não naquela rua. Minhas pernas ficam paralisadas, até que decido voltar para a casa dos meus pais. Não sei o que ainda há reservado para mim no futuro, mas de uma

coisa tenho certeza: preciso sair desta cidade o mais rápido possível. Vou me concentrar em resolver isso nas próximas semanas.

Capítulo 4

— Natasha, eu podia ter te ajudado financeiramente. Você podia ter ficado com a casa. — Dante me olha magoado, alguns dias depois, sentado ao lado de Angelina. Estamos em nossa cafeteria favorita no centro da cidade por conta de um encontro marcado por mim. Contemplo uma mãe passar pela porta de vidro, empurrando um carrinho de bebê.

— Já está decidido, meu irmão. Eu mal consigo passar por aquela rua. — Tomo um gole do meu café.

— Querida... — Angelina se inclina para a frente, a expressão levemente contorcida. — Tudo ainda é muito recente.

— Nem tanto, já se passaram cinco meses, quase seis... — Dante se pronuncia, com um vinco no meio da testa. — O que parece é que ela não quer melhorar.

— Dante! – Minha amiga chama a sua atenção.

Ergo uma mão.

— Deixa ele, Angelina. Meu irmão está ressentido comigo porque não lhe dei atenção nos últimos meses e tomei essa decisão sem perguntar sua opinião. Mas é justamente isso que quero mudar. E aqui, não consigo. Por isso vendi a casa e vou fazer uma viagem. Preciso desse tempo longe.

— Vai gastar todo o dinheiro que recebeu em uma viagem? — A voz dele sai esganiçada. Alguns clientes à nossa volta espiam a nossa conversa. Coro.

— Vou. — Mantenho-me firme.

— Mas...

— O dinheiro é dela, Dante. — Angelina o repreende mais uma vez, abrindo um saquinho de

açúcar e adoçando o chá de camomila do marido, estrategicamente pedido por mim. — Se Natasha acha melhor fazer isso, que faça.

— Eu só acho uma imprudência. — Ele balança a cabeça, inconformado, e se joga de costas na cadeira.

— Imprudência ou não, é o que decidi fazer. Já até acertei a venda com os amigos da Luiza na semana passada.

— E para onde pretende ir? — Minha cunhada quer saber, girando o líquido com a colherzinha de plástico.

— Israel.

A expressão dela se abre como uma flor desabrochado em câmera rápida.

— Que máximo! Acho que vai fazer muito bem a você, acender a sua fé, que anda meio murchinha.

— Também pensei nisso — confesso, com um sorriso desanimado. — Sempre quis conhecer Israel. Viajei a vida toda para ajudar os outros, sem

escolher o destino. É claro que aproveitei e me diverti nas viagens o quanto deu, mas dessa vez estou fazendo isso exclusivamente por mim.

Ambos se entreolham.

— Bom... — Meu irmão gêmeo toma um gole do chá. — Já que está decidida, o que podemos fazer por você? Disse que tinha um pedido importante... — Ele apoia o queixo nas mãos.

Cutuco minha bolsa e coloco um chaveiro sobre a mesa, ao lado do prato com migalhas de *muffins*. Ambos ficam examinando-o por algum tempo.

— Preciso que se desfaçam de tudo que tem dentro da casa — declaro.

Os olhos de Angelina se arregalaram.

— O quê?

— Doem tudo — confirmo, procurando ser forte. Só Deus sabe o quanto essa decisão está sendo difícil para mim. Minha amiga não se conforma.

— Você não deve fazer isso. São as suas

coisas, coisas do Thiago, do bebê...

— Por isso mesmo não quero mais nada — falo e miro as migalhinhas da mesa que estou jogando no chão, como às poeiras da minha vida.

— Natasha — Dante respira fundo, parando o movimento da minha mão. — Não seja tão radical. Isso tudo vai passar e você vai querer algumas recordações deles.

— Não, não vou. Já bastam as redes sociais. Essa droga de Facebook — aponto o celular sobre a mesa — vive me mandando fotos de recordações. Tomo um tiro no peito a cada vez que recebo uma.

Será que eles não entendem o quanto essas lembranças me fazem sofrer?

— Tudo bem. — Angelina assume a conversa e manda um olhar significativo para o marido. Se bem conheço a minha amiga, ela está tramando alguma coisa. — Quando passará as chaves aos novos donos?

— Semana que vem.

— Deixa que eu cuido disso. — Ela pega o

meu chaveiro e o guarda. — Quando pretende partir?

— Amanhã.

Ela para com a bolsa na mão e me olha, como se enfeitiçada por uma bruxa.

— Como assim? Seus pais já estão sabendo?

— Sim, contei assim que comprei a passagem no último sábado.

— E o que eles acharam?

— Meu pai acha que será bom para mim, minha mãe quer me internar num manicômio.

Dante dá uma risadinha.

— Eu imaginei.

— Obrigada por fazerem isso. — Reúno as mãos deles nas minhas. — Sério, mesmo. Por mim, eu mandava o caminhão de lixo passar lá e levar tudo. Mas prefiro que vá para doação.

— Imagina! — Angelina toca meu rosto. — Você sabe que pode sempre contar com a gente. Já contou para a Ana? Acho que ela deve saber, já que

é sua líder espiritual.

Líder da qual eu morria de saudades, diga-se de passagem. Fico triste de ela ter tido que partir em viagem após o primeiro mês do meu luto. Ana havia sido uma peça fundamental para eu não enlouquecer quando tudo aconteceu. Devo muito às suas orações e apoio.

— Mandei um e-mail para ela. Ana e Rico estão na Bahia. Sabe como ela é, não para em lugar nenhum.

— É. — Angelina sorri. — Eu vi algumas fotos deles no Instagram. Parece que estão ajudando a construir uma escola em uma comunidade carente. E você, já fez o roteiro da viagem?

Cruzo os braços sobre o peito.

— Imprimi um na internet. Mas, na verdade, estou pensando em deixar as coisas acontecerem naturalmente.

— E quanto tempo pretende ficar por lá? — os dois perguntam juntos.

Abro um sorriso curto. Dante suspira e me

olha fundo nos olhos.

— Você não comprou a passagem de volta, não é?

Levanto um dedo para pedir a conta enquanto meu irmão revira os olhos de um jeito dramático. Ele me conhece bem demais.

Capítulo 5

Eu adoro aeroportos. É um dos lugares de que mais gosto. Claro que, como qualquer mortal, já passei horas esperando voos ou aguardando gente chegar. Já vivi boas e péssimas experiências. Já tive bagagem extraviada, reencontros, despedidas... Ah, as despedidas! É como se, no momento daquele abraço único, todos os nossos problemas ficassem para trás. Uma ideia romântica, eu sei. Prefiro acreditar nela.

Quando eu era pequena, costumava pedir ao meu pai para me levar ao aeroporto do Galeão somente para almoçar e passar a tarde vendo o

movimento. Quantos planos são feitos ali, quanto choro, quanto sorriso. Gosto da expectativa inebriante dos saguões. Gente de férias, gente a trabalho... Sempre achei o máximo aquele clima de destino desconhecido ou de felicidade de voltar para casa.

Amo chegar com antecedência, como hoje, e vislumbrar histórias de partidas e chegadas, ou até mesmo de inventá-las em minha cabeça com roteiros elaboradíssimos, dignos da Netflix. Últimos beijos, primeiros abraços.

Eu me sento com o meu bolinho de limão ultra inflacionado e observo os passos apressados seguidos de malas, mochilas, bolsas e travesseiros de pescoço. Costumo encarar desavergonhadamente os beijos apaixonados de casais recém-juntados por uma conexão. Celebro o reencontro de famílias na minha mente, segurando a vontade maluca de me jogar junto no montinho de abraços desconhecidos. Ali, naquele desembarque onde tantas vezes Dante me esperou na porta, com sua cara de sono.

Resolvo me levantar e ir até a lanchonete novamente para comprar um café. A fila está pequena e vou acompanhando até chegar a minha vez. Graças a Deus, já passei daquele momento horroroso em que sempre temo ter esquecido um líquido sagrado na mochila, que possivelmente teria de ser descartado na máquina de raios x e me faria, como tantas vezes, gastar uma fortuna para comprá-lo novamente. Fora isso, fico com azia em toda conferência de passaporte. Já esqueci minha nacionalidade em duas ocasiões distintas (talvez eu deva passar a escrevê-la na minha testa, só para garantir).

Eu sempre acho que vou ser confundida com uma prostituta em Amsterdam, uma traficante em Cuba, ser sóbria demais para entrar na Escócia ou uma vítima da febre amarela na entrada de Barcelona. É a síndrome do "não vou passar do aeroporto". Ainda que eu adore aeroportos.

— Expresso ou carioca? — Indaga, pela segunda vez, a entediada garçonete do balcão.

— Expresso — respondo, com um sorriso ignorado.

Fico imaginando como ela pode trabalhar com tamanho mau humor em um lugar tão interessante.

"A Infraero informa…"

Pronto, sou retirada do meu mundo de simulações pela voz metálica da moça do som. Tráfego de aviões, atrasos, chegadas antecipadas, trocas de portões de embarque, vários avisos que não me dizem respeito. Mesmo quando em alguns aeroportos eu não entendo tudo que dizem, também gosto dos avisos. Pena que só não escuto os avisos que deveria.

Como em Copenhague, quando perdi a versão em inglês do anúncio de que haviam trocado a minha conexão e quase perdi o voo para a China. Não fosse por uma mulher de olhos puxados que me apontou o caminho correndo para o portão certo, não sei o que teria sido de mim. Ou da vez em que

anunciaram, em um belíssimo sotaque francês, que os voos foram cancelados pelo mau tempo e tive que dormir no chão, sobre o meu casaco, sem ter como sair do recinto para um lugar mais confortável.

Reclamações à parte, no fundo eu estava em casa, como sempre: dentro de um aeroporto. Um dos benefícios de ser missionária é poder conhecer tantos lugares do mundo. Sinto saudades daquela época, pois depois que me casei e engravidei resolvemos limitar as nossas viagens.

Para me distrair desse pensamento, encaro, apenas por alguns minutos, os telões cheios de voos separados, que chegam de todas as partes do mundo. Falta meia hora para o meu voo sair. Estou tão animada com essa viagem que mal reconheço a moribunda do quarto dos últimos dias. Tomei a decisão certa. Acho que esse era o motivo de Luiza viajar tanto, como comentou com meu pai naquele jantar. É uma forma muito eficiente de espairecer.

Penso nos céus que cruzarei, nos oceanos que sobrevoarei. Faço uma lista mental de onde posso ir, agora que não tenho mais responsabilidades e me

sobram dólares, euros, yuans para viver viajando por um ano, se eu quiser. Meu estômago dá um pequeno salto a cada vez que os letreiros trocam números de voos e destinos. Penso nos aeroportos que já receberam a minha alegria, o meu cansaço, o meu atraso, e que agora acolherão a minha tristeza, me levando para bem longe daqui. Na verdade, meu estado de espírito não está tão ruim. Bem, talvez isso também tenha a ver com o fato de eu ter descoberto um lugar onde posso comprar chocolate suíço barato. Eu adoro aeroportos. Se soubesse que teria esse efeito sobre mim, já teria vindo antes, mesmo que não fosse viajar.

— Por favor, sabe onde posso encontrar um banheiro? — Um senhor negro e de boina me pergunta, com um sotaque bastante paulista.

— Basta andar direto e olhar para a esquerda que o senhor encontrará.

— Obrigado. — Ele se vira e segue na direção indicada, passando por um grupo animado de turistas americanos.

Contra toda a minha antipatia nos últimos meses, tenho um impulso súbito de abordar os turistas e interroga-los em inglês, não só pelo prazer que sinto ao deslizar seu idioma na minha língua, mas também por poder conversar com alguém que não tem a menor ideia dos dias miseráveis que venho passando.

Continuo matando o tempo fazendo uma leitura visual dos passageiros e simulando os seus itinerários. *Aquele menino vai para longe da família pela primeira vez, pela cara de perdido. Deve ter uns 15 anos e vai para a Disney. A mulher sentada ao lado dele vai para a Europa, pelo tamanho da mala. Ninguém viaja para Miami com tudo aquilo*, concluo. *A loira de terninho e micromala vai a São Paulo, a negócios. Pela cara dela, trocaria a cidade da garoa por um dia inteiro na praia do Arpoador. Talvez, eu também devesse estar lá, tomando sol… Os skys daqueles caras indicam uma trip de amigos. Valle Nevado, provavelmente. E esse cara vindo de terno, bem, ele, ele... talvez...*

Tento imaginar a história do homem enquanto

ele se senta calmamente em uma das cadeiras livres do saguão. Está de terno azul-marinho, gravata cinza e examina alguma coisa na tela do iPhone. Há uma pequena ruga entre suas sobrancelhas negras e grossas, indicando preocupação. Ao seu lado, há uma pequena mala de mão, quadrada e preta. Nesse momento, não é a sua estatura alta que chama a minha atenção, e sim o que ele tem na cabeça cobrindo discretamente os cabelos negros e lisos, jogados para trás: um quipá. Deduzo que é judeu e que iremos pegar o mesmo voo.

Seu celular toca e ele atende. Estou longe demais para perceber se está falando em hebraico, mas adoraria saber. Ele vira o rosto para a pista dos aviões, me impedindo de detectar o idioma pelos movimentos da sua boca, permitindo apenas que eu enxergue o movimento de seu maxilar barbado. Sou fascinada por essa língua. Cheguei a estudar um pouco, mas desisti. Soube recentemente que o governo de Israel fornece curso gratuito de hebraico para estrangeiros. Será que consigo me inscrever?

Pela primeira vez, bate um desespero. Será

que terei facilidade de me comunicar em inglês por lá? Soube que em Tel Aviv se fala hebraico, árabe e russo por conta da imigração que houve após a queda do regime comunista e consequente fim da União Soviética. Mas, e o inglês? Será que é falado fora das portas do aeroporto? Bem, agora é pagar para ver. Ou melhor, já está pago.

Tomo um susto quanto o homem desliga o telefone e seus olhos surpreendentemente azuis me encontram de longe. Só então percebo que passei esse tempo todo pensando e olhando para ele. Enrubesço imediatamente e abaixo o rosto, sentindo um formigamento na face. Odeio quando isso acontece. Quando o espio novamente, já não olha para mim. Vejo um leve sorriso em seu rosto moreno quando ele se levanta, enfia o celular no bolso da calça e se dirige para uma pequena fila na frente do portão dois. Sentindo-me ridícula, procuro não olhar em sua direção enquanto caminha para lá. Detesto parecer interessada demais em uma pessoa quando não estou. Tenho essa mania odiosa de divagar olhando para um ponto só, onde geralmente tem uma pessoa me mirando, constrangida.

Um segundo depois pulo da cadeira, aparvalhada, e corro na mesma direção, lembrando que é o mesmo portão do meu voo.

Graças a Deus, fico duas pessoas atrás do judeu. Assim, ele não pensará que sou uma espécie de perseguidora tarada. Concentro-me em pegar o meu passaporte dentro da bolsa. Espero não tê-lo esquecido na passagem pela Polícia Federal. Afinal, nos últimos meses só não perdi uma orelha porque está presa à cabeça. O controle remoto de casa aparecia na geladeira, meu celular na pia do banheiro... E, não raramente, eu saía do quarto para pegar alguma coisa no primeiro andar e, quando chegava lá, não tinha ideia do que fosse. Daí, precisava refazer todo o percurso e, quando me lembrava, já estava no meu quarto novamente e parecia sacrificante demais descer as escadas de novo.

Felizmente, acho meu documento no segundo em que vejo o judeu retirar-se a passos rápidos da fila, causando-me certo alívio. Talvez tenha errado de portão. Prossigo para o embarque e entro no

ônibus que nos levará até o embarque no avião.

Abro um sorriso inconsciente quando nos aproximamos. Depois de tanto tempo, adoro a sensação. Claro que também adoro os pátios de aeroporto. Do cheiro de aventura misturado com gasolina de aviação. O barulho vibratório de turbinas. Quando desço do veículo junto aos outros passageiros, o vento bagunça meus cabelos. E se o vento faz voar um avião, faz exatamente o mesmo com as borboletas da minha barriga: elas voam. Estão voando.

Faço um acordo mental comigo mesma de não pensar em nada negativo durante a viagem. Nada de lembranças, nada de depressão. Entro no avião e fico satisfeita por ter, finalmente, oferecido a mim mesma um pequeno luxo. Pela primeira vez, viajarei em uma poltrona maior, e na janela. Guardo minha mala de mão e acomodo-me no meu lugar. Coloco o travesseiro de pescoço no colo e miro a tevê à minha frente, pensando em assistir algum seriado assim que o avião levantar voo. Depois, testo a inclinação da cadeira e concluo que vai ser difícil,

mesmo aqui, dormir durante as próximas horas até Madri, onde faremos conexão.

Estou pensando em pedir um copo de água quando avisto o misterioso judeu entrar na nave, causando-me desconforto. Ele vem andando pelo corredor a passos lentos, conferindo a numeração dos assentos. Não sei por que, mas começo a estalar os dedos das mãos. Estou quase no fundo da aeronave. Ao meu lado, uma poltrona vazia. Não, não é possível. Seria muito azar... No meio de sua caminhada, ele me vê e, por alguma razão, mantém os olhos em minha direção até chegar bem perto de onde estou. Não sorri. Simplesmente para ao lado do assento livre ao meu lado, acomoda sua bagagem de mão acima e... (Respiro fundo.) ...senta-se em uma poltrona atrás da minha.

Meu corpo todo relaxa e eu me pergunto o motivo. Tentarei ignorar essa interrogação pelas próximas dezesseis horas. Aliás, estou determinada a ignorar sua presença quando uma mulher aparece de mãos dadas a uma menina de cerca de oito anos, falando algo em hebraico. Suponho que pediu que

ele trocasse de lugar para que as duas pudessem se sentar juntas, pois o cavalheiro prontamente se levanta. Em seguida, sem cerimônia, senta-se ao meu lado, afivela o cinto e, pela segunda vez, observo um sorriso curto no canto de sua boca. Seu perfume masculino flutua até mim.

Meu coração descompassa e já posso sentir os meus ombros tensos de novo.

Capítulo 6

Assim como previsto, não consigo pregar os olhos durante a viagem, ao contrário do meu companheiro, que tirou o paletó, afrouxou a gravata e caiu no sono quinze minutos depois que o avião alçou voo, dormindo de braços cruzados. O fato de ter uma criança chorando insistentemente uma cadeira à nossa frente parece passar desapercebido aos seus ouvidos. Sua expressão é tão serena que me dá inveja. A barba média que molda seu rosto está um pouco desarrumada e contém um ou dois fios ruivos, o que me intriga. Estou um pouco

preocupada com a sensação de inquietude que ele me causa. Afinal, nem ao menos nos conhecemos. Preferia estar sentada em outro lugar.

Coço a orelha esquerda e tento assistir ao episódio de *Prison Break*, mas minha mente não encontra interesse suficiente no enredo. Alguém começa a assistir a um vídeo no celular, com uma musiquinha irritantemente alegre. Demora para acabar. Que pessoa sem noção! Podia ao menos colocar um fone de ouvido. Um senhor do outro lado do corredor se ajeita no banco e vira a página de um livro sobre política, a mulher ao seu lado digita algo no laptop. Um minuto depois de eu tentar fechar os olhos novamente, o avião perde altura e chacoalha. Estamos em meio a uma turbulência. Procuro me manter calma, como sempre. O casal está de mãos dadas para acalmar um ao outro, até que a aeronave se estabiliza e tornamos a planar em linha reta.

Algumas imagens de Thiago me vêm à mente nesses momentos, em que eu sempre colocava a minha cabeça em seu ombro e ele alisava meus cachos, tentando me fazer dormir durante a viagem.

A imensa falta que sinto dele ameaça a emergir. Meus olhos se aquecem. Estou a ponto de me levantar para dar uma volta quando as luzes se acendem. É hora de servir a refeição.

As pessoas começam a se remexer nas cadeiras. O passageiro ao meu lado também contorce o rosto ligeiramente sob o efeito da luz, em seguida pisca duas vezes e tira o travesseiro de pescoço de trás de si. Seu quipá está encantadoramente torto sobre a cabeça. Observo sua mão grande abrir a mesinha da frente. Ele vira o rosto em minha direção, mas somente para olhar a escuridão através da janela. Depois pigarreia e olha para a frente de novo.

— Carne ou frango? — A comissária de bordo me interroga. Fico um pouco assustada com o tamanho do seu nariz. Parece uma seta apontando para mim.

— Frango, por favor.

Ela me serve e, logo depois, abre um sorriso largo e apontado para cima para a pessoa à minha

direita. Isso! Ela me lembra o Coringa, do filme *Batman*. Fala algo em hebraico e o passageiro responde. Sua voz soa suave e incrivelmente grave. A aeromoça entrega os pedidos e segue adiante.

A comida me distrai. Como vorazmente tudo que me é servido. Parece que toda a ausência de fome dos últimos dias dá sinais de uma vez. Reparo que o meu acompanhante de viagem mal toca na carne. Na verdade, ele se concentra na ervilha, no purê, na salada de frutas e nas torradas. Também come o amendoim. Começo a desconfiar que é da turma da Ana, vegetariano, e fico tentada a pedir sua carne. Ele deve ter percebido o meu interesse, pois gentilmente segura o prato e me oferece a iguaria com um gesto.

— *No*, *no*... *Thanks*. — Recuso polidamente com um aceno de mão e um sorriso sem graça.

Mais uma vez quero me enfiar em um buraco. Devo ter ficado parada mirando seu prato como uma morta de fome. Depois que nosso lixo é recolhido, com a respiração presa, levanto-me, indicando que preciso ir ao banheiro. Ele

educadamente se levanta do assento para me permitir sair e, como se subisse em um elevador, fica muito acima de mim quando passo rente ao seu peito e ando apressadamente em direção ao banheiro. Felizmente, não tem fila. Entro e tranco a porta atrás de mim, com o rosto vermelho. O que está acontecendo? Nunca fui uma mulher instável. Muito menos dada a tremeliques. E agora fico agitada toda vez que interajo com aquele cara.

Calma Natasha, você só está assim por causa do Thiago, digo a mim mesma. Encaro meu rosto no espelho. Só posso acreditar que, em algum nível — pronto, admito — sinto-me atraída pelo meu companheiro de voo. O que me espanta, pois nunca fui o tipo de mulher que se deixa seduzir pela aparência. Sempre procurei conhecer melhor as pessoas para ter uma avaliação objetiva do pacote completo.

Mas OK, está admitido. Ele é muito interessante. Talvez seja o mistério que envolve toda a sua cultura, tão diferente da minha. Depois de muito tempo, ele me fez lembrar do meu sexo com

mais evidência. Sou mulher, e o que estou sentindo agora é somente uma reação química a esse fato. Uma reação bastante latente, preciso dizer. O problema é que, no fundo, ainda me sinto casada e por isso estou me sentindo assim: culpada. Mas, é só relaxar. Nada vai acontecer. É só um estranho que nem fala a minha língua. Vamos nos separar dentro de seis horas e nunca mais vamos nos ver.

Respiro fundo duas vezes antes de abrir a porta e sair do lugar. Volto para o meu assento e, assim que me acomodo, pego uma revista oferecida pelo avião. Começo a folheá-la e paro em uma matéria sobre casas ecológicas — assunto que muito me interessa — determinada a desconsiderar o fato de que há um homem atraente sentado ao meu lado. Nesse momento, a menina de cerca de dois anos, que chorava à nossa frente alguns minutos antes, coloca a cabeça por trás da poltrona. Está bem em frente ao judeu. Ela o vê e imediatamente se esconde. Quando aparece de novo, ele sorri para ela e a pequena devolve um sorriso tímido, fazendo charme. Meu coração se derrete pelos dois. Quando fecho a minha revista, não consigo evitar de espiar a

mão dele novamente.

Não está usando nenhuma aliança. E muito me espanta que isso me interesse.

Capítulo 7

O tempo em Madri está chuvoso e eu finalmente consegui cochilar no segundo voo, que nos levaria de lá até Tel Aviv. Talvez, porque meu sedutor acompanhante judeu não está mais sentado ao meu lado, e sim a poltronas de distância. Não há ninguém no assento ligado ao meu. Aproveito para tentar relaxar.

Chegamos às seis horas da tarde. Na entrada no país, fico apreensiva. Alguns países árabes não reconhecem Israel como nação, e você não pode entrar neles se tiver o carimbo israelense no passaporte. Por isso, não quis recebê-lo no meu, pois isso poderia me complicar quando visitasse em

missões outros países como Líbano, Síria, Arábia Saudita, Iraque ou Iêmen, que são considerados inimigos de Israel. Para incentivar o turismo, eu sabia que o governo israelense permitia o carimbo em uma folha separada, e foi o que pedi. O atendente judeu que me recebeu fechou a cara quando pedi isso e me encheu de perguntas. Fiquei bastante nervosa. Ao final, passei por ele e, assim que cruzei o último controle de entrada no país, uma mulher rasgou o papel carimbado antes de me devolver. Fiquei em pânico. Como poderia provar que entrei legalmente no país caso fosse parada pela polícia? Não que eu pretendesse cometer nenhuma infração.

— Por que você fez isso? — indaguei em inglês.

Só ouvi como resposta uma tagarelação em hebraico tão efusiva que fiquei grata por não consegui interpretar nada. Muitos nativos à minha volta me olharam de cara feia. Encolhi. Ainda estava parva com os acontecimentos quando um braço apareceu por trás de mim e tomou o papel rasgado da minha mão, amassando-o. Reconheci aquela mão

na mesma hora.

— Você não queria o nosso carimbo — sussurrou ele em meu ouvido, com um sotaque bem carioca. — Então, não vai precisar dele.

Quando olhei para trás, o passageiro judeu já estava indo embora com o meu papel amassado entre os dedos, caminhando a passos firmes para a saída. Fiquei estarrecida. Abalada. Constrangida. Tudo junto. Minha vontade era correr atrás dele xingando uns bons palavrões. Porém, lembrei-me de que estava em terras estranhas e não queria parecer ofensiva. Ative-me a fazer uma rápida oração para não me meter em encrenca e passei pela porta, desanimada com a recepção que estava recebendo no país.

Entretanto, Tel Aviv se redimiu comigo ao longo dos dias seguintes, pois a cidade é encantadora. Fico impressionada com o ambiente de segurança que reina na cidade, muito diferente do que imaginei. O clima é tranquilo. Vejo mulheres cobertas no bairro judeu e vice-versa. Judeus andando rápido e de cabeça baixa ao lado de

muçulmanos. Não me parece que um esbarrão entre eles poderá começar um Fla-Flu.

Dizem que Israel é uma bomba prestes a explodir. Não é o sentimento que tenho durante os primeiros cinco dias. Visito o Porto de Jope, local que tem a escultura de uma baleia em homenagem à passagem de Jonas, que pegou ali um navio para Társis tentando escapar de uma ordem divina e foi parar na barriga de um grande peixe. Havia construções com quatro mil anos por ali. Existiam, sim, muitos jovens fortemente armados do exército israelense andando em bando pelas ruas, mas muitas vezes não a serviço, mas somente aprendendo a história do país e visitando lugares para eles sagrados. Aqui, todos os adolescentes de 18 anos são obrigados a se apresentar ao serviço militar, homens e mulheres. E continuam servindo em rodízio até os 40 anos. Os muçulmanos não são obrigados a servir. Não é à toa que o exército israelense é um dos mais bem treinados do mundo.

Quando visito o Muro das Lamentações, presencio uma celebração de alguns jovens aderindo ao serviço militar. Cada um recebe uma arma e uma

Torá — a Bíblia dos judeus.

Choro e penso em Jesus em muitas visitas, principalmente no Monte das Oliveiras, onde converso rapidamente com Ele. Por sorte, no portão de Jaffa foi possível encontrar diariamente guias do *free tour* vestidos de vermelho e segurando uma placa. Um deles me mostra a cidade antiga durante alguns dias. Procuro ser generosa nas gorjetas, tão fascinada estou com tudo.

Visito também a suposta tumba de Maria, mãe de Jesus, e a igreja do Pai Nosso. O lado de fora é bem agradável e nas paredes estão expostos mosaicos com a oração em mais de sessenta línguas. Fico por alguns minutos procurando a oração em português, até que a encontro, emocionada. Tiro uma foto e mando para o meu pai. Em seguida, vou à Capela da Ascensão e ao cemitério judaico, que existe há mais de três mil anos e tem cerca de cento e cinquenta mil túmulos.

— Muitos judeus famosos estão enterrados aqui — explica o meu guia em inglês.

Fico intrigada ao vê-los.

— Por que estão cobertos de pedras e não de flores?

Ele sorri de modo simpático.

— As pedrinhas em cima dos túmulos têm a mesma função das flores, só que as primeiras morrem rápido. As pedras duram mais.

Por incrível que pareça, faz sentido para mim.

A comida em Tel Aviv também é maravilhosa, principalmente para os amantes de peixe, como eu. A culinária é criativa e saborosa. Sua especialidade são os frutos do mar, pescados no dia, com um toque de alta gastronomia, como a lagosta com molho de ervas que acabei de comer, ou os raviólis recheados de vieiras que degustei no jantar de ontem. Se tiver sorte, amanhã pretendo degustar ostras Gillardeax frescas e saborosas.

As sobremesas são uma atração à parte, enchem os olhos com a sua apresentação impecável. Observo o garçom passando com o carrinho. O *Enchanted Mushroom* está na bandeja de cima, um tipo de merengue e chocolate com sorvete de banana e, ao lado, o *Ovo Fabergé*, como uma joia

recheada de sorvete de *chesnut* e espuma de baunilha. Hum... Encho a boca de saliva. Mesmo nos restaurantes mais baratos tenho encontrado opções agradáveis. Um delírio para o meu lado gourmet. Somente o café da manhã israelense foi estranho para mim, pois é bem diferente do brasileiro. Nada de frutas, bolo ou pão com manteiga. É composto de ovos, pode ser omelete ou mexidos, como você preferir, alguns tipos de queijo, salada — de pepino e tomate é a mais tradicional —, salmão ou atum, suco e café. Para nós, brasileiros, parece mais um almoço light. Tem tanta coisa que muitas vezes não sei por onde começar.

— Ai, não! Jura que ele vai fazer isso?

Ao ouvir minha língua materna, olho para o lado e vejo duas mulheres brasileiras olhando para um homem local que está ao longe, rindo. Ele acaba de comer e está palitando os dentes livremente, olhando para uma delas. Parece que estavam flertando. Pode parecer grosseiro para nós, brasileiros, mas, para os israelenses, é muito normal e higiênico palitar os dentes em qualquer ambiente,

sem qualquer constrangimento. É tão comum que existem até palitos decorados, pintados e em embalagens especiais para se colocar na carteira. Contudo, preciso confessar que sinto arrepios quando alguém começa a palitar os dentes perto de mim. Fico rindo das duas, imaginando a decepção. Por um breve minuto, desejo que Angelina estivesse aqui comigo para trocarmos impressões sobre essa linda cultura. Com certeza, estaríamos às gargalhadas. No entanto, preciso admitir que estou amando estar aqui sozinha, livre de compromissos, disponível para explorar o que quiser.

No momento, estou no Manta Ray, de frente para a Alma Beach, banhada pelo Mediterrâneo. O restaurante é um dos mais badalados de Tel Aviv, está na lista dos top dez da cidade. A vista da praia com o centro histórico ao fundo me impressiona. Levanto meu celular para bater uma foto quando um rosto conhecido cruza o meu caminho na tela. Meu coração congela. É ele, o passageiro judeu que fala português. Está acompanhado de uma bela mulher, também morena, que usa um vestido cumprido, amarelo-dourado, com suaves listras marrons

descendo pelo corpo e esculpindo-o. As mangas do tecido leve flutuam ao redor dos seus braços. Sua estatura é próxima à minha. O cabelo preto está amarrado em um coque sofisticado para trás. Não consigo ver seus sapatos por baixo do vestido. O homem puxa a cadeira para que ela se sente, o que a dama faz, após ajeitar os óculos escuros no nariz. A visão da sua elegância me faz sentir momentaneamente diminuída, até que os meus olhos e os do homem se cruzam. Os dele se abrem levemente, como se me reconhecesse.

Dessa vez, não desvio o olhar. Encaro-o. Ainda estou ressentida de sua atitude no aeroporto, quando arrancou a folha das minhas mãos. Ele foi rude comigo, não o contrário. Não há motivo para eu abaixar os olhos. Sabendo que ele entende português, fico tentada a ir até lá e lhe falar umas boas verdade, mas me contenho. Todavia, toda a minha coragem vai por água abaixo quando ele diz algo rapidamente para a moça, depois ao garçom que passa perto deles, em seguida vem andando na minha direção.

Engulo em seco. Ele veste uma calça jeans escura, camisa branca de botões e uma echarpe cinza. Fico imaginando o que possa querer comigo. Ao chegar perto, abaixa a cabeça e me cumprimenta:

— Natasha.

Sua voz acelera a minha pulsação. Como ELE sabe o meu nome? Ah, OK, o papel rasgado, é claro.

— O que veio fazer aqui? Vai me expulsar do restaurante? Do seu bairro? Do seu país? — Sou sarcástica.

Um sorriso lindo desabrocha em meio à sua barba, tão envolvente que fico tentada a desviar o olhar, como defesa. Procuro me manter concentrada na raiva.

— Na verdade, vim lhe pedir desculpas. Me senti muito mal por aquele dia.

Ah, então há um pouco de humildade por aqui...

— Se você se sentiu mal, imagine eu.

— Eu tinha tido um dia péssimo, estava vindo do funeral do meu pai. Por isso, me senti ofendido quando você recusou ter o carimbo do nosso povo.

Minha expressão rígida se suaviza. Ele também havia perdido alguém, e muito mais recentemente.

— Ah, bem... Tudo bem, então. Sinto muito pelo seu pai.

Seu olhar se volta para o chão, depois me olha novamente. Seu jeito intenso de me encarar me deixa desconfortável.

— Meu pai nasceu aqui, mas morava no Brasil há quarenta anos. Vim tratar de questões da nossa família após o enterro. — *Por que ele está me dando explicações?* Como não sei o que dizer, ele prossegue: — Tem conseguido se virar bem por aqui? — Muda de assunto.

— O suficiente.

— Quando volta para o Brasil?

— Ainda não sei. Comprei passagem só de vinda. Não sei se irei daqui para outro lugar. — *E*

agora por que eu estou contando tudo isso para ele?

Vejo seu sorriso se abrir novamente, como um presente.

— Está tirando um ano sabático?

— Mais ou menos isso.

— Esse é o meu sonho.

— E você — não resisto ao impulso de continuar a conversa —, quando volta para o Brasil?

— Assim que resolver minhas pendências familiares. Temos uma vida lá e cá. Agora, muita coisa recairá sobre mim.

Temos. Plural.

— Falando em pendências — aponto sua mesa —, há alguém te esperando para almoçar.

Ele olha para trás e depois para mim, com um canto do lábio erguido.

— Essa é minha irmã, Ariela. A propósito, meu nome é Zac. — Estende a mesma mão que cansei de admirar com uma esticada de olhos no

avião.

— O meu você já sabe. — Estendo a mão para ele.

Quando nossas peles se tocam, ele me segura por mais tempo que o necessário. Em seguida, faz algo que me deixa de queixo caído: beija o dorso da minha mão com tanta delicadeza que me sinto dentro de um filme do século XVIII. Um formigamento dispara da ponta dos meus dedos até o coração, e me sinto péssima. Tenho vontade de correr, sair de perto dele o mais rápido possível.

Quando Zac sente minha apreensão, se despede educadamente e volta para sua mesa. Peço a conta imediatamente, pretendendo ir embora, mas fico ainda mais abalada quando o garçom me informa que minhas despesas já estão pagas. Zac não me olha outra vez, mas sei que foi ele, tentando me compensar pela grosseria no aeroporto.

Com os olhos cheios de água, saio do restaurante e caminho em direção ao mar Mediterrâneo. Na praia, tiro meus tênis e caminho em direção ao oceano. Assim que a água morna

cobre meus pés na primeira onda, começo a chorar, soluçando baixinho, com as mãos no rosto. Não me pergunto o porquê, apenas me entrego à sensação de desespero que me toma por completo. O sentimento de luto — muito bem camuflado até então — volta tão forte que mal consigo respirar, de tanta dor. *Eu não tenho esse direto*, minha mente começa a gritar, *não merecia estar aqui*. Não consigo me livrar da sensação de que, se não fosse por mim, Thiago e meu filho jamais teriam morrido. Jamais teriam entrado no carro para ir à farmácia porque eu queria tomar um banho sem ter nenhuma criança chorando no berço. Como posso simplesmente seguir em frente, voltar a ter uma vida?

Tenho certeza de que devo estar parecendo muito perturbada para todos à minha volta, mas não ligo que estejam olhando. Devem estar pensando que descobri que fui traída, ou que fui diagnosticada com alguma doença terminal. Não quero saber. Preciso colocar esta angústia toda para fora.

— Natasha.

Aquela voz novamente. Por que ele não me

deixa em paz?

— Por favor, me deixa ficar sozinha. — Não olho para Zac.

— Eu fiz alguma coisa que te ofendeu?

— Não, eu, eu... — Foi impossível terminar a frase.

Ouço o barulho das ondas alguns segundos antes de ouvir a voz dele outra vez.

— Desculpe ter vindo aqui, mas o restaurante é na beira da praia, não tive como não ver como você ficou perturbada.

Com o pouco de orgulho que me resta, enxugo os olhos e encaro o horizonte à minha frente.

— Eu também perdi alguém — desabafo. — Seis meses atrás.

Zac fica em silêncio por alguns segundos. Posso ouvir o barulho de crianças brincando perto de nós, se misturando ao som do mar e das gaivotas.

— Eu sinto muito. Então, foi por isso que

viajou? Para fugir das lembranças?

— Acho que sim.

— Eu sei como se sente.

— Não, não sabe. Eu perdi meu marido e... meu filho.

Viro o rosto para trás, para ver o impacto que minhas palavras tiveram nele. Meus cabelos voam e tapam parte da minha visão. Zac está de frente para o sol, seus olhos brilham como diamantes.

— Eu também perdi minha esposa.

Aquela informação me deixa desnorteada. Como se eu tivesse uma carta muito boa no pôquer, mas ele me desbancasse. Zac também não me parecia um viúvo.

— Há quanto tempo? — Quero saber, morbidamente interessada.

— Dois anos, quatro meses e quinze dias.

Sua precisão me deprime. Será que ficarei desse jeito, marcando cada dia do meu sofrimento em um calendário? Essa perspectiva me deixa

desanimada. Ficamos nos encarando por um momento.

— Como ela se foi? — Resolvo perguntar.

— Teve um AVC. — Suas mãos correm para o bolso da calça. — E o seu marido?

— Acidente de carro.

Quase posso ouvir o barulho do vento após as nossas declarações. Não há mais muita coisa a dizer. Então, torno a olhar o mar. Zac não fala nada, mas ainda sinto a sua presença atrás de mim. É como se houvesse um campo magnético nos atraindo um para o outro. Não sei explicar. Nunca acreditei nessas coisas. Mas, também, nunca as havia sentido antes. Com Thiago, tudo foi natural. As conversas, a amizade, a afinidade, as crenças... Não foi difícil nos encaixarmos no mundo um do outro. Mas, Zac? Não entendo o que está fazendo aqui, muito menos como estou me sentindo perto dele. Tenho medo de mim mesma. Medo de agir sem pensar e dar vazão a impulsos que não são meus, ser motivada pela constante carência. Medo de abrir portas que não poderão ser facilmente fechadas depois que eu cair

em mim. Isso tudo não faz parte dos meus princípios. E nem foi isso que vim buscar nesta viagem. Vim em busca de sossego, de paz. Preciso focar em recuperar a minha fé. Não quero esse tipo de distração.

— Acho que vou voltar ao hotel. — Abaixo-me para calçar os sapatos.

— Posso te acompanhar?

— Para quê? — Não olho para ele.

— Não sei, te fazer companhia. Podemos tomar um café juntos. Acho que vai fazer bem para nós dois conversar, devido às circunstâncias.

Tudo dentro de mim grita que não, mas não respondo nada. Termino de colocar os tênis e olho para o restaurante.

— E a sua irmã?

Zac olha para trás, com uma ruga na testa, como se lembrasse repentinamente que estava acompanhado. Depois me pede cinco minutos e vai para lá, antes de saber a minha resposta. Penso em ir embora e deixá-lo para trás, mas não consigo me

mover. Ou não quero me mover. Em menos de dez minutos ele está de volta. Não sei o que disse à irmã, mas ela se foi. Também não pergunto.

Capítulo 8

Meu hotel fica a metros da estação de trem, perto do centro da cidade. Caminho com Zac até a rua e o contemplo indo em direção a um Toyota Corolla. Fico um pouco inquieta, afinal ele é um estranho, embora tenhamos passado muitas horas ao lado um do outro. Sei que carona é algo normal em Tel Aviv. Quando cheguei, vi muitas pessoas paradas nas estradas, pedindo carona, e confesso que achei bem estranho. Mas é uma gentileza por aqui. Não há qualquer preconceito. Basta deixar claro ao motorista para onde vai e, se não for o caminho dele, lhe dirá "não", sem cerimônia. Então, faço uma prece rápida e resolvo embarcar na minha primeira aventura no carro de alguém em solo israelense.

Assim que entramos no carro, Zac liga o

motor e me pergunta em que hotel estou. Quando lhe informo, começa a dirigir em silêncio. Aliás, essa é uma das características que me atrai em um homem: saber ficar calado por algum tempo. Eu também sou assim. O som é ligado pelo volante e começa a tocar uma música que não conheço. A letra é em hebraico, mas a melodia é muito bonita, transmite calma.

— Boa música. — Aponto o som alguns segundos depois. — Embora eu não esteja entendendo nada. — Dou um meio sorriso.

— Eu também acho. — Ele manuseia o volante para virar em uma esquina. — A música israelense é muito influenciada pela marroquina. — Ergue o dedo indicador. — O que não quer dizer que seja igual, apenas influenciada. Esse cantor é Avihu Shabat, filho de um dos mais famosos cantores israelenses.

— Depois você anota o nome dele para mim, pois com certeza não vou saber soletrar. — Eu brinco, admirando a paisagem das lindas construções do centro ao entardecer. Tel Aviv

contrasta com Jerusalém por ser uma cidade de feições modernas e atmosfera laica. Diferentemente da capital israelense (para o resto do mundo, pois, para os judeus, a capital é Jerusalém), o ar que se respira nessa cidade litorânea tem pouco de espiritual e muito de cosmopolita. — O calçadão daqui me lembra um pouco o do Rio de Janeiro.

— Eu sei. — Zac concorda comigo. — A vida noturna daqui também é bem movimentada, inclusive há congestionamentos nos horários de pico — informa com uma careta.

— Percebi pela janela do hotel.

— Em qual andar você está?

— No terceiro.

— Meu apartamento fica no décimo-quinto.

Espio seu rosto ligeiramente. *Meu apartamento*. Está na cara que a família de Zac tem boas condições financeiras.

— Você também tem residência aqui?

— Tenho. E, não sei se você sabe, mas dos prédios mais altos de Tel Aviv você pode ter uma

ideia da proximidade dos países considerados ameaça pelos israelenses. Consegue avistar a Jordânia a poucas dezenas de quilômetros, por exemplo. A área palestina na Cisjordânia fica ainda mais próxima, pode ser vista em detalhes.

— Que horror!

— Sim, é horrível. — Mas ele ri enquanto me diz isso. — É fascinante ao mesmo tempo. Talvez, por ter sido criado aqui e no Brasil, não sou muito extremista. Fico pensando nas pessoas que moram do lado de lá. Como são e o que pensam quando nos veem.

— Bom saber que você pensa assim, apesar de ser judeu. Reparei que não está usando o quipá hoje. Por quê?

Zac morde os lábios por dentro. Parece conter um sorriso por algo que eu disse.

— Só o uso em cerimônias especiais. E, como eu disse, estava vindo do funeral do meu pai.

Fico algum tempo pensando sobre aquilo. Já ouvi dizer que nem todos os judeus andam com o

quipá o tempo todo, embora muitos o façam. Essa é a maneira deles de manifestarem fisicamente que sua fé se baseia em alguém acima deles. Não se sabe como surgiu esse hábito.

— Não sei se deveria lhe perguntar isso, afinal tudo é muito recente para você, mas como é um sepultamento judeu? — Sei que a pergunta pode ser indelicada, mas estou doida para conhecer um pouco mais sobre essa cultura.

Zac para o carro para um grupo de pessoas atravessarem a rua e me fita rapidamente.

— A preparação do corpo é conhecida como *Tahara*, é o momento de purificação. O corpo deve ser enterrado no mesmo dia da morte, se possível. Um banho cuidadoso com água pura é feito pelo grupo, enquanto preces são recitadas pedindo perdão em nome dos possíveis pecados do falecido. Tudo é realizado no próprio cemitério israelita, em um local reservado.

Procuro parecer interessada, mas parece um absurdo para mim, que acredito que devemos almejar o perdão de Deus ainda em vida, por

intermédio de Jesus. No entanto, não quero contestá-lo nem soar ofensiva.

— Não acredito nisso, mas compreendo — limito-me a dizer.

— E qual é a sua fé? — Zac torna a dirigir.

— Sou cristã.

— Como imaginei. — Ele dá uma risadinha enquanto embica o carro no estacionamento de um arranha-céu completamente espelhado. Um portão de ferro cinza começa a subir. — Para os judeus, a morte é diferente do que é para vocês. É uma passagem que exige um tratamento semelhante ao dado aos recém-nascidos, que são imediatamente lavados quando saem do útero para que fiquem fisicamente limpos, espiritualmente puros. Para os judeus, o mesmo deve ser feito no momento da partida. — Como mantive o olhar nele, seu relato continuou: — Os olhos do morto recebem uma pedra cada um. Também é colocada uma terceira na boca. A religião ensina que isso impede o questionamento da própria morte ou, ainda, que o falecido se encontre com Deus antes do Juízo Final.

Depois disso, o caixão é fechado ou o corpo enrolado em um pano branco e ocorre um breve velório. Orações fúnebres são recitadas em hebraico. Em seguida, sete parentes enlutados rasgam um pedaço da própria roupa para demonstrar o coração dilacerado pela perda.

Uma cena bastante dramática, não pude deixar de pensar. Parecia uma novela da Record.

— Você rasgou a sua? — Quase ri ao perguntar.

— Não precisei. — Zac permaneceu sério. — Meu pai era o mais velho de nove irmãos e foi o primeiro a falecer.

Não pergunto mais nada. Apenas olho ao redor e reparo que estamos no estacionamento de um edifício qualquer. Sinto um arrepio na espinha.

— Onde estamos?

– Eu moro aqui, mas não se assuste. — Ele tira a chave da ignição. — Seu hotel fica apenas a alguns metros. É que é difícil estacionar no Centro. Vamos caminhando. — Incomodada, aceno com a

cabeça e saio logo do carro, ele também o faz. Zac aperta o alarme e fica parado por um momento. Parece debater alguma coisa consigo mesmo. — A não ser que você queira ver a vista que te falei — completa.

Ah, claro...Como pude ser tão ingênua? Afinal de contas, não era uma simples carona. Era uma barganha. Mas isso já está indo longe demais. Sei muito bem o que ele está pretendendo. Se Zac pensa que vai me levar no bico, está muito enganado.

— Não vou subir no seu apartamento, nem que me pague — declaro, irritada.

Ao me ouvir, ele abre um sorriso arrastado, quase vil, mas arrebatador.

— Eu não pretendia pagar. E nem foi isso que sugeri.

— Não? – Ainda estou na defensiva.

— O terraço daqui é um dos mais altos de Tel Aviv. Lembra o que te falei? E temos um restaurante lá, caso você queira tomar um café e vislumbrar

uma das vistas mais lindas da sua vida.

A súbita inocência estampada em seu rosto quase me convence. *Como recusar um convite desses?* Minha cabeça está zonza de tanto recuar e ceder.

— Prefiro voltar para o meu hotel. — Concluo ser mais seguro.

— Como quiser. — Ele estica um braço para que eu passe na frente dele em direção a saída do prédio.

Quando alcançamos a rua, sinto-me tola e infantil. Não sou muito boa com essas situações. Não quero dar a impressão errada, embora esteja gostando muito da companhia dele. Zac é extremamente cortês e elegante, e hoje foi muito educado comigo... Tirando nossas diferenças a respeito da fé, aparentemente, ele tem tudo o que eu admiro em um homem. Mas, é muito cedo para dizer.

Começamos a caminhar calados pela calçada. A temperatura está caindo nitidamente.

— Desculpe duvidar de você — manifesto-me pelo caminho. — Você tem agido como um *gentleman*. Nem imaginei que ainda existiam homens assim, fora o meu Thiago.

Ele respira fundo ao ouvir o nome.

— É natural que você esteja arredia. Esse tipo de perda deixa marcas.

Miro seu rosto. Zac olha para a frente, mas coça a barba e se vira para mim. Seu rosto parece aquecido por baixo dela. Tenho vontade de tocá-la.

— E você, como superou? — Procuro desviar o pensamento.

— Não superei. Só vivo um dia após o outro.

Meus olhos se enchem de lágrimas, que contenho. Será esse o meu destino? Ficar sofrendo para sempre?

— Teve alguém depois dela?

Ele demora para responder.

— Ninguém que eu levasse a sério.

— Mas você procura?

Paramos na calçada, esperando para atravessar. Zac me encara outra vez e nossos olhos ficam presos um no outro.

— Esse tipo de coisa não se procura, simplesmente acontece.

— E você quer que aconteça?

— Que diferença faz? — Ele ergue os ombros. — Quando acontecer, não terei escapatória. Ficarei refém.

Não acredito em mim mesma quando digo:

— Estou começando a acreditar nisso.

Ao me ouvir, Zac sorri com os olhos e pega a minha mão, me puxando para seguir adiante. Permito que meus dedos se entrelacem com os dele de forma confortável enquanto atravessamos a faixa. Nossas palmas se apertam uma contra a outra. Quando a culpa tenta se aproximar, fechando a minha garganta, enxoto-a bravamente pela primeira vez. Não quero abrir mão do que estou sentindo. Não quero me desligar da mão dele.

Passamos o resto do caminho assim, de mãos

dadas, quietos. Sinto que diminuímos o ritmo e andamos a passos mais lentos, como se não quiséssemos chegar ao destino final. O que é uma maluquice, se você parar para pensar. Posso perfeitamente passar o tempo que quiser ao lado dele. A noite inteira. Entretanto, não me parece o correto a se fazer. Estou muito confusa. E Zac parece saber disso, pois para na frente do hotel, nem chega até a recepção. Nossas mãos ainda estão unidas. Estou tão constrangida de estar assim, mas ainda não quero soltá-lo. Há tanto tempo não fico desse modo com alguém... É tão reconfortante. Paciente, Zac espera que eu diga alguma coisa e eu o faço:

— Obrigada por me acompanhar.

Ele pisca lentamente e continua a firmar o olhar em mim. É impressionante como se comunica bem com os olhos, é quase como se eu lesse os seus pensamentos. Ele quer me beijar, mas não sabe se pode. E eu não pretendo lhe dar permissão.

Por fim, ele decide beijar a minha mão novamente e meu coração se aquece. *Os homens do*

Oriente... Eu já havia ouvido falar de suas técnicas de sedução, só nunca imaginei que viraria uma de suas presas. Quando sua mão finalmente me solta, a minha fica fria, desabrigada.

— Amanhã à noite estarei no meu terraço. Se quiser, apareça para jantar.

— Pensarei na sua proposta. — Assim que digo isso, meu acompanhante se vira e vai andando na direção da qual viemos, deixando-me sozinha na calçada. Por um momento, esqueço-me de tudo. Do luto, da dor, atenho-me apenas à imagem daquele homem grande diminuindo, indo embora, levando consigo o calor da sua mão.

Capítulo 9

Durante o café da manhã do dia seguinte, eu estava aérea demais para comer. Tomei apenas uma xícara de café, depois coloquei os dois cotovelos na mesa e uni as mãos, onde apoiei a testa. Fechei os olhos e fiquei assim por algum tempo, como se estivesse

fazendo uma prece. Eu estava tão longe da minha vida, tão longe de tudo o que conhecia... O que faria naquela noite?

Zac tinha sido claro em suas intenções, pelo menos para mim. E eu não sabia se queria avançar com aquilo. Por isso, resolvi sair para caminhar pelas ruas, tentando racionalizar o que queria fazer.

Infelizmente, sua proposta não me abandonou um minuto sequer. Era assustador. Era como se toda a minha história no Brasil simplesmente não existisse. Eu creditava essa sensação à distância entre os dois países. Porém, precisava admitir que era menos doloroso focar minhas energias em Zac, em vez de encarar a tristeza que me perseguia havia semanas. Eu não queria mais aquilo, estava farta de sofrer. Fisicamente exausta. Estava claro que não esqueceria Thiago tão cedo, mas precisava colocar minhas energias em outra coisa. Precisava de um anestésico. E, talvez, Zac pudesse me ajudar. Afinal, ele conhecia a minha dor. E isso nos aproximava ainda mais.

Minha decisão definitiva foi tomada por volta

de meio-dia, após um passeio no mercado de pulgas próximo ao Old Jaffa, onde comprei todo tipo de bugiganga: artesanato, roupas, objetos típicos e peças lindas de couro. Comprei também xampu, condicionador, máscara e óleo leave in feitos com óleo de Argan marroquino, que no Brasil custa muito caro, mas que em Israel tem um preço bastante atrativo. E, de presente para minha mãe, comprei uma linha inteira de cosméticos à base dos minerais presentes no Mar Morto.

Eu estava parada com todas essas sacolas na frente da vitrine de uma famosa grife internacional, olhando para um vestido de cor berinjela que parecia simplesmente fabuloso. Era caríssimo, mas a tentação de experimentá-lo estava me consumindo. O que me espantou. Nunca fui esse tipo de pessoa. Amava gastar com cosméticos, mas era meio econômica com o vestuário. Talvez, eu ainda estivesse influenciada pela presença marcante e pelo bom gosto de Ariela, irmã de Zac. Será que eu conseguiria, por uma noite, esbanjar aquela classe? Debatia isso comigo mesma quando meu celular apitou. Era minha mãe:

“Espero que esteja curtindo a sua viagem o máximo possível. Não esqueça que te amamos e estaremos sempre aqui para você. Por agora, siga seus instintos e tente recuperar um pouco da sua alegria. Beijos e fica com Deus.”

Eu ri. Isso era um sinal? Bom, com certeza ter um vestido daquele no meu armário seria muito útil para recuperar um pouco da minha “alegria”. Parei de lutar internamente e entrei na loja. E, claro, para o meu desespero bancário, o vestido ficou divino. Acompanhava o formato do corpo e terminava na linha dos joelhos, me fazendo parecer mais alta. Havia uma fita falsa que circulava a minha cintura e o colo era todo coberto de renda da mesma cor, que cobria o decote em forma de V até os ombros e braços. Fechei os olhos e passei o cartão, consciente de que o valor encurtaria a minha viagem em alguns dias. E, fora isso, eu precisava de sapatos, de preferência italianos. Aliás, eu queria um par exuberante e com saltos bem altos. Por que será?

OK, eu sabia que iria ver Zac naquela noite. Todas as células do meu corpo estavam de acordo com essa decisão. Já a minha consciência, nem tanto. Pela primeira vez em minha vida, eu estava

sendo impulsiva. Não podia negar que queria vê-lo, ansiava para que tocasse a minha mão outra vez. Em qualquer outra época antes do acidente, eu teria sido sensata, analisado a situação por todos os ângulos e tomando a decisão mais coerente. Todavia, só a perspectiva de passar mais uma noite sozinha na cama, virando de um lado para o outro e sentindo a ausência de Thiago fazia qualquer outra proposta soar mais interessante. Então, decido ir.

Como não combinamos horário, chego ao edifício às oito horas da noite. Cumprimento o porteiro do prédio com um aceno de cabeça e sigo direto para o elevador. Agradeço mentalmente por não ser abordada em hebraico, pois não saberia o que dizer. Suponho que, como há um restaurante no terraço, o acesso até lá seja livre.

Entro sozinha no elevador e me olho no espelho, satisfeita com a minha aparência. Os meses de luto me tinham feito emagrecer, mas não demais. Disfarcei o rosto pálido com uma maquiagem delicada e prendi o cabelo todo para o mesmo lado com um grampo invisível. Já estava craque em penteados para cabelos curtos, embora o meu estivesse crescendo. Percebo que o único botão

disponível do elevador é o do terraço. Provavelmente, há outro acesso para os moradores.

Quando chego à cobertura, o ar fresco de Tel Aviv me dá boas vindas. É tudo tão luxuoso aqui em cima que fico intimidada. Ainda bem que não aceitei o convite de Zac para vir ontem, quando estava de tênis. Aperto a carteira preta que trouxe nas mãos e busco o rosto dele entre os clientes, mas não o vejo. Dou um passo para a frente, instável em meu novo salto quinze, e um garçom albino se aproxima para me receber. Entro em pânico quando ele começa a falar em hebraico comigo.

— I don`t speak your language — solto logo, desesperada.

Calmamente, o rapaz conversa comigo em inglês e descubro que o meu anfitrião reservou uma mesa. Sou conduzida até lá e me sento. Talvez, Zac não tivesse certeza de que eu viria e tenha ficado no apartamento, pedindo para ser comunicado caso eu chegasse. O funcionário aparece novamente e me serve uma taça de champanhe. Deixo que me sirva, mas não a bebo. Não gosto de nada com álcool. Estou tão ansiosa para que meu acompanhante chegue logo que mal percebo o lindo cenário ao

redor.

O restaurante é cercado de vidro, permitindo uma vista de tirar o fôlego da cidade brilhando à noite. As mesas e cadeiras são brancas, os talheres e a louça distintos brilham à meia luz. O teto rebaixado também é claro e também o piso de madeira escura. O mais interessante é que as mesas não têm pés, são suspensas, ligadas à cobertura do salão por uma fina estrutura de aço, que sai das quatro pontas da mesa e se unem no teto, formando uma pirâmide invertida para quem vê.

Os minutos se passam e nada de Zac chegar.

— Deseja que eu lhe sirva um aperitivo? — O garçom insiste, pela terceira vez.

Digo que não e continuo mirando o elevador, com os olhos ávidos. Nervosa que estou, dou um gole no champanhe, já quente. Está tão horrível que o cuspo de volta na taça. Seco a boca com um guardanapo e deixo nele uma marca de batom. Preocupada, decido retocá-lo e o pego dentro da minha carteira, junto com um mini espelho. Assim que vejo minha imagem refletida, sinto uma vontade inexplicável de chorar.

O que estou fazendo aqui? Não sou esse tipo

de mulher, que fica em um restaurante qualquer esperando um homem que mal conhece, toda emperiquitada. A quem estou querendo enganar? Isso só pode ser um castigo de Deus. Assim que esse pensamento me atinge, me sinto impotente. Humilhada.

Quando o relógio do meu celular marca nove e meia da noite, decido ir embora. Peço a conta ao garçom, que se recusa a me cobrar. Diz que a bebida foi cortesia da casa. Demoro a me levantar, meus olhos vazios ficam vidrados em um pequeno jardim de inverno. Uma luz dourada cobre o verde e o laranja das flores. Vislumbro por mais um minuto a cidade abaixo de mim com os olhos úmidos e o coração quente, quando sinto uma mão grande tocando o meu ombro. Fecho os olhos por um instante antes de me virar. Surpreendo-me, pois seu toque é como uma cachoeira de mel morno descendo pelo meu corpo. Depois, redireciono o meu tronco para Zac.

— Prometo que vou compensar a minha demora — ele afirma, com um olhar arrependido.

Fico calada, indecisa se fico ou não. Sua visão me traz alegria e frustração ao mesmo tempo. Se ele

não viesse, eu tinha certeza de que não me meteria em encrenca. Agora, não sabia de mais nada. Zac libera o único botão do casaco e se senta à minha frente. Veste um terno cinza e está tão deslumbrante quando a primeira vez em que o vi. Sua pele cor de mel, em contraste com a gola rosa-claro da blusa, parece estar mais acesa.

— O que aconteceu? – Minha voz sai meio seca.

— Uma reunião de trabalho que durou um pouco mais do que deveria. — Ele passeia os olhos por mim com encantamento. — Se eu soubesse o que me esperava, teria deixado os clientes falando sozinhos.

Sei que estou ficando vermelha, como sempre, mas ignoro a vergonha.

— E por que não me avisou?

— Eu não sabia se você vinha, e não tenho o seu celular. Mesmo assim, liguei para o seu hotel, mas você já havia saído.

Endireito os ombros para trás e foco na vista. Não consigo pensar direito quando olho para ele. Zac muda de lugar e se senta ao meu lado. Fica me encarando até que eu retribua o olhar. Não o faço.

— Você tem razão. — Estou mirando a paisagem. — É a vista mais linda que já vi. E olha que já vi muitas.

— Eu também achava isso — ele comenta. — Até agora.

Quando viro a cabeça, seus olhos se fixam na minha boca. Inacreditavelmente, faço o mesmo com a dele. Não sei de onde estou tirando tanta ousadia.

— Está com fome? — ele pergunta.

— Muita.

— Então, vamos comer.

Zac recua e chama o garçom para fazermos os pedidos. Zonza, sigo a sugestão dele e peço um falafel, um prato muito perfumado e picante, frito com almôndegas, feito com feijão ou grão-de-bico, alho-poró picado e outras especiarias.

Conversamos mais um pouco sobre a comida e hábitos locais, aproveitando a brisa da noite. Então, vou relaxando. Fico encantada quando Zac me explica que cem por cento da água de Tel Aviv é reaproveitada. Sim, isso existe. Toda vez que alguém toma banho ou puxa a descarga na maior área metropolitana de Israel, a água vai para um complexo de tratamento e é recuperada. E o sistema

já começou há trinta anos! Este é um exemplo de como um país que enfrenta escassez de água pode fazer melhor uso desse recurso.

Até então, percebo que sei muito pouco sobre a vida pessoal daquele homem interessante. Resolvo enveredar por áreas mais pessoais.

— Como você sabe tanto sobre isso? Por acaso trabalha com engenharia ambiental?

— Não. — Ele ri e toma um gole do vinho Kosher. — Embora nosso ramo tenha a ver com o meio ambiente.

— Nosso?

— Sim, trabalho em uma empresa da família. Todos os meus tios eram sócios do meu pai, agora são meus.

— E a sua irmã? Não trabalha com vocês?

— Ariela tem cotas da empresa, mas seu marido tem uma companhia bem maior do que a nossa. Ela prefere cuidar dos seis filhos.

— Se... — Gaguejo. — Seis filhos? — Quase engulo o caroço da azeitona que estou mastigando.

— Vai me dizer que aquela mulher linda já passou por seis gestações?

— Sim. Minha irmã tem 42 anos, foi mãe pela primeira vez com 23. Na última gravidez, foram gêmeas.

Era difícil de imaginar. Ela parecia ter quase a minha idade olhando de longe.

— E você, quantos anos você tem?

— Trinta e três.

Senti um frêmito na barriga. Ele era bem mais velho do que eu pensava.

— Quero saber qual é a receita da sua família. Estão todos muito bem conservados — brinquei.

— Isso é um elogio? — O sorriso dele se abriu.

— Acho que estou te devendo um.

— E você, quantos anos tem? — Ele devolveu a pergunta, espetando um pimentão com o garfo.

Fiz suspense para responder.

— Quantos anos acha que tenho?

Ele espremeu os olhos, me analisando por dois segundos.

— Vinte e cinco.

— Vinte e três — corrigi.

Ele une as sobrancelhas.

— É muito jovem para ser viúva.

— Avisa isso para Deus.

Ignorando meu sarcasmo, Zac pega a minha mão direita e a alisa. Gosto do seu carinho.

— Por que não falou comigo no avião? — Aproveito o momento-sinceridade.

— Eu estava cansado e você parecia uma coelhinha assustada cada vez que olhava para mim.

— Não estou mais assustada.

Ele inspira fundo ao ouvir isso e coloca o braço livre atrás da minha cadeira, chegando mais perto. Seu olhar desenha o meu rosto antes de dizer:

— Deu pra perceber.

Sua proximidade me deixa alerta e meus olhos também acompanham seus traços. Nunca imaginei que estaria aqui com ele.

— Mas isso não significa que devemos ir rápido demais.

— Não estamos em uma maratona. Eu só quero ficar perto de você, se permitir.

— Por quê? Por que eu?

Zac sorri e abaixa os olhos, mirando sua mão que segura a minha.

— É o que estou me perguntando.

Levanto o rosto dele pelo queixo.

— Está dizendo que seria improvável se interessar por uma mulher como eu?

— Estou dizendo que é improvável que eu deixe você escapar.

Sua declaração afaga o meu ego, há tanto tempo adormecido. Algo nos atrai um para o outro e estou cansada de lutar contra isso. Estou longe de todos, de tudo. Zac é o meu presente. Não tenho

ideia do motivo de tê-lo conhecido nesse momento. Não busquei isso. Mesmo assim, aqui está ele.

Enquanto nos olhamos, pouso minha mão livre no seu pescoço. Zac solta a respiração ao meu toque, depois fecha os olhos enquanto afago a sua barba grossa. A sensação de carinho começa a fluir livremente dos meus dedos para a sua face. Sua textura é tão diferente do rosto liso de Thiago... Mas, não quero compará-los. Não quero pensar no passado. Apenas exploro seus traços com as mãos. Quando me olha de novo, seus lindos olhos azuis estão cheios de desejo e carência. Algo se acende em meu interior. Eu também o quero, com a mesma intensidade, e Zac sabe disso. Porém, me entregar a um homem dessa forma vai contra tudo em que eu sempre acreditei.

— Eu nunca me deitei com outro homem que não fosse o meu marido — revelo logo, para não criar expectativas.

Ao ouvir isso, Zac mantém os olhos na minha boca, não fala nada por um momento.

— Então, você é ainda mais linda do que

pensei. — Em uma atitude inesperada, seu rosto invade meu pescoço e me sinto desmoronar no meio do restaurante. Meus olhos se fecham, ao contrário da minha boca, que fica semiaberta. A textura de sua barba em minha pele é excitante demais para resistir. Seus lábios encontram meu pescoço por um momento e ficam ali, absorvendo o meu gosto. Não sei se corro ou se me jogo lá de cima. Em seguida, Zac se afasta.

— Vamos embora — ele diz, categórico. Eu simplesmente o sigo, hipnotizada.

Não precisamos pagar a conta, o que me deixa apreensiva. Será que ele era o dono do restaurante? Não, isso seria demais. A explicação mais óbvia é que cada proprietário do prédio tenha uma fatura em aberto a ser cobrada no fim do mês.

Andamos até o elevador sem trocar uma palavra sequer, mas, quando chegamos perto, Zac me conduz por outra porta, onde há outro ascensor mais reservado. Pegamos este, que nos conduz até o décimo-quinto andar. Começo a tremer, percebendo no que estou me metendo. Quando a porta se abre,

entramos direto em uma sala ampla, com poucos móveis, decorada em estilo nórdico nas cores cinza e amarelo. Ele me puxa para perto da enorme janela de vidro e me abraça por trás. A vista é quase tão linda quanto a do terraço, mas a consciência do corpo de Zac grudado no meu não me permite apreciá-la por completo. Aliás, mal consigo puxar o ar.

— O que estamos fazendo aqui? — Minha voz falha um pouco.

— Estamos reféns — ele sussurra.

Não posso contrariá-lo. Estou completamente prisioneira do que estou sentindo. Estou atraída por ele, desesperadamente. Preciso aceitar, não há por que permanecer em negação. E isso me amedronta e fascina ao mesmo tempo.

Quando me viro, como hábito, Zac me pega pelo punho e deposita os lábios com suavidade do dorso da minha mão. Tremo por dentro, impaciente, desejando mais, e ele parece me ouvir, pois dessa vez vira o meu braço e beija a palma. Acaricio o seu rosto com ao ponta dos dedos. Cauteloso, sua íris

celeste se volta para a minha enquanto beija o interior do meu pulso, subindo para o braço, vindo até mim. Penso que estou sonhando e não quero que esse sonho termine. É tão bom ser tocada desse jeito outra vez... Permito que ele venha, trilhando um caminho lento, desejando que chegue aos meus lábios. Creio que Zac percebe o fogo em meus olhos, pois aproxima seu corpo do meu e abaixa a cabeça para beijar o meu ombro. Estico meu pescoço para o lado oposto e seu nariz desliza por ali, subindo até a lateral da minha face.

— Você cheira tão bem... — ele afirma, mas como uma lamúria.

Fecho os olhos quando suas mãos envolvem meu rosto e sinto um beijo suave em minha testa, depois em meus olhos, na maçã do rosto e, por fim, um toque delicado de seus lábios nos meus. Sinto a sua barba, seu hálito quente em minha pele... Tudo é sensação e prazer. Queria congelar esse momento. Parar aqui. E fico feliz com a pausa que ele faz antes de dar o próximo passo. Nós dois nos encaramos por mais dois segundos antes que eu mergulhe em seus lábios, o que acontece em

seguida.

Zac me aperta contra ele, sem ansiedade, como se moderasse a sua força. Sinto-me completamente frágil em seus braços nesse momento. Tudo que ouvi dizer sobre a paixão era verdade. O calor, o furor, um desejo tão forte por alguém que dá vontade de chorar. É assim que me sinto com este homem. Seu beijo é maravilhoso. Até seu cheiro me emociona. Sinto uma lágrima lenta descer pela minha bochecha. Arrependimento misturado com prazer. Carinhoso, Zac para por um momento e a enxuga com um beijo. Em seguida, me pega no colo e me leva pelo corredor, sem que eu resista. E, então, vivo a noite mais apaixonante da minha vida.

Capítulo 10

Deus não demora muito para se mostrar para mim no dia seguinte. Por isso, quando Zac acorda em sua cama, já não me encontra mais lá. Estou tão apavorada com a minha atitude na noite anterior que

saio correndo do prédio às seis da manhã, como uma adolescente que precisa voltar a tempo para a casa dos pais. Não posso acreditar no que fiz. Jamais, em toda a minha vida, pensei que dormiria com um homem que mal conheço. Não vou negar que, no momento em si, foi maravilhoso, mas isso vai contra tudo a que me dediquei por toda a minha vida. Aprendi a amar a Palavra de Deus e me corrompi na primeira adversidade. Estou com tanta vergonha de mim que, assim que chego ao hotel em que estou hospedada, decido tomar um banho.

Derramo lágrimas de arrependimento durante quase uma hora debaixo da água quente. Não consigo orar, sinto-me suja. Penso nos meus pais, em Thiago, no meu filho, na minha líder... Quanta decepção eu traria para eles se soubessem do que aconteceu.

Hoje compreendo Angelina, minha amiga que teve um romance perturbador na faculdade. Como fui dura com ela ao julgar seus sentimentos. Aliás, sempre fui bastante crítica comigo mesma e com as pessoas em quem confio. Meus amigos e parentes sempre me viam como uma fortaleza. E, agora, uma

pequena rachadura havia derrubado as minhas muralhas.

Quando volto para o quarto, enrolada na toalha, o telefone ao lado da cama começa a tocar. Fico olhando para o aparelho, desejando que se aquiete. Sei que deve ser Zac e não quero falar com ele. Quero sumir. Estou disposta a mudar de hotel hoje mesmo. Estou prestes a colocar a minha roupa quando a campainha de meu quarto toca. Congelo e visto o roupão felpudo do hotel, me sentindo patética. Não posso ficar aqui trancada, apavorada como uma criança pequena. Confiro meu rosto no espelho, penteio os cabelos para trás e vou até a porta, com os olhos vermelhos e o rosto inchado. Respiro fundo antes de abrir. Quando o faço, Zac invade o meu quarto como um furacão.

— Zac, por favor...

— O que foi isso? O que deu em você?

— Eu precisava ficar sozinha.

— Eu acho isso muito engraçado. — Sua veia do pescoço está saltada. — As mulheres se sentem usadas quando um homem dorme com elas e

desaparece, mas o contrário parece ser permitido.

Eu concordo com cada palavra, sempre pensei assim. Há direitos e deveres para os dois lados.

— Me perdoe. — É só o que consigo dizer.

— Eu fiz alguma coisa que te aborreceu?

— É claro que não.

Zac puxa o ar fundo e encara a janela. Veste jeans e uma camisa rosa amassada, a mesma que usava ontem por baixo do terno. É a primeira vez que o vejo tão desleixado. De repente, mira minha mala fechada no chão e me encara com um olhar traído.

— Você vai embora? — Quer saber.

— Vou.

— Pra onde?

— Ainda não sei. — Enxugo uma nova lágrima com o pulso.

— Então, fica comigo enquanto estiver aqui.

É exatamente o que estou evitando.

— Zac, eu amei estar com você ontem. Mas, você não entende. Eu não sou cristã da boca para fora, eu realmente me preocupo em viver a Palavra. E isso vai contra tudo em que acredito.

Ele abaixa o olhar para o chão por um tempo, meditativo, parado como uma estátua. Suas mãos se apoiam no quadril e está muito descabelado.

— Eu entendo você. De verdade, Natasha. Mas não sinto que o que fizemos foi errado.

— Só porque você sente alguma coisa não quer dizer que está certo.

Ele me encara novamente. Não está disposto a aceitar o meu argumento.

— Desde que a minha mulher se foi, eu nunca mais me senti assim com ninguém. Não quero que isso acabe. Vem aqui. — Ele não me deixa escolher. Dando um passo até mim, agarra os meus pulsos e me puxa em sua direção. Depois, me envolve com os braços. Sua pele é quente e macia, mas posso sentir a dureza dos ossos. — Isso não parece certo para você? Nós dois juntos?

Não posso responder. Apenas fico calada e ensaio uma oração. Peço a Deus forças para fazer o que é certo. Zac tenta achar o meu rosto e ergue o meu queixo com uma mão. Mantenho os olhos fechados. Não quero vê-lo. Não posso. Minha carne ainda está marcada a ferro com cada carícia da noite anterior, cada beijo, cada toque.

— Vá embora — clamo. — Por favor.

— Não.

Afasto o meu corpo dele. Eu preciso pensar.

— Pelo menos, deixa eu vestir a minha roupa. Me espera lá embaixo e tomamos café juntos.

— Não vou te dar a chance de fugir.

— Você está começando a me assustar. — Encaro-o.

— Você também me assustou quando fugiu daquela maneira. Que droga, Natasha, eu estou disposto a fazer as coisas do seu jeito. Faço o que você quiser. Só não quero que vá embora.

No fundo, eu também não quero ir. Estou fugindo é de mim mesma.

— Me espera lá embaixo. Prometo que não vou fugir.

Ele fica me olhando, indeciso. Em seguida, avista o meu passaporte em cima da mesa. Não pensa duas vezes, pega-o e coloca-o no bolso da calça.

— Só para garantir — diz antes de sair.

Sento na cama e coloco a cabeça nas mãos. Não acredito que isso esteja acontecendo. Pelo visto, não me livrarei dele tão facilmente.

Capítulo 11

Nas semanas seguintes, minha sede por Zac somente aumentou. Foi tudo muito intenso entre nós. Aquele empurra e puxa, desejo e repressão... Fiquei presa naquele ciclo, inebriada, aprisionada por vontade própria. De alguma maneira, ele havia me convencido não somente a ficar em Tel Aviv, como

a me mudar temporariamente para o seu apartamento. Uma parte de mim sabia que eu ainda amava Thiago, mas estava indiscutivelmente enfeitiçada por Zac. Aprendi que amor e paixão podem coexistir, mas é um ou outro quem puxas as rédeas do coração.

Passamos dias inteiros no quarto, nos amando sem parar. Eu estava imersa em um redemoinho de desejo do qual simplesmente não conseguia sair. Era como uma droga que me anestesiava de todos os outros problemas. Tomamos demorados banhos juntos, trocamos massagens, vimos filmes e voltamos a fazer amor. Ficamos nos braços um do outro por horas a fio, sem nos preocuparmos com tempo nem horário, conversando profundamente. Eu podia ouvi-lo falar a respeito de qualquer coisa e achar interessante. Mesmo quando discordávamos, ficava feliz de expressarmos nossos pensamentos, como nos sentíamos em relação às situações. O sentimento de intimidade que aflorou quando nos conhecemos inflava a cada dia. Não era apenas a união de corpos que nos conectava, era o que sentíamos *após* a consumação: uma alegria única na companhia um do outro. A compreensão mútua e os

carinhos ternos faziam com que a atração visual fosse apenas um bônus. Era como se o tamanho do mundo tivesse se reduzido àquele aposento. Aliás, ele não era maior do que o espaço entre nossos lábios.

Para quem me conhecia de longa data, eu estava irreconhecível. Desobedecia descaradamente ao mandamento de Deus a respeito do sexo dentro do matrimônio. Decidi fechar as cortinas para qualquer sentimento de culpa ou arrependimento. Hoje, consigo entender melhor o meu lado humano, carnal, pois ainda que eu tenha fundação espiritual herdada da minha família, não tive forças para evitar meu comportamento. No entanto, é a primeira vez que estou realmente feliz desde que Thiago e meu filho se foram. Como posso abrir mão do que estou sentindo? Não quero pagar esse preço, e, por baixo da superfície, isso me envergonha. Porém, com o passar do tempo, fui me convencendo de que o meu espírito estava fazendo o melhor que podia e que Deus poderia ter um motivo especial para ter permitido que eu conhecesse Zac. Seus planos se revelariam com o tempo.

Nas poucas vezes em que saíamos, ele me levava a lugares lindos e sofisticados. Descobri, com grande choque, que sua família fornecia pedras preciosas para diversas joalherias do mundo. Eram proprietários de algumas minas de diamantes na Bahia. Entretanto, isso não afetou em nada o que eu sentia sobre ele. Eu queria tê-lo por perto, só isso. Não me importava com mais nada.

Procurava mandar fotos para os meus pais e amigos com regularidade, para que não ficassem preocupados. Liguei algumas vezes, mas não me demorei na conversa. Odiava mentir. A única pessoa que desconfiou abertamente de que havia algo errado comigo foi Ana. Acho que ela me conhece até melhor do que o meu irmão.

Em uma manhã de segunda-feira, saio do banheiro e encontro Zac de pé no quarto. Ele está de costas, completamente nu e falando no celular, olhando através da janela. Já haviam entregue no apartamento um carrinho com o nosso desjejum, um dos serviços fornecidos pelo edifício. Pego uma nectarina e apoio-me no batente da porta, vestida somente com uma camisa dele, e fico admirando-o.

Nossa ligação é muito mais do que meramente física, mas isso não significa que eu não aprecie cada curva do seu corpo. Está em ótima forma. Quando se dá conta da minha presença, vira-se e seu olhar se concentra em mim. Fala sobre trabalho, mas seu sorriso me tem como único destino. Quando encerra a ligação, joga o celular sobre a cama e pega a sua xícara de café sobre o carrinho.

— Há quanto tempo está me espionando?

— Admirando seria a palavra certa. — Sorrio, dando uma mordida na minha fruta.

Sem retirar os olhos de mim, Zac bebe o líquido preto em um gole só, como se fosse água.

— Arrumei uma *voyeur*? — Pousa a xícara no pires.

— Espero que tenha somente uma — brinco.

Ele dá a risada mais carinhosa de todas e vem andando até mim. Quando chega perto, não me beija, passa os braços pela minha lombar e me puxa para perto de si, com um suspiro profundo.

— Você está arruinando meus negócios,

pombinha.

— Pombinha? — Recuo a cabeça com uma expressão debochada.

— Sim. Por quê? Não gosta?

— Não, é... diferente.

— Nunca leu no livro de Shir haShirim, ou *Cantares*: "Minha pomba, mostra-me teu rosto?" Está no Tanakh, que vocês chamam de Antigo Testamento. É um apelido comum por aqui. Além disso, você é miúda, linda e branquinha. É perfeito para você.

— Bom, então eu aceito. — Deixo a iguaria de lado e passo os braços pelo seu pescoço. — Por que estou prejudicando seus negócios?

— Porque tem me mantido prisioneiro.

— Você é livre para ir. — Afasto-me ligeiramente e ergo uma sobrancelha.

— Você que pensa. — Ele se abaixa para me beijar. O cheiro de café ainda está na sua barba. Inspiro profundamente quando ele me solta. — Tem alguma coisa em você que me deixou viciado. —

Tomo isso como um elogio e sorrio. — Preciso ficar fora três dias. — Ele joga a bomba, levando meu bom humor embora.

A notícia súbita me deixa meio abalada. Claro que ele já havia saído sozinho algumas vezes, mas sempre voltava rápido. Entretanto, realmente não podemos ficar ilhados aqui para sempre. A vida precisa seguir e há um mundo inteiro nos esperando lá fora. Zac percebe meu desapontamento e pergunta se eu ficaria bem sem ele por alguns dias, asseguro que sim e o ajudo a preparar suas coisas.

Mais tarde, quando minha nova paixão e sua mala entram no elevador, sinto o ambiente mais frio. Zac me manda um beijo silencioso quando a porta se fecha e perco o acesso aos seus olhos. Imediatamente, é como se as paredes da sala se encolhessem sobre mim, evidenciando meu estado de solidão, agora agravado pela ausência do dono. O que vou fazer aqui sozinha durante três dias? Nem sequer tenho um bom livro para ler.

Caminho até perto da janela e olho para a rua lá embaixo, com a testa encostada no vidro. Fico

parada até ver o Corolla dele sair, como se com isso pudesse me conectar a Zac mais uma vez, mas ele se vai. Assim que isso acontece, me jogo de costas no sofá e fico mirando o teto. Uma sensação estranha toma conta do meu corpo, um torpor misturado com boca seca. Conheço bem essa sensação, pois convivi com ela nos últimos meses. Por uma fração de segundo, fecho os olhos e deixo a escuridão tomar conta e se expandir, até que passa para algo pior: uma lembrança, um flashback. Eu estava chorando ao lado do leito do meu marido na UTI, dizendo que o amava e que o amaria para sempre. "Por favor, Thiago, por favor, volte para mim. Como vou viver sem você?" O ritmo intermitente dos aparelhos ligados a ele começa a mudar e se torna um barulho contínuo. "Não, não, não, não..."

O ar encontra dificuldade para entrar em meus pulmões e eu me sento rápido demais, o coração batendo acelerado, a cabeça latejando. O nó que se instala em minha garganta parece um caroço de pêssego, duro e inflexível. Não consigo engolir. Mal consigo respirar. Não posso permitir que isso aconteça. Não posso revisitar o passado. Se ficar

aqui, vou me sentir péssima o dia inteiro. O mal-estar virá em ondas, mais forte, depois mais fraco, e então arrebatador. Em seguida virá o frio na barriga, o rosto sem expressão, os olhos pesados querendo fazer tudo em volta desaparecer... Por isso, resolvo sair.

Logo me vejo diante do closet de Zac. Ele havia cedido um espaço inteiro para mim, como se precisasse. Eu havia sido bem minimalista ao arrumar minha mala para essa viagem e a única coisa que acrescentei foi o vestido caríssimo do nosso primeiro encontro formal e uma jaqueta de couro. Fico olhando fixamente por cerca de cinco minutos os cabides do meu anfitrião, repletos de ternos elegantes, um guarda-roupa perfeito para um executivo do porte dele. Em alguns momentos, não me sinto à sua altura, mas logo desvio o pensamento. Basta me lembrar da maneira apaixonada como Zac me olha.

Nos primeiros dias em que estive aqui, ficava histérica para me arrumar nas poucas vezes em que ele me convidou para sair. Nunca achava a roupa certa para a ocasião e não queria repetir aquele

vestido todas as vezes. Para implicar comigo, Zac começou a ligar um cronômetro e me dar vinte minutos de prazo para me arrumar, porque sabia o quanto isso me irritava. Lembro de uma vez quando ele estava morrendo de rir enquanto eu o perseguia pelo apartamento para pegar o relógio, ameaçando jogá-lo lá embaixo. Ele parou perto da janela e colocou o enorme braço para cima. Fiquei pulando feito uma criança, tentando alcançar sua mão. Em seguida ri junto, porque não consegui me controlar ao ouvir sua gargalhada gostosa.

Dez minutos depois — acho que o lance do cronômetro está funcionando —, estou na parte externa do terraço para tomar um segundo café no restaurante do nosso primeiro encontro. Como só havia comido uma fruta, peço um omelete com pimentões. Depois, um café preto. Estou sentada perto do jardim, diante de uma vista magnífica, observando o telhado de uma mesquita, com os pés em cima da cadeira da frente e a cabeça inclinada para trás, tomando sol. O restaurante está praticamente vazio, por isso me sinto muito à vontade. O garçom, que já me conhece de outras

vezes, me dá privacidade e não fica me interrompendo o tempo todo. Quem me tira do meu momento particular é o celular, que Zac insistiu em deixar comigo, que está apitando. Ele disse que seria bom eu ter um número local e deixou um de seus aparelhos comigo. Olho para a tela e vejo que chegou uma mensagem dele.

Zac: Foi o cheiro. O cheiro que me deixou viciado. Da próxima vez que eu viajar, preciso levar uma roupa sua. Já estou com saudades, pombinha.

Eu me acendo de felicidade no mesmo instante, quase beijo a tela. Estamos afastados somente há pouco mais de uma hora, mas parece muito mais. Aquele pequeno contato concede um alívio ao meu peito, uma sensação de paz. Ele também está pensando em mim. Zac é um homem forte, protetor e gentil, que me faz sentir segura. Começo a digitar:

Natasha: Para que levar uma roupa minha se pode levar o pacote inteiro?

Ele rapidamente visualiza a mensagem.

Zac: Não me tente, ou vou precisar fazer a

volta para ir aí te buscar.

Dou uma risadinha e escrevo:

Natasha: E quem disse que estou em casa?

Ainda sorrindo, aperto *enviar*. Acho bom que ele não pense que sou o tipo de mulher patética e grudenta, que não vai lhe dar um minuto de paz. Muito menos que vou ficar de molho roendo as unhas a cada vez que ele se afasta de mim. Então, embora todos os átomos do meu corpo desejem que ele volte, não peço isso. Deixo-o pensar que estou bem na ausência dele.

Zac: Pois faz muito bem de passear. Como está a vista hoje aí no terraço?

Tomo um susto e olho para trás. Como Zac sabe onde eu estou? Será que colocou alguém para me espionar? Recosto-me na cadeira, olhando para os lados. Depois aperto os olhos para o aparelho nas minhas mãos. É claro, o celular. Um homem importante como ele deve ter rastreador. Torno a apertar as teclas:

Natasha: Jogo sujo, mocinho. Quer dizer que

você pode me controlar e eu não?

Zac: Isso não é para o seu controle, é para a sua segurança. Por favor, mantenha o aparelho perto de você. Preciso ir. Bjs pombinha.

Desfaço o meu sorriso e meus pelos da nuca se arrepiam. Para a minha segurança? O que ele quer dizer? Será que Zac e sua família são pessoas visadas?

A perguntou soa ridícula até para mim. É claro que são. Afinal, são empresários do ramo de diamantes. É a primeira vez que sinto o patrimônio de Zac pesar sobre mim. Nunca convivi com nenhum milionário e ele não se comporta como um. Não é arrogante, nem pretensioso. É uma pessoa reservada, mas simples. De todo modo, sempre achei que quem se comporta de maneira rude por conta de suas posses é, em geral, um alpinista social, ou um "novo rico".

Tento não ficar encucada com isso e resolvo dar um passeio na rua. Por precaução, resolvo guardar o telefone dele na bolsa. Mas, antes, vejo a previsão do tempo no meu celular. A promessa é de

que o fim de semana será lindo, pelo menos é o que estão anunciando. Sol a pino, calor e céu claro. Zac voltará na quinta-feira. Portanto, talvez possamos ir a algum lugar de carro na sexta — não no sábado, quando ele cumpre o Shabat: dia do descanso dos judeus —, com uma cesta de piquenique, onde passaremos a tarde deitados sobre uma manta sob o sol, ele bebendo vinho e eu um suco de tâmaras. Ou, talvez, possamos grelhar alguma coisa antes de anoitecer.

Aliás, esse é um tema que ainda me choca, positivamente. Em Israel, as pessoas fazem muito churrasco ao ar livre, em qualquer lugar. Não é nada demais para os locais. Eles adoram. Curtem muito esse momento entre amigos e família. Pode acontecer a qualquer momento. Muitos se organizam e levam tudo. Tudo, mesmo! Mesa, cadeiras, churrasqueira, pratos, talheres, copos e muita comida e bebida. Pode ser em uma pracinha, na praia, em um parque, ou seja, qualquer lugar considerado agradável sempre terá uma família inteira se divertindo, independentemente de classe social. Seus rostos vão corando com o passar do dia

por causa do sol e do álcool, para depois voltarem cambaleantes para casa, de braços dados.

Felizmente, não preciso pagar a conta, basta dar o número do apartamento de Zac. No começo, isso me incomodava, hoje não mais. É uma praticidade.

Desço o elevador acompanhada de mais duas pessoas. Há rostos familiares por aqui, gente que vejo quase todos os dias, mas não me atrevo a cumprimentá-los. Na verdade, ninguém se olha por muito tempo diretamente. Chega a ser um pouco estranho. Talvez, seja ofensivo encarar uma mulher sozinha aqui no Oriente. Se for isso, gosto desse respeito. Quando a porta do elevador se abre para mim, jogo-me para a claridade, disposta a me entreter até a noite.

Capítulo 12

— Sim, mãe, esse aqui é o meu hotel. — Estou apontando a câmera do meu celular para a fachada

do prédio de Zac. Ela e meu pai falam em vídeo comigo ao telefone.

— É um prédio muito bonito — comenta meu pai. — Qual o nome dele e o número do seu quarto?

— Bem, é... — Desvio o olhar do aparelho. — É complicado de pronunciar. Depois te mando o nome por mensagem. Preciso desligar agora.

— Não demore tanto para ligar outra vez — suplica minha mãe. — Estamos com saudades. Já sabe quando vai voltar?

Respiro profundamente e miro meus pés. Depois, volto os olhos de novo para a tela.

— Ainda não. Tenho me sentido bem aqui, vou ficar por mais algum tempo.

— Bem... — Ela força o sorriso, mas sei que está cheia de saudade. — Pelo menos seu rostinho está melhor, me parece mais feliz.

— Eu estou.

— Me ligue durante a noite. Quero orar com você mais tarde. — A voz do meu pai tem um leve tom de ordem.

— Pode deixar. — Mando um beijo e depois desligo.

Dois segundos depois estou andando pelas ruas de Tel Aviv. Seus edifícios de arquitetura arrojada e traços de modernidade me encantam. É outono, o tempo está fresco e sem ventos, as nuvens parecendo recortes perfeitos de si mesmas. Como tenho economizado muito ficando na casa de Zac, resolvo esbanjar um pouquinho e comprar mais vestidos para estar melhor preparada para meus passeios com ele. Aproveito para comprar novas lingeries, pois, por algum motivo, minhas roupas de baixo antigas não me trazem uma boa sensação. Talvez porque sejam as mesmas que eu usava com meu antigo marido. Quero algo diferente, algo mais sexy. Já ouvi dizer que as mulheres daqui usam conjuntos fabulosos. E, realmente, é o que encontro na primeira loja onde entro. Compro sete conjuntos, um para cada dia da semana. Saio da loja satisfeita e determinada a jogar os usados fora.

Às duas e meia da tarde, delicio-me com uma rápida comida de rua em Jaffa e sigo para a praia Gordon, onde pretendo passar o fim da tarde. O

local está lotado de turistas, esportistas e pessoas tomando sol. Tiro minhas sapatilhas e sento-me na areia, ao lado das minhas sacolas, com um suco de romã na mão. Nem observo as pessoas que passam, só as escuto. Estou olhando para o mar e pensando no privilégio que tenho de estar aqui, na Terra Santa. Sonhei a vida inteira com isso. Mesmo que eu não esteja em meu melhor momento espiritual, ainda acredito em tudo que me foi ensinado. Tenho certeza de que, no momento certo, voltarei a trilhar o caminho que Deus desenhou para mim.

Bebo a paisagem à minha frente com gratidão. Meia dúzia de gaivotas roçam as ondas do Mediterrâneo em busca de algum peixe. Fecho os olhos por um momento e deixo o calor e a luz do sol banharem a minha pálpebra. Sei que poderia estar em qualquer lugar. Poderia estar no sul da França, poderia estar em alguma ilha grega ou em Copenhague, em meio àqueles prédios coloridos e trens levando os turistas de um lado para o outro. Mas, será que estaria tão feliz? Nenhum lugar do mundo seria tão completo para mim. Aqui, tenho as raízes da minha fé, e tenho Zac.

O sol inicia a sua descida preguiçosa, encompridando as sombras e começando a pintar as árvores de dourado. O sal do mar parece estar grudado na minha língua quando decido me levantar. A noite está agradável, com o céu cor de púrpura, quente, mas não muito abafada. Caminho até uma cafeteria próxima e peço um copo de café. Quando saio do estabelecimento, no caminho para casa, sou brindada com uma linda apresentação da dança típica judia. Um grupo de jovens se apresenta aos pares, ao som de uma música em hebraico. Outros casais começam a se juntar aos poucos, como em um mobi. Não consigo parar de sorrir. Parece que estou assistindo a tudo em câmera lenta. É tão lindo ver os cabelos das meninas esvoaçando ao seu redor enquanto dançam... Como gostaria que Zac estivesse aqui comigo para dançarmos também.

Em minha primeira noite sozinha no apartamento, sinto uma saudade que nunca pensei que possuísse, pelo menos não por uma pessoa viva. Trocamos algumas mensagens carinhosas, mas isso não é o suficiente para aplacar a falta que Zac faz. Sua cama parece imensa sem a presença do seu

corpo. Durmo mal e tenho um pesadelo terrível em que vejo a cortina de um templo se fechar para mim, de cima para baixo. Seu tecido é grosso e feito de material azul, roxo e escarlate, de linho fino torcido. No sonho, tento procurar uma brecha no véu, para tentar passar para o outro lado do pano, mas ele parece infinito. Para a direita e para a esquerda, não posso ver o seu fim. É como se nunca tivesse sido separado, não há costura por onde o pano foi unido. Caio em prantos no chão, desesperada, e então acordo. Sinto um desassossego interno quando tenho a impressão de ver um vulto se desviando de mim.

O pesadelo me deixa ansiosa. Então, acendo a luz do abajur ao lado da cama. Em seguida, febril, me levanto e percebo que ainda é madrugada. Não consigo mais dormir. Fico andando pela casa, sem rumo, como se buscasse alguma coisa que não sei o que é. Tenho a sensação estranha de que não estou sozinha. Para evitar o pensamento, ando até a cozinha e bebo um copo de água. Quando retorno para a sala, vejo uma caneca deixada em cima da mesa e fico me perguntando se fui eu quem

realmente a deixou ali. Não me recordo. Realmente, não me recordo. A sensação que tenho é de que algo no aposento foi mexido. Nada está fora do lugar. Apenas... diferente. Devo estar enlouquecendo. Mesmo assim, confiro duas vezes a fechadura da porta. Estão trancadas. Mal posso esperar que Zac volte para casa. Preciso dele perto de mim.

O próximo dia se estende à minha frente, nem um minuto sequer ocupado. Não tenho ânimo para sair. Peço o café da manhã no apartamento e fico olhando através da janela. Meu chá já esfriou em cima da mesa, mas estou em uma posição confortável demais para me dar ao trabalho de me levantar e pedir outra xícara. Como mecanicamente uma torrada sem geleia, seca e indegustável. Passo muitos minutos assim, reflexiva. Meu dia parece vazio e sem propósito agora que não tenho com o que me distrair. Tenho preguiça até de escovar os dentes. Sinto muita falta de Zac. Saudade das nossas conversas.

Às vezes, me pego com vontade de me comunicar com alguém do Brasil, mas então penso: sobre o que eu conversaria com eles? Odeio mentir,

bem como sonegar informações. E eles nem reconheceriam a Natasha que vive amigada em um apartamento luxuoso em Tel Aviv. Não posso correr o risco de responder a muitas perguntas. Vou esperar o inverno chegar e então decidirei o que fazer com a minha vida. Sinto-me culpada por meu novo estilo de vida boa parte do tempo, mas não o suficiente para abandonar meu novo companheiro de quarto.

Talvez, eu tente arrumar um emprego para ocupar mais a cabeça. Também não sei por quanto tempo Zac ficará em Israel. Aliás, a perspectiva de me afastar dele por muito tempo me assusta. Quando vim para cá, foi em busca de um refúgio, de um modo de escapar de todo o meu sofrimento. Encontrei tudo isso na companhia de Zac, mas me pergunto como seria se nos afastássemos novamente. Será que, se não tivéssemos nos conhecido, eu teria me recuperado? Será que conseguiria, sozinha, encontrar o que vim buscar? E se aquilo que eu procuro não puder ser encontrado? E se for impossível recompor os meus pedaços?

Não quero mais pensar sobre isso. Tento focar no aqui e agora. Quem sabe eu não volte com Zac

para o Rio de Janeiro... Para a capital, não para Petrópolis. Ainda penso em minha cidade natal com muito afeto, mas não cogito voltar para lá tão cedo. Só de imaginar, meu coração começa a bater acelerado. Porém, não preciso me preocupar com isso agora. Ainda vamos ficar aqui por algum tempo, eu espero. Seria uma pena desperdiçar esses dias de outono ao lado dele.

De episódios pontuais do resto do dia, registrei apenas impressões. A camareira trazendo o almoço, o barulho dos programas de tevê, eu tentando inutilmente folhear algumas revistas e depois sentada no chão, com as costas apoiadas na parede, descascando uma das unhas. Pelo menos, consegui pegar no sono cedo naquela noite de terça-feira, sem sonhos.

Na manhã seguinte, descubro que há uma piscina no prédio e desço para nadar. Faço isso por uma hora e cinquenta minutos, impressionada com meu próprio desempenho. Sempre amei estar dentro da água. Em dias de maré baixa, quando adolescentes, eu e meu irmão nadávamos quase um quilômetro até uma ilhota em Paraty, perto da casa

de nossa avó. Na volta, sentávamos em um bar e comíamos açaí, assistindo as hordas de turistas que passavam, imaginando suas origens a julgar pelas roupas.

— Essa é alemã, a julgar pelos sapatos — palpitava eu, com convicção.

— E aqueles ali? — Dante apontava outro grupo de turistas.

— Árabes. Não vê o tamanho dos narizes?

Ele caía na risada.

Essa recordação me dói tanto que afundo na piscina para abafar meu choro. Sinto tanta falta dele! Sua ausência estava aqui, escondida dentro de mim. Dante sempre foi o meu melhor amigo, meu confidente. Tanto ele quanto Angelina sempre estiveram presentes nos momentos mais importantes da minha vida. E agora, mal sabem quem me tornei. O peso que sinto em meu corpo quando saio da água clorada se mistura à culpa. Volto para o quarto para me trocar. Resolvo passar um tempo andando pela cidade para me entreter, mas nada prende a minha atenção. No fim do dia, retorno para casa e

percebo que estou com fome. Só tomei o café da manhã, nem água bebi direito. Pretendo pedir comida no apartamento, mas, assim que entro, uno as sobrancelhas quando vejo que as luzes da sala estão acesas. Tenho certeza de que não as deixei assim. Meus olhos se arregalam, abro um sorriso e vou correndo para o quarto.

Zac está de costas, tirando os sapatos. Vira-se para me ver e é como se o tempo não tivesse passado desde a última vez em que nos vimos. Seu rosto de ilumina e um sorriso largo toma o centro de suas feições. Ele estende os braços para mim e corro para ele, me jogando em seu corpo. Ele me iça e caímos juntos na cama.

— Que recepção. — Ele gira para cima de mim e me dá um beijo íntimo e poderoso. Sinto cada membro do meu corpo relaxar ao sentir seu peso. Meu coração fica quente. — Isso tudo é saudade?

— O que você acha? — Sorrindo, começo a puxar a camisa dele de dentro da calça, mas Zac detém minhas mãos e as prende acima da minha

cabeça. Dou risada.

— Calma, pombinha. Sei que quer me dar as boas-vindas, mas temos um compromisso.

— Temos? — Meu desânimo é evidente.

— Infelizmente. — Ele sai de cima de mim e me dá a mão para que eu me levante também. — Um coquetel.

Ajeito o meu cabelo. Não estou nem um pouco a fim de voltar para o mundo exterior.

— Temos mesmo que ir?

—— Sim, só consegui voltar mais cedo da viagem porque agendaram o lançamento dessa coleção de joias. Preciso marcar presença.

Inspiro e concordo com a cabeça. Pelo menos, tenho novos vestidos para exibir. Mentalmente, decido usar o verde que adquiri em minhas últimas compras. É um tubinho, somente com uma alça. Bastante elegante e marca bem a área da cintura.

Menos de vinte minutos depois saio arrumada e maquiada do banheiro e vou para o closet pegar os sapatos. Ousei usar um batom vermelho-cereja, que

Zac elogia. Ele está lindo em seu terno preto e usa o quipá. Maravilhoso, sexy e irresistível. Enquanto calço os saltos altos, observo-o ajeitar a gravata na frente do espelho. É impressionante — e um pouco assustador — como a simples presença dele no apartamento me acalma. Talvez, se eu puder aprender a reter esse sentimento de segurança, se me concentrar na felicidade que sinto neste momento com ele, se não ficar me perguntando o que acontecerá em nossa próxima separação, talvez tudo fique bem da próxima vez.

Zac sorri quando me olha pelo espelho, iluminado seus lindos olhos azuis, e pega algo dentro do paletó. Depois, vira-se para mim e vem caminhando com uma caixa de veludo preto nas mãos. Quando a abre, paraliso. Um colar e um par de brincos de safira preta com diamantes estão me encarando. Não sei o que dizer. Respiro fundo para encher os pulmões, só agora percebo que prendi a respiração.

— Zac, o que é isso?

— O toque que faltava. — Ele retira o colar

da caixa e a põe na prateleira. Depois, me vira e começa a colocá-lo em mim.

— De quem é isso? — Ainda estou petrificada quando pergunto.

— É seu. — Ele beija a minha nuca.

— Não posso aceitar. — Eu me viro.

— Por quê?

— Porque... não quero que pense que estou contigo por interesse.

Ele sorri com ternura.

— Eu jamais pensaria isso de você, pombinha.

Analiso minha imagem no espelho atrás dele. A mulher que vejo ali não se parece comigo. Aperto a joia fortemente contra o peito, maravilhada. Depois, ainda relutante, direciono meu olhar para Zac. Ele me desestabiliza, me confunde. Meu coração bate rápido demais perto dele. Só esse fato já devia me alertar do perigo. Mas, em vez de recuar, estou sempre dando um passo para mais perto.

— Eu não sei como agradecer.

— Mas eu sei. — Ele pega a minha mão e me puxa para fora do quarto. — Mas, mais tarde. — Ele pisca.

Capítulo 13

Não vamos no carro de Zac. Tem um motorista nos esperando em frente ao prédio. Assim que entro no sedã preto pela porta de trás, deixo o meu mundinho de pessoa comum lá fora por um momento e decido me envolver no mundo do meu ilustre acompanhante. Sinto-me linda e poderosa neste vestido. O olhar do homem ao meu lado confirma, pois ele sorri para mim discretamente durante o caminho, em silêncio, dissecando-me com os olhos. Sinto quenturas estranhas por todo o corpo enquanto retribuo o olhar.

Quando chegamos e descemos do veículo, reparo, abismada, na construção onde acontece o evento. A não ser pelo tamanho reduzido, parece um

palácio quando chegamos. Tem uma imponente parede de pedras em tons de terracota e portas arredondadas na parte de cima. Muitas plantas e palmeiras ornamentam a entrada. É o Ilana Goor Museum, uma casa-museu bastante acolhedora de uma renomada artista israelense. Já estava na minha lista para visitar. Zac me explica que Ilana é uma pessoa artística e culturalmente importante em Israel. Fez de sua própria casa um local para expor suas obras e de outros expoentes mundiais. Foi aberta excepcionalmente para este evento muito bem selecionado. Tenho vontade de me beliscar para ter certeza de que estou aqui.

Quando entramos, antes que possamos cumprimentar alguém, pergunto a Zac se posso visitar o interior. Ele me acompanha discretamente, desviando-se de pessoas conhecidas. Aliás, a infinidade de pessoas e mulheres bem-vestidas que se encontra diante dos nossos olhos mina um pouco a minha autoconfiança.

O museu contém três andares, além do chão de fábrica. Os primeiros espaços são amplos e é ali que o evento ocorre. O segundo andar está

reservado para salas de estar. No terceiro, fica o jardim: uma combinação extraordinária entre natureza e arte, com esculturas espalhadas no fundo. As obras de artes são ecléticas e incluem pinturas e antiguidades. Também observo design de itens e objetos úteis pelo caminho de volta. Zac me conta que as obras foram adquiridas durante viagens que duraram cinquenta anos. Vejo também peças contemporâneas de artistas jovens israelenses, além de coleções de artistas internacionais, como da África e da América do Sul. Cada quarto possui peças de diferentes épocas e lugares, cada uma com um conteúdo único e história independente por trás dela. É simplesmente fascinante, não quero sair desse ambiente, mas precisamos interagir no evento.

Zac começa a cumprimentar algumas pessoas e me apresenta como sua namorada. Não demora muito, sinto olhos penetrantes das mulheres do local me perfurando como alfinetes. Os olhares são julgadores, fico confusa. Será que fiz algo errado? Será que me vesti mal para a ocasião? Vejo que ele não percebe nada disso. Conversa descontraidamente com um grupo de senhores que

também usam quipá e logo é cercado por mais pessoas. Zac tem brilho próprio. É como se fosse o centro de toda interação. Pelo visto, é um homem que todos admiram e parece reluzir mais do que um de seus diamantes.

Alguns garçons passam por nós e pego um copo de água para beber, tão nervosa estou. Gosto de estar sozinha com ele, mas aqui, no meio dos seus, tenho medo de parecer inadequada, de cometer uma gafe. Outros copeiros estão perfilados com exatidão militar perto de uma parede, todos vestidos de branco. Estou olhando para eles quando vejo Ariela flutuando até nós em um lindo vestido laranja. Não sei por que, meu coração dispara. Sinto um misto de admiração e inveja. Ela exala confiança. Estou recuperando o controle para dizer algo agradável quando ela se aproxima do irmão, sem olhar para mim.

— Zac, posso falar com você sozinha um minuto? — Ela cumprimenta em português. Observo-o ficar sério e beijar seu rosto com relutância. — Ele olha para mim, como se pedindo permissão. Com um sorriso curto, consinto que vá.

Ambos caminham para longe e me sinto do tamanho de uma formiga.

Sozinha pela primeira vez, fico perdida. Não entendo nada do que estão falando à minha volta. Vejo catálogos de joias nas mãos de vários clientes e algumas modelos circulam usando itens da nova coleção. É tudo tão surreal para mim, tão fora da minha rotina... E só piora quando vejo duas mulheres a três metros de mim cochichando e me mirando com repugnância. Sinto um aperto na barriga e meu coração começa a bater mais forte. O que está acontecendo? Parece que todos aqui percebem que eu não me encaixo.

Aliso o meu vestido e esquadrinho a multidão, em busca do rosto de Zac. Ele e Ariela estão quase fora do evento, bem afastados, mas posso vê-los entre os chapéus pretos de dois empresários judeus ortodoxos. Não sei sobre o que estão falando, mas o vejo movimentar os lábios com muita rigidez ao falar. Ele leva uma mão à testa e depois coloca as duas na cintura. Sua irmã está com os braços cruzados e o corpo inclinado para a frente, falando rápido. É fato: eles estão discutindo. Só espero que

não seja por minha causa. Quando ela o toca no ombro, Zac tira a mão e gira o corpo para voltar para cá. Seus lábios estão apertados, mas, quando chega perto de mim, seu olhar se torna amoroso e ele pega a minha mão.

— Está com fome?

— Sim.

— Então, vamos buscar algo para comer.

Deixo-me guiar em meio aos convidados e paramos em uma mesa.

São tantas iguarias que não sei o que escolher. Zac escolhe por mim e me faz provar aperitivos picantes e maravilhosos. Alguns são a mistura perfeita de salgado com doce. Como e bebo suco de uva até ficar satisfeita. Em certo momento, ele chupa a ponta do próprio polegar para limpar um resto de molho e se vira para mim.

— Vamos embora — determina.

— Mas já? E os seus clientes?

— Eles já me viram.

— Mas você mal interagiu...

Zac me olha e passa seu indicador na linha do meu nariz.

— Quanto menos eles me veem, mais me querem.

Abro um sorriso maroto.

— Isso não funciona só para os clientes.

— Eu sei. — Ele ri e me puxa para andar abraçado.

Está mais frio fora do burburinho. Por isso, Zac tira o paletó e o coloca sobre os meus ombros. Amo o cheiro que está nele. Entramos no carro que nos espera e partimos para casa. No caminho, passamos pelo local onde vi os judeus dançando, agora deserto, e comento com ele sobre como senti sua falta naquela hora. Zac manda parar o carro imediatamente. Quando desço, ele toma a minha mão e me puxa para uma posição de dança conjunta.

— Zac, não precisa fazer isso — eu rio.

— Eu quero fazer. Quero que você tenha tudo

o que deseja.

Tenho certeza de que meus olhos estão brilhando quando deito a cabeça em seu peito. Meu coração se aquece quando escuto sua voz rouca cantar baixinho em hebraico. Fecho os olhos e me deixo levar, flutuando em um sonho onde não existe nada além de nós dois naquele momento.

Já em casa, sento-me no sofá para tirar os sapatos altos e fico observando-o desabotoar a camisa, indecisa se devo ou não fazer a pergunta que está martelando na minha cabeça. Por fim, decido fazê-la.

— Por que brigou com a sua irmã?

Zac não responde e nem olha para mim. Começa a desafivelar o cinto.

— Foi por causa de mim? — insisto.

Ele deixa a fivela aberta e se senta ao meu lado. Respira profundamente antes de me encarar.

— Ariela sempre foi ciumenta, ela era muito amiga da minha esposa.

Sou invadida por uma sensação aguda de

decepção, sinto como se eu tivesse sido desprezada. Então, eu havia sido o mesmo o motivo do desentendimento entre eles. Fico satisfeita de Zac não ter me ocultado essa informação, ainda que me doa.

—Ah... — É só o que consigo dizer.

— Mas não se preocupe, isso passa com o tempo — ele me assegura.

— Como você sabe? Como pode saber se disse que nunca se envolveu seriamente com ninguém depois dela?

Seus olhos se voltam para a frente e uma sobrancelha dele se ergue. Parece estar olhando através da parede.

— Suponho que passe. Se não passar, a opinião dela não me interessa.

Com essa resposta, abaixo meus olhos para o pé direito, que puxo e começo a massagear. Zac vira o rosto para mim e põe uma mecha do meu cabelo atrás da orelha com delicadeza. Em seguida, aproxima-se lentamente e começa a beijá-la.

Esqueço rapidamente de minha chateação de segundos atrás. A parte de mim que ultimamente não consegue resistir a um drama chega a ficar um pouco decepcionada.

Aos poucos, ele encosta a ponta do nariz na lateral do meu rosto e fica parado ali. Sinto sua respiração em minha pele e fico alerta. É como um terremoto, eu o sinto dentro do corpo, agitando o sangue nas minhas veias. Fecho os olhos e sinto um beijo no canto da minha boca. Um toque leve, de lábios fechados, com pouca pressão. O roçar de sua barba grossa em meu queixo faz com que minhas mãos liberam meu pé e depois apertem o tecido do sofá ao lado dos meus quadris. Seu encostar de lábios é singelo, mas o suficiente para acender tudo que havia se apagado em mim nos últimos dias.

Já não me movo, sou como um pequeno inseto preso na teia da aranha, pronto para ser devorado. Ele puxa o meu rosto e o envolve com as mãos. Sua língua começa a buscar a minha, que se derrete na dele. Seu corpo quente vem para cima e gruda no meu de tal forma que não tenho como fugir. Ainda com os lábios grudados, ele faz uma

pausa e sorri:

— É aqui que venho te imaginando desde segunda-feira.

Quando me puxa e desce o zíper das costas do meu vestido, sei que é tarde demais para recuar. Eu também o quero aqui, neste momento. Então, nos entregamos um ao outro.

Capítulo 14

As estações se sobrepõe uma à outra e, enfim, chega o inverno. São dez e pouquinho da manhã, faz frio lá fora. Eu rolo de lado na cama, deixando de abraçar as costas de Zac e meu rosto se vira para a janela. As cortinas estão fechadas, mas o pouco de luz que entra parece estar clara demais. Levo a mão à face e pressiono as pálpebras com os dedos, tentando fazer uma massagem para ajudar meus olhos a se acomodarem à luz.

O dorminhoco ao meu lado se vira e passa um braço pela minha cintura, me puxando para perto de

seu tórax. Eu sorrio, essa é a nossa dança durante a noite toda: eu me viro, ele se vira, e estamos sempre abraçados um ao outro. A familiaridade com seu cheiro faz com que eu me sinta em um lugar seguro. Até quando fazemos amor, nossos corpos já se conhecem tão bem que não precisamos pensar em como nos mover.

Aliás, já estou familiarizada com tudo por aqui. Já sei de cor qual dos pisos da tábua corrida faz mais barulho quando saio da cama de fininho pela manhã, sei exatamente qual botão do elevador preciso apertar com mais força para acender, que quando abro a torneira do chuveiro depressa demais o fornecimento de gás não ativa, e que o porteiro da noite tem uma rinite incurável por estar sempre embaixo do ar-condicionado do saguão. São esses detalhes que fazem com que eu me sinta cada vez mais em casa, embora eu saiba que não estou.

Resolvo ficar por mais algum tempo na cama, sentindo o calor da pele quente de Zac. O contato com ele já está impregnado em mim, marcado em meus ossos. Quando estamos separados, a recordação de nossos momentos compartilhados é

intensa, como uma memória muscular. Talvez seja porque, apesar de nos conhecermos há pouco tempo, passamos muito tempo juntos. Talvez por isso hesito tanto em me afastar.

Fico parada, passando o indicador no lábio inferior da minha boca e pensando na vida. Antes de tudo acontecer, eu costumava acordar cedo. Sempre tinha um dia cheio pela frente. Agora, raros são os dias em que temos horários para levantar. Na verdade, faz muito tempo que não tenho nada que valha manter minha mente ativa. Em geral, despertamos com o barulho da chuva batendo na janela do quarto. Eu sempre sentindo que ele dorme atrás de mim, quente e rijo. Mais tarde, Zac se levanta para tomar um banho e eu faço ovos mexidos para nós dois na pequena cozinha do flat. Depois, nos sentamos para tomar chá ou café juntos, almoçamos no terraço. Então, ele sai para trabalhar e volta no início da noite, quando comemos alguma coisa e caímos no sono abraçadinhos em frente à tevê, mas não antes de fazermos amor.

Com um suspiro, tiro minha mão da boca e

percebo que minhas unhas estão terríveis. Preciso urgentemente arrumar uma manicure. Tenho feito as unhas em casa desde que cheguei aqui, mas não está dando muito certo. Já machuquei quase todo os dedos com o alicate.

Quando minha posição na cama começa a me incomodar, puxo o edredom para me levantar de mansinho. Olho para nossas pernas entrelaçadas. Sua pele escura contrastando com a minha e, ao mesmo tempo, combinando perfeitamente. Consigo me desvencilhar sem acordá-lo. Visto um roupão de toalha que está ao lado da cama e vou até a o banheiro. Lá, acendo a luz para jogar água no rosto, em seguida me enxugo e inspeciono minha imagem no espelho. Por algum motivo, estou me achando mais bonita, mais viva, mais corada. Meus cabelos cresceram um pouco, já passaram dos ombros, e estão descabelados de um jeito atraente. Passo a mão pelo meu colo e sinto o volume inicial dos meus seios. Tudo em mim parece reluzir e tenho certeza de que devo isso ao dono deste banheiro.

Volto para o quarto, disposta a acordá-lo para tomarmos café juntos. Solto uma risadinha, Zac

agora está dormindo de bruços de um jeito engraçado. Seus braços estão abertos e uma perna está para fora da cama, os dedos do pé encostando no chão. Parece um menino travesso que, exausto, jogou-se na cama assim mesmo e ficou, depois de brincar o dia todo. Como alguém consegue dormir assim?

Antes de despertá-lo, vou até a janela e coloco um olho entre a abertura das cortinas, espiando o tempo lá fora. Minha boca se abre e o coração acelera. Então, escancaro as persianas, permitindo que a imensa janela de vidro fique completamente liberada para a vista: está nevando! Nevando! Eu amo a neve! A cidade inteira está coberta de branco, inclusive o telhado da mesquita. É simplesmente espetacular. Fico tão emocionada ao assistir os flocos caindo que sinto meus olhos úmidos. É tudo tão lindo...

— Da próxima vez, que tal me acordar com um beijo? — Escuto a voz de Zac.

Olho para ele por cima do ombro, sorrindo como uma criança. As pálpebras que envolvem suas íris azuis estão espremidas por causa da claridade.

— Você está vendo isso? — Aponto o vidro da janela. — Como pode reclamar?

— Sim, está nevando. Fico muito triste por todos os trabalhadores que acordaram às seis da manhã e precisaram cavar para tirar o carro da garagem.

— Deixa de ser rabugento. — Volto-me para a vista novamente, maravilhada. Tenho vontade de colocar a cabeça para fora da janela e deixar um floco cair na minha língua. — Tem alguma estação de esqui perto daqui?

— Tem no Monte Hermon, a algumas horas de carro, mas eu não sei esquiar.

— Eu também não sou nenhuma profissional, mas adoro me lançar naquela colina branca, parecendo coberta de algodão.

— OK, podemos marcar de fazer isso algum dia, mas agora, que tal você voltar para a cama e me dar um bom dia direito?

— Estou muito animada para isso, quero ficar plantada aqui na frente na janela.

Zac dá um muxoxo, coça a cabeça e começa a se levantar.

— Bom saber que sou trocado com tanta facilidade — brinca.

— Não tenho boas botas de neve, preciso comprar. — Penso alto, girando o corpo para ele.

— Podemos sair para procurar hoje à tarde. — Ele coloca as mãos nos meus ombros.

Eu me afasto.

— Nada disso. Me recuso a fazer compras com você. Não me deixa pagar nada. Vive me dando presentes e eu nunca consigo te dar nada. Eu gostaria de te dar alguma coisa. O que você quer?

— Que você volte para a cama.

Aperto os olhos para ele, que sabe muito bem que não foi isso que perguntei. Zac abre um sorrisinho malicioso.

— Se não posso ter o que quero, compre o que quiser. O que eu mais queria, já tenho: você. — Seus lábios tocam a minha testa e seus pés seguem para o banheiro.

Sento-me na cama e torno a mirar a paisagem leitosa, feliz e impotente, absorta em pensamentos. É a pura verdade: Zac me tem. Nunca imaginei que teria a sensação de pertencer a alguém novamente, mas tenho. Uma parte de mim fica triste com isso, mas a outra a empurra para fora. Pisco com força e

a imagem de Thiago desaparece.

A claridade de fora ilumina a mesa da sala onde tomamos café, inundando-a de luz. Quase consigo sentir o frio da paisagem exterior envolvendo os meus braços, mas, graças ao aquecedor, a temperatura está confortável aqui dentro. Zac está sentado à minha frente, mexendo no iPad, e eu estou lendo notícias na tela do meu celular, em uma quietude agradável. Ambos usamos calças de moletom e camisas de manga. Nossos pés descalços se tocam por debaixo da mesa, os meus estão sobre os dele, que sempre são mais quentes. Quando acabo de beber o líquido da minha xícara, posso sentir seus olhos sobre mim e um rubor se espalha pelo meu pescoço, como sempre acontece quando Zac me olha desse jeito. No entanto, trago à força minha mente de volta porque quero conversar sobre algo. Deixo meu telefone de lado e começo a falar:

— Preciso arrumar um emprego.

Uma ruga de preocupação surge em sua testa e ele coloca o iPad sobre a mesa.

— Por quê? Precisa de dinheiro?

— Não, ainda tenho bastante.

— Então...

— Preciso ocupar a cabeça, Zac. Não aguento mais ficar trancada aqui sem fazer nada.

Os olhos dele se entristecem.

— Pensei que estivesse feliz.

— E estou. — Toco sua mão sobre a mesa. Não quero magoá-lo. Já estou mais à vontade em minha posição como sua acompanhante nos eventos, me sinto uma espécie de abelha rainha, embora com muito zumbido à minha volta. Fico pacientemente espremida entre ele e seus clientes enquanto conversam por cima de mim em hebraico. Não é nada divertido. — Mas preciso de mais. Sempre fui uma pessoa produtiva. Mesmo quando saímos juntos, a maior parte do tempo me sinto como se eu estivesse sobrando nos seus compromissos. Ninguém fala comigo, não fiz nenhum amigo ou amiga.

— Por que não começa a fazer um curso de

hebraico? Seria bom para ocupar a cabeça e fazer amizades.

— Pode ser, mas não será o suficiente para me ocupar.

Todos esses planos que eu tinha para o momento — cursos de línguas e aulas de pilates —, na verdade, eram um pouco sem sentido para mim, como se eu estivesse brincando de ser dona de casa sem ser de verdade. Tenho de descobrir algo que eu precise fazer. Não consigo ser só "esposa". Não posso passar a vida esperando que Zac volte para casa. Esperar que chegue do trabalho para preencher o meu tempo vazio, como uma inválida.

Comento com ele sobre as atividades que tinha antes, quando era missionária, e como estou me sentindo sem chão, sem rumo, sobre estar passando muito tempo pensando bobagens a meu respeito por ter abandonado o ministério. Precisava que Deus me desse um novo propósito e me apontasse um caminho. Meu coração vai parar na garganta quando falo da saudade da minha família. Fica batendo alto, incômodo. Dói quando engulo. Pela primeira vez, verbalizo a falta que sinto da

minha antiga vida. Dos meus dias na igreja, de conversar com meus amigos sobre a nossa fé, sobre a vida ou sobre nada em especial. Aliás, nada em especial já seria um avanço em comparação às minhas conversas comigo mesma nos eventos a que vou com ele. Não consigo evitar chorar.

Zac imediatamente vem para perto de mim e se agacha, massageando minha mão. Viro para ele e o abraço, colocando minha cabeça sobre o seu ombro. Ele me puxa para sentar no sofá e se acomoda ao meu lado.

— Querida, me desculpa. Eu não sabia que você estava se sentindo assim... — Seus olhos estão cheios de pesar.

— Não precisa se desculpar. — Enxugo o nariz. — Eu não tinha conversado com você antes, deveria ter feito isso.

Ele alisa minhas costas por um momento, pensativo, seus olhos passeando pelas minhas feições.

— Eu posso arrumar algo pra você fazer.

— Não. — Passo as duas mãos no rosto. — Quero conseguir algo sozinha.

— Não seja orgulhosa.

— Não é orgulho. — Penso por um momento. A quem estou querendo enganar? — Bem, é orgulho, mas não posso evitar ser assim. Não me entenda mal, mas preciso ter algo meu, algo que não envolva você.

Zac respira fundo, compreensivo.

— Tudo bem, faça como quiser. Só quero vê-la feliz.

Sorrio e passo a mão em sua face com gratidão. Zac me surpreende a cada dia. O fato de ele entender as minhas necessidades e me apoiar só faz com que aumente o que sinto por ele. Quando nos conhecemos, eu estava nas trevas. Seu amor e carinho me trouxeram para a luz.

— Eu amo você — verbalizo pela primeira vez.

O sorriso que se abre em seu rosto é terno, seus olhos brilham.

— Eu também amo você, pombinha. De todo modo, acho mesmo importante você começar a aprender a língua daqui. Como poderá evangelizar se não conseguir conversar com as pessoas?

Ao ouvir isso, meus olhos se arregalam minimamente.

— Você não se importa se eu quiser fazer isso?

— Claro que não. Amo você independente da sua crença. Sei que minha mãe, se ainda estivesse viva, me mataria por dizer isso. Mas não me importo se você é judia ou não, desde que me ame de verdade.

Aperto os lábios e sinto novas lágrimas nos olhos, mas não as deixo cair, apenas sorrio. Não posso dizer o mesmo que ele, pois gostaria muito que compartilhássemos da mesma fé. No entanto, é bom me sentir livre para ser o que sou.

— Que tal almoçarmos em outro lugar juntos antes de eu ir à reunião? — ele sugere. — Você pode parar para comprar as suas botas pelo caminho, prometo que não me atreverei a pagar.

— Acho ótimo. — Beijo a ponta do seu nariz e me levanto para trocar de roupa. — Como você tem sido muito bonzinho, talvez eu deixe você pagar o meu almoço.

Zac solta uma risada e me segue.

Capítulo 15

Um banho e uma xícara de café depois estamos saindo juntos do prédio. Resolvemos ir caminhando para que eu pudesse desfrutar da beleza de ver a neve caindo. Infelizmente, isso não acontece neste momento, mas pode voltar a nevar a qualquer minuto. Torço para que isso aconteça. Estamos bem acasacados e estou prestes a colocar minhas luvas de couro preta quando o porteiro chama Zac para entregar a correspondência.

Observo crianças passando por nós, jogando neve uns nos outros. Algumas casas da rua têm seu saquinho de pão separado na porta. Aqui, pão é um alimento sagrado. Tão sagrado que há o costume de

não jogá-lo no lixo junto aos demais detritos. É colocado em um saquinho e deixado perto do cesto de lixo — não dentro — para que o caminhão de lixo possa recolher. Assim, se por algum motivo alguém precisar de pão velho — para alimentar animais, usar como isca de pesca, *etc.* —, basta dar uma boa olhada nos cestos do bairro e vai sempre encontrar um saquinho de pão.

Acho esse um hábito muito interessante, como vários outros aqui. Israel é um país cheio de particularidades em virtude de suas religiões e cultura milenares. E isso me fascina. A cada dia eu aprendo e me surpreendo mais. Sair de um país da América do Sul e vir morar no Oriente Médio é mais do que emigrar, é praticamente renascer. Tem que ter coragem, amor e vontade de reaprender. Tenho tido todas essas coisas.

Assim que Zac entra no prédio, escuto alguém chamar o meu nome em um tom agudo:

— Natasha?

Giro para a esquerda e meu rosto fica branco como mármore. É Luiza, acompanhada de seu

sobrinho Jean. Nem consigo cumprimentá-los, de tão chocada.

— O que estão fazendo aqui? — A pergunta soa inquisitiva.

Ela não me responde, apenas joga os braços em torno do meu corpo. Os meus estão para baixo, grudados no tronco.

— Eu disse ao Jean que íamos acabar esbarrando com você — ela diz com alegria, libertando-me. — Viemos em uma excursão da igreja da minha prima, só vamos ficar mais quarenta e oito horas. Chegamos há uma semana. Quando sua mãe contou que você estava passando uns meses aqui, tentei te ligar, mas o celular só deu desligado.

Eu havia desligado meu celular original para não receber mais ligações. Nas poucas mensagens, dizia aos meus amigos e família que o sinal daqui era ruim. Por isso, ela não conseguiu me ligar, eu agora só uso o celular que Zac me deu.

— Que bom que acabamos nos encontrando — tentei sorrir. — Como vai, Jean?

— Estou ótimo. — Ele estendeu a mão para mim e nos cumprimentamos. — Minha tia me convenceu a vir nessa aventura com ela. Quando eu soube que você estava aqui há tanto tempo, imaginei que a viagem valeria a pena.

— Sim, vale. — Coloco as duas mãos nos bolsos do meu Trench coat, orando a Deus para que Zac se demore lá dentro. — Tel Aviv é uma cidade maravilhosa.

— Você parece muito bem, fico feliz de vê-la assim. E quando pretende voltar ao Brasil? — Jean quer saber.

— Bem, eu... — Paro de falar quando sinto um braço me agarrar pelo ombro. Meu corpo enrijece dos pés à cabeça, nem olho para o lado. Zac beija a minha cabeça e olha para Jean, que fica paralisado, sem nada entender. — Esse é Zac — apresento, querendo cavar um buraco no chão.

Luiza e Jean demoram alguns segundos para reagir. Olham-me como se eu estivesse praticando um ato indecente. Não posso culpá-los. A verdade é que ninguém do Brasil sabe o que acontece comigo

do outro lado da margem.

— Ah, é... muito prazer. — Luiza ensaia um sorriso cortês. Posso vê-la passando uma mensagem telepática para o meu pai.

Estou ferrada!

Zac aperta a mão de Jean com firmeza, com o rosto sério, sem me soltar, como se ele fosse uma ameaça. Seus olhos intensos parecem querer abrir um buraco no outro. Percebo que, sob o verniz frágil de namorado de cabeça aberta, existe uma alma de homem possessivo do Oriente, afinal de contas.

— Bem, é, então vamos andando —— Luiza se apressa em se despedir. Zac e Jean estão mirando em outras direções agora, como forma de não cruzar o olhar. — Quer que eu leve notícias suas para a sua mãe? Algum presente?

— Não, obrigada. — Sorrio. — Espero estar logo de volta ao Brasil.

— Tudo bem, então. Foi bom ver você. Volte logo, estamos todos com saudade.

Quando eles seguem pela rua, Jean passa uma mão nos cabelos e olha para trás uma vez, encarando-me. Zac puxa o meu rosto para ele.

— São seus parentes?

— Não. — Meu sorriso parece mais um mostrar de dentes. Não quero que pense que tenho vergonha dele. — São amigos dos meus pais.

— Ele parece muito novo para ser amigo dos seus pais. É casado?

— Quem? Jean? Não, acho que nunca se casou.

— Tem namorada?

— Não que eu saiba.

— Namorado? — Ergue uma sobrancelha.

Abro um pequeno sorriso, de lábios fechados.

— Por que tanto interesse? Isso aí é ciúme?

Zac sorri com os olhos e me aperta mais em seu braço.

— Talvez. Estou muito acostumado a ter você

só pra mim. Preciso me acostumar a te ver com outras pessoas.

— Ainda bem que não me conheceu nos tempos de missionária, iria pirar de ver tanta gente em volta de mim.

— Os tempos são outros. Vamos?

É, disso eu não podia discordar. Os tempos definitivamente são outros.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos, com minha mão enluvada em seu braço, depois conversamos amenidades. Comprei o par de botas que eu queria na primeira loja que vi, nem me lembro da cor. Em seguida, fomos almoçar em um dos restaurantes preferidos de Zac. Logo após os aperitivos, ele faz a pergunta que também estou louca para saber.

— Como vai ser quando a gente voltar ao Brasil?

Recosto-me na cadeira, aliviada de ele ter puxado o assunto.

— Não sei. Só sei que não quero voltar para

Petrópolis.

Ele me analisa enquanto toma um gole de vinho. Depois, calmamente, em um gesto de intimidade, espeta uma azeitona temperada e coloca na minha língua. Fecho a boca em torno dela, oleosa, morna e picante. Ele sabe ser sensual.

— Você quer mesmo voltar? — Ele lança a pergunta.

Termino de engolir e coloco o caroço no prato.

— O que quer dizer?

— Pode ficar morando no meu apartamento daqui por quanto tempo quiser.

— E você?

— Eu vou e volto ao Brasil com muita frequência, nem daria tempo de sentir saudades.

— E por que não ficamos juntos lá? Você tem residência no Rio, certo?

— Sim, tenho, mas prefiro ficar aqui. É mais seguro, melhor para os meus negócios. Só preciso

saber o que você quer.

Olho para o saleiro da mesa do lado. Não sei bem o que quero, por isso não digo nada. A única coisa que sei é que não posso continuar desse jeito, vivendo amigada. Tento passar uma borracha na consciência que me diz que estou vivendo de forma ilícita, mas não consigo. Esse conceito está enraizado em mim desde pequena.

— Meu amor — Zac me traz de volta de meus devaneios — , eu tenho pensado sobre a gente. Sobre como vamos ficar. Vai chegar o momento em que precisaremos definir o nosso futuro. Envolver nossas famílias.

— Eu sei, é disso que tenho medo. Meu pai é pastor, Zac. Não vai abençoar a minha união com um judeu.

Ele põe os cotovelos sobre a mesa e entrelaça as próprias mãos antes de indagar:

— E o que você pretende fazer?

Miro bem o fundo dos seus olhos da cor do mar. Não tenho escolha. Quero ficar com ele mais

do que quero dar um rumo à minha vida. Mais do que quero agradar ao meu pai ou a quem quer que seja. É humilhante admitir, mas é a pura verdade.

— Eu não vou a lugar nenhum sem você. Só disso que sei.

Zac abre um sorriso cintilante, cheio de amor.

— Era só isso que eu precisava ouvir.

Nossos pratos principais chegam e desfrutamos da refeição. Não tocamos mais no assunto, embora eu ainda tenha muitas dúvidas sobre como vamos conseguir fazer isso funcionar.

Desde que estamos juntos, procurei ignorar todas as festas e comemorações judaicas que Zac frequentava, até mesmo respeitei que não tivéssemos relações sexuais até sete dias depois do meu ciclo menstrual. Também não comi nada que ele não comia na frente dele, para não o desrespeitar. Nosso primeiro confronto verdadeiro veio no Natal.

Para ele, essa é a época de celebrar o Hanukká, ou a festa das luzes, que dura oito dias. O maior símbolo desse evento é o candelabro de nove

pontas, que possui oito velas e uma vela central, mais alta que as outras, chamada de *shamásh*. Cada uma delas deve ser acessa, uma a cada dia, para lembrar um milagre que aconteceu no livro de Macabeus — que consta na Bíblia judaica. É costume deles colocarem a *hanukiah* na janela das casas, de maneira que todos possam vê-la para se lembrarem do milagre que fez as velas dos judeus ficarem acesas por oito dias inteiros. Imagina como foi para mim quando ele tirou aquilo do armário. Zac sempre cumpria seus rituais em outros lugares, mas dessa vez seria na nossa casa.

Também é comum, nas noites de Hanukká, a comunhão familiar e entre amigos e o uso de jogos, mas ele não fez questão disso. Um dos jogos mais usados eram a Dama e o Dreidel — dado de quatro faces com algumas letras do alfabeto hebraico que são as iniciais da frase: *Nés gadól haiá shâm* (Um grande milagre ocorreu lá!).

Fiquei muito melindrada com tudo aquilo e, pela primeira vez, me questionei se conseguiria viver com Zac. Sabendo do meu conflito — para completar, era o primeiro Natal longe dos meus pais

—, ele argumentou que esse ritual também poderia servir para nós, os cristãos, pois era um momento de reconsagramos a nossa vida, santificando-nos e nos purificando. Para os seguidores de Jesus, toda esta dedicação do nosso corpo — o templo — ao Senhor só pode ser feita por meio do Espírito Santo, simbolizado pelo óleo que é multiplicado, derramado em nossas vidas, revelando a pessoa de Jesus. Assim como o azeite colocado na *hanukiah* — o candelabro de nove pontas — era puro, sem cheiro e sem fumaça quando queimado, assim também deve ser nossa vida para Deus. Tem que brilhar e reluzir graciosamente a beleza da natureza de Deus em nós por meio de Seu Filho. Convenceu-me que eu podia usar aquele momento para celebrar um culto de Ação de Graças, assim o passaríamos juntos.

Eu sabia que ele tinha relativizado as coisas com palavras bonitas para me deixar confortável, e, mais uma vez, cedi. E para falar a verdade, achei o ritual de acender as velas muito bonito.

Capítulo 16

Quando fiz 14 anos, meu pai levou a mim e a Dante para vermos a neve pela primeira vez. Fomos para Bariloche. Lembro-me da minha breve decepção ao tocar meu primeiro morrinho de flocos brancos. Eu o achei duro, como pequenos pedaços de gelo. Toda a minha fantasia de tocar em algo macio como algodão foi despedaçada. Contudo, bastaram vinte e quadro horas brincando em uma estação de esqui para eu me apaixonar completamente pela neve. Por isso, sempre que podia, buscava estar perto dela.

Insisti com Zac para irmos esquiar até que o convenci. Partimos em uma segunda-feira de janeiro e ficaríamos até a quarta em uma pousada no Monte Hermon, uma construção de pedra com portas e janelas amarelas, cercada por um grande deque de madeira. Montanhas de neve margeavam a estrada até lá. Durante o caminho, avistei uma ave branca muito linda nos acompanhando por algum tempo. Sobrevoava o lado direito acima do carro. Parecia uma coruja, não posso dizer ao certo. Não sei por

que, mas tive a sensação de que estava me observando e fiquei olhando para ela de volta, absolutamente encantada. Era o pássaro mais lindo que já vi.

O local era pequeno e aconchegante, tinha somente dez quartos. Na chegada, passamos por uma sala de socialização com sofá, uma mesinha de centro, lareira e objetos de arte israelenses. Observei um pequeno restaurante anexo, atrás da recepção. Uma senhora com a cabeça coberta com véu nos recebeu com duas bebidas quentes. Não olhou em meus olhos um minuto sequer. Eu já estava quase me acostumando a ser ignorada. Estar sem uma aliança em companhia de um homem não é algo que passe desapercebido em Israel. Algo me diz que serei proibida de entrar na piscina térmica com ele.

Após ajeitarmos nossas coisas no quarto, nos arrumamos para visitar a estação de esqui. Zac não estava muito empolgado, preferia descansar após ter dirigido, mas eu fui bastante insistente, então ele acabou consentindo e foi comigo alugar os equipamentos. Preciso confessar: meu egoísmo de querer aproveitar cada minuto foi maior do que o

meu zelo por ele.

Já na pista, estávamos ambos ornamentados e prontos para descer a colina de treinamento, não muito íngreme. Eu já havia feito isso outras vezes e estava me sentindo segura em meu macacão branco, ao contrário de Zac.

— Dá para ficar aqui perto de mim? — Dou risada. Estou bem perto do início da inclinação e ele, uns oito passos atrás.

Seu pescoço se ergue dentro do grosso casaco azul e ele espia a pista de novo, agarrado firmemente aos bastões de esqui, enquanto crianças felizes deslizam à sua direita. Chega a ser cômico um homem tão grande e barbado olhando para a neve com tanto medo debaixo do gorro.

— Acho melhor você ir sozinha. Já te disse que não sou um bom atleta. E gosto muito de poder mover a minha coluna vertebral.

— Também gosto muito quando você a move. — Abro um sorrisinho sapeca.

— Se quiser, podemos voltar para o quarto

para eu movimentá-la um pouquinho mais. — Ele retribui, com um sorriso sedutor.

— Nada disso, fujão. Você vai pelo menos descer a pista de iniciantes comigo.

— Vai na frente.

Aperto os olhos sobre o ombro para ele. Está na cara que está me enrolando.

— Covarde. — Coloco os meus óculos grandes e espelhados e me direciono com velocidade para a imensidão.

Uma sensação violenta de medo e urgência me invade ao sentir o vento frio rasgando meu corpo. Desvio-me das primeiras pequenas dunas em alta velocidade, gingando o quadril a cada novo obstáculo. Sinto-me livre, revigorada, capaz de encarar qualquer desafio naquele cenário idílico ficando para trás. Aprendi com meu primeiro instrutor que esquiar é muito mais que descer a montanha. Assim como a vida, é aproveitar o caminho. Inspiro bem o ar limpo e gelado, contemplando os altos picos em volta e o tom branco faiscante sob os pés.

Um rapaz de *snowboard* passa por mim. Conforme ultrapasso o meio da pista, dobro um pouco os joelhos para pegar mais velocidade, aumentando a adrenalina. Faço uma curva para a direita e depois para a esquerda, acompanhando o caminho do terreno coberto de neve. Estou tão energizada que não quero que isso acabe, quando avisto as bandeirinhas no fim. Quando chego ao final, viro as pontas do esqui para dentro e o freio, jogando-me de lado no chão coberto de branco. Depois viro de barriga para cima, olhando para o céu, desejando fazer aquilo de novo e deixando que o sangue se acalme em minhas veias.

Zac amarelou e desceu para me encontrar lá embaixo pelo teleférico. Claro que peguei muito no pé dele por causa disso. Quando retornamos para a pousada, sua expressão se abre ao encontrar um velho amigo na recepção.

— O que esse cagão está fazendo por aqui? — O homem de cachos castanhos e olhos verdes se aproxima e, então, os dois se abraçam, sorrindo, felizes. A barba dele é como a de Zac e vejo uma corrente com a estrela de Davi sobre seu peito

magro. — Vai me dizer que finalmente aprendeu a esquiar?

— Ainda não. — Zac aponta para mim. — Foi essa baixinha linda e esperta que me arrastou para cá.

— Pois, parabéns. Estou honrado em conhecê-la. — Seu colega estende a mão para mim de modo galanteador e eu a aperto. — Meu nome é Marcelo e, em quatro anos de Cambridge, nunca consegui fazer isso.

— Os dois estudaram juntos? — pergunto, felicíssima por estar conversando em português com alguém.

— Sim, fomos colegas de quarto. Essa é Elise, minha noiva. — Uma mulher fina e de seios pequenos, que parece ter um corpo de adolescente comprida, sai de trás dele e nos cumprimenta com um sorriso branco e simpático. Seu rosto tem formato de coração e deve ter em torno de 30 anos, assim como o seu par. Seu cabelo é liso e cumprido, em um tom inominável, algo próximo da cor de casca de laranja. Os olhos castanhos parecem

alegres em meio aos seus traços finos e delicados. Ela põe a echarpe azul-petróleo para trás e começa a tagarelar:

— Vocês também chegaram hoje? Estamos doidos para saber sobre as melhores pistas. Alguma boa dica?

— Sim, chegamos. Mas esse aqui não chegou perto nem da pista de crianças. — Meu polegar indica que estou falando do meu companheiro.

Elise faz uma careta engraçada. Estou contente por finalmente encontrar uma mulher por aqui que não antipatize comigo logo de cara.

— Podemos arrumar uma pranchinha para ele descer as dunas de bunda... — ela zoa.

Rimos todos e Zac fica vermelho; resolve implicar comigo.

— Quem vê Natasha falando, pensa até que é uma profissional.

— Pelo menos não fico agarrando com força os ferros do teleférico.

Ela dá uma risada alta e joga a cabeça para

trás.

— Gostei da sua menina, Zac. Pelo visto, vamos nos divertir.

Tomamos café juntos naquela tarde e não me importo de não voltarmos para a pista. As paredes do restaurante eram todas de vidro duplo, de modo que podemos assistir os esquiadores — tanto profissionais como amadores — descendo a colina.

Quando começa a escurecer, todos envoltos em cobertores de lã e de gorros, vamos juntos para o deque da varanda, onde há algumas cadeiras de madeira esperando para serem abertas. Zac e Marcelo giram quatro delas para montá-las, são baixas e inclinadas como cadeiras de praia. Em seguida, nos amontoamos em torno de um aquecedor elétrico. A paisagem branca por baixo do céu cinzento é como um presente. Deleito-me com ela em silêncio, desejando absorvê-la até que a noite a roube de mim. A voz de Elise chama a minha atenção.

— Vamos começar os trabalhos.

Marcelo traz três garrafas de vinho, uma tábua

de queijos e frutas secas para fora. Depois, abre a primeira e serve nas quatro taças. Quando me oferece uma, recuso polidamente, avisando que não bebo.

— Deixa que eu bebo por ela. — Zac pega o copo da mão do amigo e o coloca ao seu lado no chão. Isto feito, pede ao garçom que nos cerca que traga uma xícara de chocolate quente. Dois minutos depois, o líquido marrom e fumegante já está em minhas mãos.

— Zac me disse que você era missionária. — Marcelo comenta, servindo-se de um pedaço de queijo *brie*. — Devia levar uma vida interessante.

— Sim, eu levava. E ainda levo. — Miro o rosto sorridente de Zac. — Inclusive, já morei em Londres em uma das minhas missões. Visitei muito a faculdade de vocês com um grupo de jovens.

— E o que te levou a escolher fazer isso? — Elise, que tem as pernas cruzadas uma sobre a outra e sua taça apoiada na coxa, fica curiosa.

— Bem, além do propósito óbvio, espalhar a minha fé, sempre adorei conhecer lugares e pessoas

novas. Quando era pequena, costumava ficar sentada na frente de casa, com os cotovelos sobre os joelhos, imaginando a vida das pessoas que passavam. Uma coisa foi levando a outra e acabei me tornando uma viajante interessada em ajudar os outros. — Dei um gole na minha bebida. — E você, também é judia?

Ela faz um movimento de descarte com a mão.

— Ah, não... Eu até que ia bastante à missa quando era criança, mas só porque minha avó me obrigava. Cheguei até a fazer comunhão... Eu tinha o quê... por Deus, acho que tinha uns 10 anos, ou menos. Eu tinha uns... 12 anos quando me recusei a ir com ela pela primeira vez. — Olhou para cima. — É. Uns 12. Foi a época em que tive minha primeira paixonite e queria ir vê-lo jogar futebol aos domingos. — Riu de si mesma. – Hoje, sou meio cética quanto ao oculto. Não acredito em nada.

Isso me soa um pouco triste: uma pessoa sem nenhuma esperança no porvir. Meu lado missionária coloca a cabecinha para fora e fica um pouco

instigado a se aproximar dela. Como estou sentada ao seu lado, passamos horas conversando, Elise falando sem parar. Seu noivo havia trazido garrafas de vinho suficientes para marinar todos nós juntos. Todas são abertas, uma a uma, e as vozes deles ficam cada vez mais altas e animadas. Minha companheira de esqui tem o rosto corado e os olhos radiantes. Sua narrativa é mordaz, brilhante e hilária, e seus braços se movem na velocidade da luz, difíceis de acompanhar. É meia falastrona, mas damos muitas gargalhadas juntas lembrando dos tombos que vimos através do vidro durante a tarde.

Há quanto tempo não me divirto assim? É como um desabrochar, e estou grata por cada minuto. Como se eu estivesse, pouco a pouco, voltando a digerir e mastigar a minha vida. A gostar dela. Toda a felicidade que brotou em meu coração na companhia de Zac se alastrou para o resto do meu corpo. De repente, eu estava mais feliz que antes por ter uma nova amiga.

Elise conta um pouco mais sobre as outras estações de esqui que já visitou pelo mundo, algumas vezes viajando sozinha. É jornalista.

Mostra-me em seu celular as fotos de quando foi esquiar no Japão. Percebo que é um pouco mais impulsiva e ousada do que eu, mas ainda possui doçura por baixo da camada de durona. Sua covinha linda do lado esquerdo do rosto fica funda quando sorri. Algo nela me lembra Ana, por isso minha afinidade imediata.

Seu noivo, judeu como Zac, é muito elogioso o tempo todo e afirma diversas vezes que o amigo de faculdade tem bom gosto por estar comigo. Assim como Elise, ele tem um sorriso fácil, conversa rápida e inteligente. Fica trocando frases de efeito com Zac para lá e para cá, ambos provocando um ao outro, algumas vezes em código. Não consigo acompanhar, mas, na verdade, não me importo. Sei que os dois compartilham uma história, rios de cerveja e de segredos de fim de noite. Estou tão relaxada por finalmente estar interagindo com outras pessoas que me atrevo a provar uma taça de vinho, no final das contas. Não gosto muito do sabor, por isso só beberico enquanto conversamos. Em certo momento, os queijos se vão e o frio cortante fica doloroso demais na varanda. Por isso, resolvemos

terminar a noite em frente à lareira, na sala de estar.

E lá se vão os três na minha frente, muito bêbados e alegres, com suas taças nas mãos, em direção à porta de entrada.

Quando chegamos, nos livramos dos cobertores e jogamo-nos aos pares nos dois sofás de couro preto, todos virados para o fogo. Fico feliz quando vejo Zac colocar sua taça de lado, pois acho que já bebeu um pouquinho demais. Aconchego-me em seu casaco surrado de couro. Conversamos mais um pouco até que o êxtase do álcool começar a baixar. O som do piano no recinto começa a ficar mais evidente que as nossas vozes.

Olho para Zac, imerso em pensamentos. Seus olhos miram fixamente as faíscas, parecem mais escuros, quase como se estivessem tristes. Seu rosto iluminado parece distante. Ele não está aqui comigo, posso sentir. Gostaria de saber sobre o que está pensando, mas não pergunto. Sempre que isso acontece, tenho medo de que ele esteja se lembrando de sua falecida mulher e seja obrigado a mentir para mim. Talvez, eles já tenham vindo aqui

juntos. Quem sabe, tenham se sentado neste mesmo sofá. Contudo, mesmo que ele esteja com ela por alguns segundos, não me importo. Afinal, o fato de ele ter perdido duas pessoas importantes — o pai e a mulher — ajudou absurdamente na nossa conexão. Sinto como se ele fosse uma das poucas pessoas que realmente me compreendem, pois também ficou viúvo muito jovem. Mas, embora eu já tenha exposto muitas vezes para ele a dor pelas minhas perdas, ele, Zac, nunca tocou no nome dela comigo. Mal me contou como tudo aconteceu. Talvez, essa seja a maneira que ele achou para poder seguir em frente: não ficar revirando o passado.

Estou torta e amarrotada em seu braço, como se tivesse passado o dia no bolso dele. Remexo-me um pouco e seus olhos finalmente recaem sobre mim, quase surpresos de eu estar ali. Ele chega perto da minha orelha e sussurra com seu hálito alterado pelo vinho:

— Está na hora da gente se recolher. Quero ver você somente com essas botas.

Um rubor súbito me colore o rosto, pois sua

voz saiu mais alta do que deveria. Não olho para Elise e Marcelo quando nos despedimos e andamos agarrados em direção ao corredor.

Nossa entrada no quarto é meio vulcânica. Zac mal fecha a porta e me gruda na parede, depois tira a touca e enfia seu rosto em meu pescoço. Minha reação a ele é poderosa, como sempre, apesar de saber que todo esse furor é mais devido à bebida do que ao anseio por mim. Mesmo assim, estou disposta a tudo para fazê-lo feliz. Por isso, por várias dúzias de batimentos cardíacos, entrego-me aos seus desejos e nos amamos intensamente, ao lado da porta.

Capítulo 17

Dormimos como mortos. Eu, porque estava cansada, Zac, por conta da bebida. Porém, acordamos razoavelmente cedo para os nossos padrões, às oito da manhã. Estamos ambos deitados na cama, recém-acordados. Neva tanto lá fora que

parece que nunca mais vai parar. Ele está deitado de barriga para cima e eu ao seu lado, com a cabeça apoiada na mão, olhando para seu rosto.

— Acha que ontem acordamos os vizinhos? — Refiro-me à nossa intensa noite de amor.

— Espero que não. — Ele se espreguiça.

— O senhor poderia ter sido mais discreto ao me convidar para o quarto depois de beber. Tenho certeza de que Elise e Marcelo ouviram.

Zac abre um sorriso maroto enquanto coloca as mãos atrás da cabeça.

— Acha que eles ficaram imaginando a nossa vida sexual?

— Eu não riria disso. Cutuco-o com o dedo. — Eles podem ficar empolgados e querer assistir.

— Ou quererem se juntar a nós. Mas, não sei se seria boa ideia. Só a imagem de Marcelo pelado já me dá náuseas. E aquela namorada dele é muito esquelética.

Com uma risada, empurro seu peito.

— Você é terrível.

— Vem aqui. — Ele me puxa para cima dele e me dá um beijo. — O que está pensando em fazer hoje?

— Advinha?

Seus olhos reviram.

— Todo dia?

— Não é todo dia que estou em uma estação de esqui, quero aproveitar ao máximo.

— Tudo bem, então. — Ele me dá uma palmada na bunda para que eu saia de cima dele. — Vou ligar para o quarto do Marcelo e ver se ele quer tomar um café da manhã comigo enquanto você se arruma.

—— Eu me junto a vocês em meia hora — prometo.

Após me trocar, resolvo deixar minha bolsa no quarto e descer para tomar o café da manhã. Olho através da janela e vejo que os flocos de neve

surpreendentemente deram uma trégua. Fico feliz por isso, pois a pista deve estar maravilhosa. Animada, coloco a minha touca bordô estilo *beanie* e seguro a maçaneta. Porém, antes de abrir a porta, percebo vozes exaltadas no corredor. Como estão falando em português, suponho que sejam meus novos amigos e lhes dou privacidade para terminarem o assunto, até que ouço a voz de Zac no meio deles e, curiosa, decido abrir a porta minimamente para saber sobre o que estão discutindo:

— Eu não acho isso certo. — Elise reclama com os braços cruzados. Marcelo e Zac estão à sua frente e posso vê-la entre as costas dos dois.

— Isso não é problema nosso — Marcelo rebate. — Quando vai aprender a não se meter no assunto dos outros?

— Passa a ser assunto meu quando me colocam no meio. Eu não sabia disso ontem.

Instintivamente, sinto um aperto no peito que não sei explicar. Continuo ouvindo a conversa.

— Eu sinto muito. — Zac coloca uma mão no

ombro dela e meu estômago se contrai anda mais. Elise me vê pelo espaço estreito da porta e cutuca ambos para me olharem também.

— Bom-dia. — Dou um sorriso afetado, passo pela porta e me junto a eles. — Desculpe, eu não queria interromper vocês.

— Não interrompeu. — Marcelo passa para o lado de Elise, que me cumprimenta rápido e finge buscar algo na bolsa.

— Já tomaram café? — Olho para Zac, que está passando uma mão pela outra, como se estivesse se aquecendo do frio.

— Não. — Ele sorri. — Eu ainda não tomei. Marcelo já tinha tomado café com Elise.

— Ah... — Olho para ela, buscando alguma abertura, mas Elise digita algo no celular. — Bom, então não vamos empatar vocês. Estão indo para a pista de esqui?

— Sim, nos encontramos lá mais tarde. — Marcelo passa o braço no ombro dela e a carrega para a recepção.

Fico parada no corredor, com as mãos enfiadas nos bolsos do meu casaco, e me viro de frente para Zac. Ele aperta os lábios e em seguida sorri para mim.

— Vamos tomar café?

— O que foi isso? — Aponto com o queixo para o caminho que o casal havia acabado de tomar.

Zac olha em direção à recepção e depois de volta para mim.

— O quê?

— A Elise parecia estar chateada com alguma coisa.

Ele faz uma careta.

— Ah, bem, não é nada demais. Parece que o Marcelo roubou uma garrafa de vinho da adega ontem à noite e levou para o quarto deles. Já falei para ele acertar na recepção. Ele sempre apronta uma dessas, mas a Elise é toda certinha.

— Hum... — Resolvo não insistir no assunto, não de todo convencida. Afinal, o “eu sinto muito” de Zac estava sério demais para uma situação como

essa. Mas, decido seguir com ele em silêncio até o restaurante para tomarmos o café da manhã.

A comida da pousada era simples, mas boa e honesta. Meu acompanhante estava mais calado que o normal e eu, extremamente frustrada, pois pensei que teria uma manhã maravilhosa em companhia da minha mais nova amiga. Talvez por isso, como rápido e decido ir esquiar, na esperança de encontrá-la e saber o que aconteceu. Zac decide ficar desta vez, diz que aproveitará o resto da manhã para relaxar e ler um pouco no quarto. Sendo assim, recolho meu material de esqui na recepção e pego o teleférico para subir até a estação. O local está lotado de turistas e chego a escutar alguns brasileiros por perto. Passo os olhos pela multidão em busca de Elise e Marcelo, mas não os encontro. Um tanto desanimada, vou para a pista e decido aproveitar a enorme extensão de neve deslizando várias vezes até lá embaixo. Faço isso quatro vezes.

Quando fico cansada, passo na lanchonete para comprar uma garrafa de água mega inflacionada e sento em uma das mesinhas próximas ao deque. Sinto-me um pouco enjoada de tudo. Há

famílias por ali e muitas crianças brincando, escorregando sentados nas pequenas ladeiras de neve em cima de uma espécie de prancha específica para isso. Outros são puxados pelos pais nos trenós. Meus olhos ficam marejados imediatamente quando vejo um bebê, provavelmente começando a caminhar, pisando na neve e segurando a mão de uma mulher. Será que meu filhinho já estaria nessa fase? Será que algum dia ensinarei uma criança a andar?

Meu desconforto com aquela cena me faz decidir terminar de beber a água no quarto. Quando chego, Zac está sentado na poltrona perto da janela lendo a Torá, algo que o vi fazer raríssimas vezes. Sinto certa inveja ao vê-lo fazendo isso. Pelo visto, ele já está na fase em que se sente confortável para praticar sua fé, apesar de toda tristeza que acometeu sua vida. No fundo, sei que deveria estar fazendo o mesmo: tirando um período do dia para fazer o meu devocional, como sempre fazia, lendo a Bíblia e fazendo minhas orações matinais. Mas, infelizmente, ainda não consigo, nem mesmo sinto vontade. Por isso, a tranquilidade dele me incomoda um pouco.

De modo egoísta, resolvo chamar a sua atenção:

— Estou pensando em cortar o cabelo de novo. — Miro meu reflexo no espelho do quarto.

— Por quê? — Ele não olha para mim.

— Ele está meio sem corte, esquisito.

— Não, não está. — Seus olhos não saem do livro. — Você está linda.

— Pareço uma adolescente descabelada.

— Você deve estar entediada — diz ele para o objeto em suas mãos. — Por que não vai lá fora e passeia um pouquinho?

OK, ele quer ficar sozinho, entendi o recado. Fico analisando-o, altamente concentrado. Seu cabelo também cresceu e cai sobre os seus olhos. Talvez eu devesse tomar coragem e fazer o mesmo, ler a minha Bíblia. No entanto, somente a ideia de fazer isso me dá um embrulho no estômago. No fundo tenho medo de que, se eu o fizer, a Palavra de Deus me afaste imediatamente de Zac, portanto não faço isso. Quero ficar com ele até achar uma solução entre as nossas crenças. Eu sei, em meus

ossos e minhas entranhas, que não posso viver mais sem ele. O que sinto por Zac é brutal e convincente demais para me dar outra alternativa.

Por isso, após o nosso almoço, que foi servido no quarto, resolvo ir passear pela estação. Bato no quarto de Elise para ver se quer ir comigo, mas ela não se encontra. Saio para comprar suvenires, tomo um chocolate quente no bar — que não me cai bem, pois senti que estava muito gorduroso — e converso durante meia hora com uma senhora americana na sala da recepção, fazendo hora para ver se Marcelo e sua noiva aparecem. Eles haviam evaporado do mapa e eu estava bastante incomodada com isso. Como não aparecem, volto para o quarto para tomar um banho e encontro Zac dormindo. Ainda devia estar cansado pela noite anterior. Terminamos a noite sozinhos no quarto e com uma bandeja de sanduíches entre nós, assistindo Netflix.

Capítulo 18

Eu devia estar muito sedentária, foi o que pensei,

pois passei os dias seguintes à nossa viagem mais dormindo que acordada. Sentia um imenso cansaço, além de picos de tonturas. Zac desconfiou que eu estava com anemia. Por isso, resolveu trazer um médico amigo seu para me examinar em casa.

Vinte e quatro horas depois, a confirmação é devastadora: Eu estou grávida! Ao vermos o resultado no monitor do computador, nossos olhares se cruzam e Zac sorri para mim, completamente extasiado com a notícia. Por um segundo, sinto como se eu estivesse caindo, como se o chão tivesse desaparecido debaixo dos meus pés. Como isso pôde acontecer? Sempre nos prevenimos... Bem, claro, exceto no dia da bebedeira de Zac na estação. Foi nosso único descuido.

Um pavor obscuro me sufoca quando penso nos meus pais, depois no meu irmão, em Ana... Preciso me sentar e Zac se levanta da cadeira da escrivaninha e me ajuda a chegar até o sofá.

— Precisamos nos casar — ele diz imediatamente, como se isso resolvesse todos os problemas. Depois, se acomoda ao meu lado.

Não consigo pronunciar uma palavra. Estou lívida, ainda digerindo a notícia. Olho para Zac e sua intensa felicidade. Tenho medo de que pense que fiz isso de propósito e que estou dando o golpe da barriga.

— Não precisa se casar comigo por causa disso. — Sou clara.

Ele segura a minha mão.

— Mas eu quero. Ia esperar para fazer o pedido depois de conhecer seus pais, mas, já que isso aconteceu, vamos adiantar.

— Zac, eu... eu não sei como meus pais vão reagir.

— No início, eles vão ficar chocados, mas logo vão se acostumar com a ideia e ficar felizes de ver você refazendo a sua vida.

— Eu não queria que fosse assim. — Contorço o rosto de tristeza. — Sim, confesso que já tive a fantasia de me casar com você algum dia. Mas, não foi assim que imaginei o pedido, não desse modo...

Os olhos de Zac se enchem de lágrimas e ele fica me olhando por dois segundos, aperta um pouco mais a minha mão.

— Natasha, eu amo você. Nunca duvide disso. Você foi a melhor coisa que me aconteceu desde que a minha... bem, desde que ela se foi.

Passo a mão carinhosamente pela sua barba, com os olhos mareados.

— E onde vamos morar?

— Aqui, é claro. Sempre sonhei em criar meus filhos em Tel Aviv.

Filhos? Mal começamos a multiplicar e ele já está pensando em ter mais? Precisei puxar o ar fundo mais uma vez.

— Eu não sei, eu... a minha mãe me ajudou muito quando tive o neném.

— Podemos trazê-la para cá.

Era tudo tão surreal. Eu não conseguia enxergar a minha mãe naquele cenário. Não conseguia imaginá-la em uma cerimônia de circuncisão do netinho. *Por Deus!* Eu nem queria

que circuncidassem o meu filho... muito menos que fosse obrigado a servir no exército... Zac se ajoelhou à minha frente, segurou o meu rosto com as mãos e olhou fundo em meus olhos. Eu estava zonza.

— Não se preocupe com nada, pombinha. Eu vou estar sempre ao seu lado, não vou deixar que nada te falte. Hoje, você me tornou o homem mais feliz do planeta.

Eu sorrio, forçadamente. Nunca imaginei que Zac desejasse tão intensamente ser pai. Ter um filho não parecia nada assustador para ele. Eu, definitivamente, não tinha esse plano a curto prazo. Nem sequer a longo prazo. Tudo ainda era muito recente para mim. Eu mal estava me acostumando à ideia de não ter mais um bebê, e agora seria mãe novamente? Eu precisava pensar. Precisava me afastar dele por um momento. Por isso, me levantei.

— Aonde você vai? — Zac me segue com os olhos.

— Vou dar uma volta.

Ele se pôs de pé enquanto eu colocava a minha bolsa no ombro.

— Eu vou com você.

— Não, não vai. Por favor, eu preciso ficar um pouco sozinha.

— Mas...

— Zac — seguro sua mão, implorando compreensão com os olhos —, isso tudo me deixou muito nervosa. Não sou tão desprendida quando você, tenho uma ligação forte com a minha família e devo satisfação a algumas pessoas. Preciso colocar a cabeça no lugar e pensar em como vou anunciar essa gravidez súbita para eles. Me deixe respirar.

Ele não pareceu conformado, mas atendeu ao meu pedido.

— Tudo bem. Só não demore muito.

Por ser um país de dimensões pequenas, a tentação de percorrer Israel por inteiro parece irresistível para os turistas, mas não foi isso que me levou para a estação de trem. Eu simplesmente não sabia aonde ir. Fui andando até a ferrovia e sentei-

me para ver os vagões vermelhos passando. De alguma forma, o ruído dos trens que transitavam começou a me acalmar. Era tudo programado e constante, muito diferente da minha vida. Observar as pessoas em sua rotina tranquila, de algum modo suspendeu temporariamente a minha tensão.

Fechei os olhos, com os joelhos bem unidos e as pontas das botas encostando do chão. Minhas mãos agarravam as laterais do banco onde eu estava, ao lado de meus quadris. Eu queria absorver aquela atmosfera de tranquilidade. Quando abri os olhos novamente, recebi uma lufada de ar frio que gelou meu nariz abaixo do gorro e mirei o caminho de onde vinham os trens, margeados pela neve suja. Minha vontade era sair andando pelos trilhos para ver aonde iam acabar. Senti meus olhos quentes e o coração apertado. Queria pedir a ajuda de Deus, mas não tinha coragem de fazê-lo. Não me sentia merecedora, mesmo tendo ouvido a vida toda que o que Ele sente por nós não depende do que fazemos. Ele nos ama e ponto final. Por que era tão difícil para mim acreditar nisso agora?

Para desviar desse pensamento, olho para o

sinalizador das viagens e tomo conhecimento de que Israel é interligada de ponta a ponta pelo sistema ferroviário, recentemente modernizado e ampliado. Em apenas cinco horas, é possível cruzar o território de norte a sul, ou, em uma hora, de leste a oeste. Não penso duas vezes, apenas vou até o guiché e compro um ticket de ida e volta para o destino mais longe.

Embarco no trem e procuro um lugar livre na janela para me sentar. Acomodo-me no tecido gostoso do assento e relaxo na temperatura interna, que está mais amena. Minutos depois, ele dá um solavanco e, com um som estridente, começa a se arrastar pelos trilhos. Sobre eles, me sinto mais serena, como se eu estivesse finalmente indo para algum lugar, ou fazer alguma coisa. Alguém no banco à minha frente dá um suspiro e acomoda a cabeça no encosto. No banco de trás, um senhor abre o jornal e começa a ler. Uma mulher bem arrumada com uma pasta de trabalho sorri para mim antes de se sentar no lugar vazio ao meu lado e colocar os fones de ouvido. Sua simpatia me pega de surpresa, pois ainda estou traumatizada com o

afastamento sem explicação de Elise. Quero lhe dizer alguma coisa, desabafar, pedir socorro, conversar de mulher para mulher... mas as palavras parecem morrer em minha língua.

No par de bancos paralelos ao meu, duas senhoras conversam animadamente em inglês. Gostaria de estar entre elas. Sinto falta da minha mãe. O pensamento enche os meus olhos de lágrimas e pego o meu celular. Troco o chip da empresa telefônica de Israel pelo brasileiro e fico olhando para o aparelho carregado, com um nó na garganta. Pela primeira vez em uma semana, ligo a internet. Logo vejo milhões de mensagens pipocando na minha tela, a maioria dos meus pais e de Angelina. Será que Luiza já havia contado para eles que me viu com alguém? Chego a ensaiar uma mensagem para a minha mãe, digito e apago várias vezes no bloco de notas, mas, por fim, desligo o celular. Não quero visualizar a mensagem de ninguém para não ter a obrigatoriedade de responder. Ainda não sei como contar tudo a eles.

O trem continua a se mover até a próxima estação. Ele ultrapassa, trepidante, lindas paisagens que passam como em um filme, mas meus olhos não

se concentram em nenhuma delas. Nada prende o meu interesse. Não consigo fugir da sensação de que minha vida está uma bagunça. Somente por uma fração de segundo, admiro uma plantação, mas logo o vagão balança e ginga de um lado para o outro, seguindo por uma curva, como se me sacudisse e me trouxesse de volta para o meu grande problema atual.

Apoio a testa na janela, a mão direita sobre a barriga. Há vida nova ali dentro. O que vou fazer? Como posso ser mãe novamente? Como entregar meu coração tão livremente a uma nova pessoa que, de um minuto para o outro, Deus pode me tirar? Fora isso, não sei com que cara poderei encarar minha família e amigos depois disso. É como o meu pai sempre diz: o pecado pode ser cometido às escuras, mas suas consequências sempre vêm às claras.

Sigo angustiada no trem até a estação de Jerusalém, onde resolvo descer, mas não fico muito tempo por lá, logo volto. Faço ao todo quase três horas de percurso. Quando chego em Tel Aviv, vou direto para casa. Para minha surpresa, Zac não está me esperando no apartamento. Também não me

ligou nenhuma vez durante o tempo em que estive fora. Fico grata pela sua consideração em me dar esse tempo sozinha. Quando entro no quarto, vejo que há um bilhete dobrado em cima da cama, pedindo para que me junte a ele no terraço para jantar. Nem troco de roupa, sigo do mesmo jeito que estou. Sei que precisamos conversar e decidir muitas coisas sobre o nosso futuro.

Entro no elevador, respiro fundo e aperto o botão do topo. Tomo um susto quando a porta do elevador se abre e tudo parece escuro no corredor, como se tivesse faltado luz. Uma mão pega a minha delicadamente e me conduz até a entrada do restaurante. Estou prestes a perguntar a Zac o que aconteceu quando várias luzes douradas, estilo natalinas, se acendem e o vejo de terno, sorrindo e usando o quipá, no centro do salão. Um garçom conhecido solta os meus dedos. Tudo está ornamentado com flores e há uma só mesa iluminada à espera de nós dois.

— Esse é o pedido que você merecia — ele diz, arrastando uma cadeira para trás.

Apenas sorrio para ele e, por um momento, todas as minhas dúvidas sobre o futuro são abafadas

pelo som do piano que começa a tocar.

Capítulo 19

Uma semana se passou após o nosso noivado. Não consegui dormir bem em nenhuma das noites, a cabeça funcionando sem parar. Eu teria de contar sobre a gravidez aos meus pais e pensar nisso me nocauteava toda manhã. Ficava apenas ouvindo o ponteiro do relógio do quarto durante a madrugada: tec, tec, tec, tec... Quanto mais eu quisesse apagar, mais acesa ficava. Tinha vontade de me levantar, de me coçar, de sair correndo pela rua até desaparecer. Pelo menos, não estava sentindo enjoos, o início desta gravidez está maravilhoso se comparada com a última.

De dia, não consigo ficar quieta, fico andando pela casa de um lado para o outro feito uma barata tonta. Zac diz que não posso continuar assim. Mais

de uma vez, pegou o telefone e colocou-o na minha mão, dizendo que eu deveria ligar para os meus pais e acabar com aquela loucura. Mas não consigo. Nunca os desapontei tanto. Sempre fui a filha perfeita. Até porque, meu irmão gêmeo era o talento da família. Eu procurava me destacar fazendo tudo certinho, sempre dando motivos de orgulho na escola, em casa, nas missões... E agora, eu não estaria envergonhando somente o meu pai, mas também o meu pastor. Eu estava completamente arrasada por isso.

Foi nesses momentos de angústia que percebi que a velha Natasha ainda estava bem viva em mim. Era ela quem sofria. Logo ela, que sempre fez questão de manter a ordem, de dar bons exemplos, quase como uma fiscal puritana dos jovens da igreja... Eu me cobrava demais e cobrava mais ainda dos outros. Agora, sentia-me diminuída, humilhada, como se o dedo do diabo estivesse apontando para mim e dizendo “há-há, eu sabia que um dia você ia cair”. Sei que parece loucura, mas era assim que eu me sentia. Eu precisava de conselhos e estava preparando o meu espírito para ligar para Ana.

A consulta devia ter começado há meia hora, mas ainda estou aqui, sentada na sala de espera do obstetra brasileiro que Zac havia arrumado, folheando uma revista *Vogue* e pensando em me levantar para ir embora. É óbvio que o bebê está bem. Fora a minha ansiedade constante, estou me sentindo ótima. Como se ouvindo os meus pensamentos, assim que me levanto para ir ao banheiro a recepcionista me chama. Doutor Zapello está me esperando. Entro na sala e falamos amenidades enquanto me sento. Ele confere meus exames e descobre que estou como uma leve baixa de ferro. Recomenda-me algumas vitaminas, faz poucas perguntas e pede que eu vá ao banheiro colocar o roupão. Quando o faço, deito na mesa forrada de tecido descartável e coloco as mãos atrás da cabeça. Alguém bate na porta e o médico abre. Zac entra esbaforido, afrouxando a gravata.

— Desculpe, eu queria ter saído mais cedo da reunião. — Ele me dá um beijinho rápido. — Perdi alguma coisa?

— Não, ainda não começamos. — O doutor senta-se em frente ao computador ao meu lado e começa a ligar os aparelhos.

Quando abre o meu roupão para expor a minha barriga, consegue avistar a cicatriz da cesárea, mas não fala nada. Zac já deve ter contado tudo para ele antes da minha primeira consulta. Um gel geladinho é passado em meu ventre e eu não ligo, pois já conheço o procedimento. Zac está abaixado ao meu lado, sorrindo feito uma criança que está prestes a ganhar um presente. Eu olho para a tela e, depois de alguns segundos, consigo ver um carocinho se mover. Minha pulsação acelera. E quando começo a ouvir o barulho do seu coração, sou tomada por uma emoção tão forte que perco completamente o controle. Pressiono os dedos contra os olhos e começo a chorar, compulsivamente. É como se eu estivesse revivendo tudo outra vez. Um filme inteiro se passa em minha cabeça, desde a imagem do nascimento e até a de um caixãozinho branco... um misto de explosão de amor com o medo da perda. O barulho continua: tuc-tuc, tuc-tuc... Era como se meu filho estivesse

falando comigo: “Eu estou aqui, o que vai fazer comigo agora?”

— Desculpa, desculpa... — Continuo a soluçar.

Preocupado, Zac se abaixa e me abraça, puxando a minha cabeça para o seu pescoço. Só ele sabe o que estou sentindo. Só ele sabe o quanto tudo isso é intenso para mim.

Compreensivo, o médico retira o aparelho e avisa que vai nos dar um pouco de privacidade. Demoro alguns segundos para voltar ao normal, com Zac acariciando o meu rosto. Tenho muita sorte de tê-lo comigo, um homem que terei orgulho de ser pai do meu filho. Por fim, consigo abrir um sorriso em meio à face molhada.

— Obrigada — digo a ele.

Um sorriso lindo ilumina seu rosto barbado.

— Eu é que preciso agradecer. Tudo vai ser diferente desta vez, meu amor. Deus está nos dando uma segunda chance.

Eu estava começando a acreditar naquilo.

— Chame o doutor Zapello — peço. — Quero ouvir o coraçãozinho dele mais uma vez.

Voltamos para casa radiante e entusiasmados, cheios de planos para o futuro. No dia seguinte, saímos para fazer as primeiras compras para o bebê. Como não sabíamos se era menino ou menina, compramos tudo branco. Eu não tinha preferência de sexo, e Zac também dizia que não, mas desconfiava de que ele preferia um menino pois já queria começar a procurar uma casa onde pudesse ter um gramado para jogar futebol.

Nossa intenção era ajeitar o casamento tão logo eu falasse com meus pais. Zac queria se casar em Tel Aviv, por isso propôs trazer todos os parentes que eu quisesse. Seriam nossos convidados. A sombra da minha antiga vida ainda me assustava, mas eu estava mais otimista, achando que tudo daria certo no final.

Certa tarde, eu tinha acabado de chegar das compras e colocado as sacolas sobre a cama quando ouvi a campainha tocar. Zac estava trabalhando, por isso, tirei a pulseira que estava machucando o meu

pulso e andei até a porta para atender. Quando a abri, fiquei pálida, foi como se estivesse vendo um fantasma.

— Dante?! O que está fazendo aqui?

Com a cara emburrada, ele entra no apartamento arrastando uma mala de mão.

— Eu vim aqui exatamente te fazer a mesma pergunta.

Olho para o corredor, estarrecida, para ver se tinha vindo mais alguém. Quando constato que não, fecho a porta. Meu coração está a mil batidas por minuto. Mesmo assim, meu primeiro instinto é correr para o meu irmão e abraçá-lo. Ele não resiste e passa os braços compridos em volta de mim, depois beija a minha cabeça. Desabo e começo a chorar, estou muito sensível nesses últimos dias. Soluço tanto que perco as forças das pernas. Dante não diz nada, apenas anda comigo até o sofá e se senta ao meu lado.

— Você quer nos matar do coração? — Ele puxa o meu queixo. — Quer ver o seu irmão enfartando antes do tempo? E o pai? E a mãe? Eles

estão ficando loucos sem nenhuma notícia sua.

— Me perdoa. — Enxugo o nariz. — Me perdoa...

Ele usa a manga do próprio casaco para limpar o meu rosto.

— Você está com problemas? — quer logo saber.

— Não. Quer dizer, sim...

— Natasha — Dante se senta de frente para mim —, não me esconda nada. Você não é assim. Nunca ficou tanto tempo sem se comunicar com a gente.

— Como me achou? — O interrompo.

— Luiza. Ela nos disse onde era o prédio onde tinha te visto. Perguntei na portaria sobre você e, no minuto em que o porteiro se distraiu, subi pelas escadas. Em que tipo de enrascada você se meteu?

— Nenhuma. Todas. Eu estou apaixonada.

— Disso, nós já sabemos.

Como imaginei, Luiza tinha cumprido a sua parte por mim.

— Ele é maravilhoso comigo, Dante. Não tenho nada do que reclamar.

— Então, por que está escondendo o cara da gente?

Olho para a Torá pousada em cima da mesa.

— Ele é judeu.

— Não é só isso, não me subestime. Está morando aqui com ele?

Abaixo os olhos para o meu colo. Nunca senti tanta vergonha.

— Agora sim começo a entender. — Dante apoia os cotovelos nos joelhos e tapa o rosto com as mãos.

— Eu o amo, Dante. Estou vivendo um verdadeiro conto de fadas desde que o conheci.

— Natasha, por favor. — Ele abre as mãos ao lado do rosto. — Você sabe muito bem que o verdadeiro amor nada tem a ver com conto de fadas.

O verdadeiro amor não é romântico, isso é paixão, são duas coisas diferentes. Amar é, apesar dos defeitos, decidir ficar com uma pessoa. Você já teve tempo de conhecer os defeitos dele?

— Ele... — Procuro, procuro, mas não encontro. — Ele ronca.

Dante se desarma. Abre o sorriso travesso que eu tanto amo e me puxa novamente para seus braços.

— O que eu faço com você?

Essa breve trégua me acalma um pouquinho. Passeio os dedos pelo seu peito. É tão bom estar perto dele outra vez... Seu cheiro me leva para casa por alguns momentos.

— Você veio sozinho?

— Sim.

— Veio me resgatar?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Não me parece que é isso que você quer.

Ergo os olhos para ele.

— Não, não é.

Meu irmão respira fundo. Já me conhece o suficiente para saber como sou obstinada.

— Você precisa falar com os nossos pais.

— Eu sei. — Fecho bem os olhos antes de soltar a próxima frase. — Tem mais uma coisa.

— Eu imaginava que tinha.

— Você vai ser titio outra vez.

Ele desencosta do sofá e vira o tronco para me olhar nos olhos. Afundo no encosto.

— O meu pai vai te matar.

— Eu sei.

— *Eu* quero te matar.

— Eu sei.

— Toma. — Ele pega o telefone no bolso de trás da calça jeans e o entrega para mim. — Você já sabe o que fazer. Faz agora.

Fico olhando para o aparelho e tomando coragem. Porém, confesso que a presença dele ao

meu lado me faz sentir mais amparada. É como se Dante tivesse passado por uma espécie de buraco negro e tivesse sido transportado para esta minha nova galáxia. Os dois mundos, que estavam separados, seriam unidos pelo próximo telefonema.

— Está com raiva de mim? — Ergo os olhos para ele.

Dante faz uma careta e se recosta novamente no sofá, esticando os braços para os lados.

— Não. — Passa os olhos pela sala, analisando o apartamento. — Mas desejo que sejam gêmeos.

Capítulo 20

Não foi um telefonema fácil. Minha mãe chorou, meu pai ficou mudo e desligou o telefone. Depois, ligou novamente e passou meia hora tentando me convencer a voltar para o Brasil com Dante. Em seguida, Angelina me ligou. Depois, Michele. Depois, Ana. Todos com o mesmo discurso de

“compreendemos o seu erro e estamos aqui para te apoiar”. Fiquei aliviada por ter resolvido esse assunto, mas Zac ainda não sabia de nada. Eu precisava conversar com ele quando chegasse.

Às nove e meia da noite ele passa pela porta da sala e para quando me vê abraçada com outro homem no sofá. Aqueles três segundos parecem eternos. Dante passa o braço pelos meus ombros quando nos levantamos e andamos até ele. Fica grudado em mim como um chiclete. Estica a mão livre para Zac.

— Oi, eu sou o Dante, irmão da Natasha.

O sorriso de alívio de Zac ao registrar a informação é tão hilário que por pouco não me acabo de rir. Finalmente fecha a porta e cumprimenta meu irmão.

— Caramba, que bom te conhecer.

— Dante veio me fazer uma surpresa — aviso, esfuziante.

— Na verdade, pensei que tivesse sido raptada por um homem bomba — Dante me alfineta.

— Está vendo a imagem que a sua família está fazendo de mim? — Zac tira o paletó e convida Dante para se sentar à mesa com ele. A cena faz meu coração explodir de felicidade. — Preciso deixar claro que ela não teve o meu apoio nisso. Venho mandando essa teimosa ligar para a família há dias. Mas você conhece a sua irmã, ninguém convence Natasha a fazer o que não quer.

— E é só por isso que não te dou um tiro na cabeça. — Dante cruza as mãos sobre a mesa. O meu sorriso e o de Zac somem e cruzamos o olhar. — Estou brincando — completa Dante sorrindo, não muito convincente. — Estou morrendo de sede. O que temos para beber?

— Vou buscar um suco de tâmaras para você, vai adorar. — Saio correndo para a cozinha.

Fico espreitando perto da porta para ver se Dante ia falar alguma bobagem para Zac. Não quero que discutam, quero que fiquem amigos. Acabo tomando todo o suco de tâmaras escutando perto do corredor.

— Então, quer dizer que você será papai.

Parabéns. — Ouço a voz do meu irmão.

— Obrigado. Natasha deve ter te falado sobre o nosso casamento. Queremos fazer tudo do jeito certo.

— Tarde demais.

Sinto um arrepio na espinha. Dante está em posição de ataque. Deve ter tomado as dores do pai.

— Dante, sei que deve estar chateado comigo pelo modo como as coisas aconteceram. Mas eu amo a sua irmã e quero assumi-la como minha mulher.

— Não estou chateado com você, mal te conheço. Estou desapontado com ela. Natasha é uma mulher adulta e já toma as próprias decisões.

Suas palavras me ferem e eu me sento em uma cadeira da cozinha. Então, ele estava, sim, um pouco bravo comigo.

— Sua irmã estava sofrendo muito quando chegou aqui — Zac me defende. — Eu a ajudei, nós nos ajudamos. Aconteceu tudo muito de repente.

— Escuta — Dante faz uma pausa —, eu

acho muito, mas muito difícil, que alguém ame mais a Natasha do que eu. E consigo ver quando alguém a quer bem. Mas ela não é qualquer uma, é especial. Tem um dom maravilhoso para ajudar as pessoas. Só não quero que desperdice isso. Quando o marido dela morreu, eu fui até o fundo do poço com ela. E o meu sobrinho... — A voz dele fica embargada e demora alguns segundos para se recuperar. — Eu acho que ela pode, merece e deve reconstruir a vida dela. Ninguém deseja isso mais que eu, mas se a base não for sólida, ela não vai aguentar uma segunda queda.

— Não vai haver quedas desta vez — Zac promete.

—Você não pode garantir isso. Ninguém pode.

— Então, o que quer de mim? Aonde quer chegar com essa conversa?

— Ela precisa ir para casa — Dante é categórico. — Precisa conversar com meus pais, se reconciliar com Deus, e não se apoiar totalmente em uma nova vida deixando tudo que construiu para

trás. Precisa resolver a bagunça dentro dela e não colocar a vida inteira nas mãos de um cara que acabou de conhecer. Se ela tiver que voltar para cá depois com você, tem que vir do jeito certo, casada e com a bênção dos meus pais.

— Não posso forçá-la a isso.

— Mas pode convencê-la.

— Mas não sei se quero. E se vocês a afastarem de mim? — O tom de Zac muda, soa mais duro.

— Então, o amor de vocês não será tão forte quanto parece.

Ambos não dizem nada por alguns segundos. Acho melhor voltar para a sala com outro copo de suco nas mãos. Dante me olha sério, bebe todo o conteúdo e se levanta para partir.

— Mas, já?

— Sim, preciso fazer o check-in no hotel.

— Por que não fica aqui com a gente? Pode dormir no sofá. Estou com tanta saudade...

Dante olha para Zac.

— Acho melhor não, estou muito cansado. Além do que, vou aproveitar os próximos dois dias para conhecer a cidade antes de voltar para casa.

— Mas eu vou te ver novamente, né?

— Claro que sim. Passo aqui amanhã no fim da tarde e depois jantamos juntos, só eu e você.

Olho para Zac, mortificada com a situação. Ele sorri carinhosamente para mim.

— Estarei ocupado em um evento. Vai ser bom você passar um tempo com o seu irmão.

— Obrigada. — Beijo-o rapidamente no rosto.

No dia seguinte, Dante passa às quatro horas para me buscar. Andamos juntos pela orla, de braços dados, apesar do frio cortante. Conto a ele tudo de diferente que tenho visto naquele lindo país. À noite, ele me leva ao mesmo restaurante em que Zac estava com a irmã quando nos reencontramos.

Como uma ironia, peço para ficarmos na mesma mesa que eles. Quem diria que um dia eu estaria comendo aqui com o meu irmão? Eu estou tão feliz com a sua companhia que pouco me importa que ele vá embora algumas horas depois.

— Tem certeza de que não quer voltar comigo? — É a primeira coisa que ele me pergunta após fazer os pedidos. Toco suas mãos sobre a mesa.

— Eu não posso ir agora, maninho. Estou morrendo de saudades dos meus pais, mas preciso decidir as coisas junto com Zac. Não estou mais sozinha.

— Mas ainda não são casados...

— Mas o filho dele está na minha barriga.

Dante abaixa os olhos para a mesa. Quando os ergue novamente para mim, estão vermelhos.

— Eu não sei viver longe de você. Nunca ficamos tanto tempo separados. Se você morar aqui, como vai ser? Só nos veremos nas férias?

Essa ideia também me aterroriza. Dante é o

meu irmão gêmeo, nossa ligação é muito forte. Não consigo me imaginar vivendo definitivamente longe dele por muito tempo, mas preciso seguir com a minha vida e, com o tempo, posso convencer Zac a morar no Brasil.

— Eu preciso do seu apoio, Dante. De todos, você é de quem mais sinto falta. Nem sei explicar o alívio que trouxe ao meu peito a sua presença aqui. Você sempre foi a minha rocha. Lembra do nosso intercâmbio em Londres, quando dividimos o quarto?

— A gente brigava o tempo todo. — Ele ri.

— Eu sei. — Limpo uma lágrima que escapa do meu olho. — Principalmente quando você ficava brincando de equilibrar os meus perfumes caríssimos na sua testa.

— Ou quando você apoiava o seu laptop no meu violão.

Esboço um semissorriso.

— Tá vendo? Mesmo com todas as implicâncias, eu me sentia segura só de saber que

você estava ali perto. Foi a primeira vez que ficamos tanto tempo longe de casa. Dependíamos um do outro, nossos laços se estreitaram ainda mais. Agora a gente cresceu, Dante. Você tem a sua vida e eu tenho a minha, precisamos fazer escolhas que envolvem outras pessoas. Isso não vai afetar o que sentimos um pelo outro. Ao contrário, vamos valorizar cada vez mais o tempo que teremos juntos.

Ele pega nossas mãos unidas e leva-as até os lábios, beija-as e fica me olhando com elas ali. Seus olhos azuis estão molhados, inconformados com a minha decisão.

— Se é isso que você quer, você terá o meu apoio — ele diz. — Sempre terá, até o fim da minha vida.

Desato a chorar com aquela afirmação e mudo de cadeira para abraçá-lo. Não posso exprimir em palavras o que aquela promessa significa para mim. Apesar de ter Zac, muitas vezes eu me sinto confusa e sozinha com as minhas dúvidas. É bom saber que, de agora em diante, terei com quem conversar de forma franca e aberta. Dante é a pessoa em quem eu

mais confio no mundo, junto com Ana e Angelina. Ele nunca exigiu que eu fosse perfeita, sempre me acolheu do jeito que sou, com todos os defeitos. Eu sou muito abençoada por ter um irmão como ele, poucos na vida têm essa sorte. Ficamos abraçados por algum tempo até que nossos pedidos chegam. Rimos juntos e volto para o meu lugar.

Pelo resto da noite, Dante me atualiza sobre as novidades e não tocamos mais em assuntos deprimentes. Entrego a ele cartas para pessoas diferentes: Ana, meu pai, minha mãe e Angelina. Passei o dia inteiro escrevendo. Aproveito para enviar também os presentinhos que já havia comprado e falo com ele para conversar com todos sobre a possibilidade de virem ao casamento.

Dante não gosta muito da ideia, ainda acha que tudo deveria ser resolvido no Brasil, mas não insiste no assunto. No final da noite, ele me deixa na frente do hotel e avisa que visitará Jerusalém no dia seguinte. Nós nos despedimos em meio a lágrimas e promessas de nos falarmos todos os dias.

Capítulo 21

As chuvas haviam castigado Israel no inverno, causando todo tipo de transtorno: o rio Ayalon transbordou, os engarrafamentos foram quilométricos, o shopping Modi'in foi invadido pela enchente, mas, por fim, as chuvas foram embora. Ventos quentes e secos que assumiram seu lugar elevaram bastante a temperatura.

Minha barriga já está saliente, eu estou com dezenove semanas. Zac e eu estamos há dias visitando casas para comprar. Ele quer algo grande, imponente, com muitos quartos... Eu fico louca imaginando quantos filhos ele deseja para encher aquela casa. Já eu, quero algo mais simples, de um só andar. Uma casa espaçosa e com espaço externo razoável para fazermos refeições ao ar livre.

No momento, estamos no subúrbio de Tel Aviv, olhando para uma residência em forma de T. A casa ultramoderna foi projetada por um renomado arquiteto local. É fabulosa, muito além das minhas

expectativas. O lote é de setecentos e noventa metros quadrados e é compartilhado pela família de duas irmãs, só para se ter noção do tamanho. Toda a estrutura vertical e colunas são de aço, exceto o lado ocidental, que é revestido por uma enorme parede de concreto de doze metros de altura, resistente a terremotos. Todo ambiente interage com o céu azul e a luz solar, as paredes são brancas e cercadas por vegetação. Todos os espaços públicos — salão, cozinha, áreas de movimento — podem ser abertos e funcionam como áreas cobertas externas. Isso gera uma experiência mais rica, livre. Fico completamente apaixonada. A casa combina uma estética modernista com valores sustentáveis e cria uma arquitetura que é simples e elaborada ao mesmo tempo. Não tenho como conter a minha expressão, como tentei fazer com as outras. Zac se aproxima de mim e cruza os braços, olhando para a enorme piscina no meio do jardim.

— Pelo visto, você gostou desta — sussurra em meu ouvido, longe do corretor.

Dou um tapinha de leve no seu braço.

— Você não vale nada. Sabe que eu queria uma casa pequena e me traz aqui nesse palácio, só para me desarmar.

— Mas veja se não faz sentido... — Ele se posta atrás de mim e me segura pelos ombros, falando perto da minha orelha. — Para que ter uma casa pequena se você pode... ter isso? — ele aponta o jardim.

Seu celular começa a tocar antes que eu possa responder. Zac olha para a tela e sua expressão torna-se séria. Pede licença para atender e se afasta de mim.

Graças a Deus, o corretor não fala a minha língua e não fica no meu pé para tentar me convencer a comprar a casa. Passo pela enorme porta de vidro e passeio pelo piso de madeira da sala, já imaginando um pequenino ser engatinhando por ali. Vislumbro rapidamente uma versão futura de mim mesma naquela casa, cercada de crianças. Passo a mão em minha barriga ao ter tal pensamento. Já estou totalmente envolvida com essa gravidez. Vez ou outra, tenho um pesadelo terrível

de que estou sangrando entre as pernas, mas logo Zac me acorda, me dizendo que está tudo bem.

Olho para ele na varanda, parece aborrecido falando ao celular. Aproximo-me de mansinho para ouvir. Sei que ele tem tido problemas para arrumar um rabino para fazer o nosso casamento, uma vez que não sou judia. Para falar a verdade, eu preferia que meu pai o fizesse, mas ele se recusa a vir fazer a celebração em Israel. Está sempre dizendo que Zac, no mínimo, deveria ir fazer o pedido oficial no Brasil. Eu até concordo, mas sei que meu noivo não pode sair do país no momento por questões de trabalho. E eu a cada dia me sinto mais desmotivada para pegar um voo tão longo. Gostei muito do obstetra indicado por Zac e é aqui que quero ter esta criança. Preciso que meu pai entenda que não posso estar sempre cedendo às suas vontades. Para o meu consolo, Dante e Angelina confirmaram que virão assim que eu marcar a data da cerimônia, bem como Ana e o marido.

Uma coisa que me deixa nervosa é que ainda não conheci a família de Zac. Sua mãe morreu muito jovem e seu pai também é falecido, mas ele

ainda tem a irmã, tios, sobrinhos... Mas parece não fazer muita questão de ter uma convivência com eles. Cheguei a ir a um casamento de uma de suas primas distantes. Foi lindo. Poucas cerimônias são tão fascinantes quanto o casamento judaico. Ao ver a noiva dando sete voltas no noivo debaixo da chupá, comecei a idealizar o meu casamento com Zac: os copos sendo quebrados, a aliança no dedo indicador, nós dois sendo carregados em cadeiras pelos amigos... Eu não queria me casar em uma sinagoga com uma estrela de Davi ao fundo, sonhava em me casar como Ana, na praia. Imaginava os amigos de Zac naquelas danças típicas de roda, ele descobrindo o meu rosto do véu...

“Eu sou do meu amado e o meu amado é meu.”

Havia maneira mais linda de celebrar uma união?

A música também era encantadora, principalmente a *Boi Beshalom*, música típica dos casamentos judaicos. Zac me disse que a tradução é mais ou menos assim: "Venha em paz, coroa do seu

marido, também com prazer e alegria, vem para o meio do seu povo. Vem, ó noiva! Vem, ó noiva! Vem para o meio do seu povo. Vem, ó noiva, rainha do Shabat."

Não tem como não se encantar. Apesar disso, incomodava-me não ter um pastor presente à cerimônia. Isso é algo que vínhamos discutindo.

Ando para mais perto de Zac e fico frustrada ao ver que ele está falando em hebraico. Não entendo uma palavra do que diz. Reconheço pouquíssima coisa. Ele está de costas para mim, por isso não posso ver sua expressão, mas o corretor se coloca a alguns metros de distância dele, como se estivesse lhe dando privacidade. Quando desliga, Zac não parece mais tão empolgado. Passa o dorso da mão pela ponta do nariz e guarda o celular no bolso da camisa.

— Bom, vou dizer a ele que queremos um dia para pensar.

Coloco a mão no seu ombro.

— Não quer mais ver o resto da casa?

— Já vimos o suficiente. Preciso voltar ao centro para resolver umas coisas.

Aceno com a cabeça que sim, compreensiva.

Vinte minutos depois ele me larga na porta do nosso prédio e segue de carro para o seu compromisso. Decido não subir e sim caminhar um pouco pela rua. Visito algumas lojas, marco um horário na manicure e depois me dirijo a um bistrô que tem um café fabuloso. Infelizmente, por causa da gravidez, só o tomo de vez em quando. Qual não é a minha alegria ao entrar e me deparar com uma pessoa conhecida parada na fila.

— Elise?!

Ela olha para trás e abre um sorriso indeciso. Depois, levanta os óculos escuros e mira a minha pequena barriga.

— Natasha, como você está linda. — Abraça-me de modo caloroso. — Eu não sabia que... — Aponta para o meu umbigo.

— Eu sei. — Sorrio e passo a mão pelo ventre por cima do comprido vestido vermelho. — Foi

naquela noite do vinho.

— Jura? — Ela abre um sorriso largo. — Então, nosso pequeno porre serviu para alguma coisa.

Chega a vez de ela ser atendida e Elise faz o pedido. Depois, vira-se para trás e pergunta o que eu quero comer. Em seguida, paga a conta, pega a notinha e me leva para uma mesa livre para esperarmos. Fico tão feliz com a sua receptividade que me deixo ser conduzida.

— Eu não sabia que você tinha ficado por Israel — comento.

— Não fiquei. Fui e voltei do Brasil. Negócios do Marcelo.

— E como ele está?

— Bem, atolado em trabalho, como sempre. — Ela tira um maço de cigarros da bolsa, depois coloca-o de volta. — Desculpe, é o hábito. Café e cigarro são a combinação perfeita, mas não vou fumar perto de você.

— Eu agradeço.

— E o Zac?

— Trabalhando também.

— Então... — Ela inclina o corpo para a frente. — Você decidiu ficar mesmo por aqui. Estão morando juntos?

— Praticamente desde que nos conhecemos.

— Creio que o seu visto já venceu.

— Pois é, isso é um assunto que me preocupa, mas Zac disse que depois do nosso casamento tudo isso se resolverá rápido.

— Hum... não duvido. Ele deve ter ótimos advogados.

Nossos pedidos chegam e adoçamos os nossos cafés. Um silêncio estranho paira entre nós enquanto mexemos as colherinhas na xícara. Fico olhando para o rosto dela. Está corada sob o vestido goiaba e os cabelos presos em um coque desajeitado. Parece incrivelmente fresca e limpa, um vislumbre de elegância. Olha atentamente para o líquido preto, como se estivesse pensando no que falar.

— Preciso te perguntar uma coisa. — Tomo a

iniciativa. Ela respira fundo e ergue os olhos para mim. — Eu fiz algo que te magoou?

— Não, por Deus, claro que não... — Ela recua na cadeira. Sua reação é tão instintiva que não tenho como duvidar.

— Então, por que não me procurou depois do primeiro dia? Teve a ver com aquela briga no corredor?

— Natasha — ela projeta o corpo para a frente e apoia os cotovelos na mesa —, não teve nada a ver com algo que *você* fez.

— Então, quem?

— Não me faça esse tipo de pergunta. Não quero me meter onde não devo.

Então, há realmente algo para ela se meter.

— Por que não pode falar do assunto abertamente? Sei que tem algo a ver comigo, porque me evitou o resto da viagem e tenho certeza de que tínhamos nos dado muito bem. Eu gostei muito de você. Depois, me senti confusa, triste... Não sei o que fiz para provocar esse afastamento. Foi o Zac?

Zac te fez alguma coisa?

— É melhor você perguntar isso pra ele.

Sinto um calafrio me percorrer. Inclino-me para a frente e seguro a mão dela com firmeza.

— Não. Não posso perguntar para ele. Estou perguntando a você. Somos mulheres. Olha para mim... não estou em condições de ficar angustiada com nada. Por favor, me fala o que aconteceu.

Elise aperta os lábios e puxa a mão, depois coça o nariz. Está claramente incomodada. Porém, não estou disposta a deixá-la ir sem chegar a uma conclusão.

— Marcelo vai me matar se eu abrir a boca para você. Mas... eu vou te dar uma dica. E não diga para ninguém que fui eu quem te dei. — Anuí com a cabeça que sim. — Herzliya Medical Center — sussurra.

— O quê?

— O melhor hospital da cidade. — Ela pega uma caneta na bolsa e anota o nome em um guardanapo, depois desliza-o para mim.

Fico com a testa franzida, mirando o papel.

— E o que eu faço com isso?

— Uma visita. De preferência, em uma terça-feira à tarde.

— Mas...

— Eu não posso falar mais nada. — Ela se levanta sem ter terminado o café. — Eu sinto muito. Sinto muito mesmo, Natasha. Se tudo fosse diferente... — Pega sua bolsa e apressa-se para a saída, deixando-me sozinha na mesa.

Sinto meu coração gelar. Terça-feira. Era o dia em que Zac certamente tinha reunião. O único dia da semana em que eu não podia contar com ele para nada. Será que tinha ligação? Será que Zac estava em alguma espécie de tratamento e eu não sabia?

Meus pés começam a formigar e sinto um arrepio na nuca.

Você já teve tempo de conhecer os defeitos dele? A voz do meu irmão soa na minha mente.

Por sorte, era segunda-feira. Eu teria que ir ao local no dia seguinte, em segredo. Se fosse mais

tempo para esperar, eu morreria de angústia. Tento me lembrar de ter visto Zac usando alguma espécie de medicamento, mas não me recordo. Será que ele está mesmo doente? Será que está morrendo? Será que por isso ficou tão feliz de ganhar um herdeiro? Por isso queria nos deixar em uma casa confortável e abastada o quanto antes? Essa era razão de querer morar em Israel? Por causa de um tratamento?

Só de pensar nisso, fico com raiva de Deus. Ele não poderia fazer isso comigo novamente. Eu não vou permitir. Não deixarei Zac ir embora. Ele não o tirará de mim. Fico tão nervosa que volto para casa sem tocar em meu lanche. Quando chego, tomo um medicamento fitoterápico para me acalmar. Felizmente, caio em um sono profundo. Talvez, pela ansiedade de chegar logo ao dia seguinte. Zac chega tarde e nem sequer sinto o corpo dele se acomodar ao meu debaixo dos lençóis.

No dia seguinte, desperto às cinco horas na manhã. Não sabia o que faria para me distrair até a tarde. Mas, como sou péssima mentirosa, decido dizer a Zac que iria fazer compras só para não ficar no mesmo ambiente que ele pela manhã. Duas horas

da tarde em ponto eu estou parada na frente do hospital, sem saber o que procurar.

Resolvo entrar dizendo que preciso de algumas informações. O porteiro não entende meu inglês, mas olha para a minha barriga e sorri, me dando passagem. Fico roendo as unhas e andando pela requintada recepção, que mais parece um hotel cinco estrelas, como se estivesse esperando por uma pessoa. Peço perdão ao meu filho por estar me expondo àquele ambiente, cheio de bactérias. São quase três horas quando tomo um susto ao avistar Zac entrar pela porta giratória de vidro. Escondo-me atrás de uma pilastra e posso vê-lo cumprimentar as recepcionistas de modo casual. Nem chega a se identificar, é como se fosse conhecido.

Com um pulo no coração, espero que elas se distraiam e o sigo. Zac entra sozinho no elevador e eu fico camuflada do lado de fora, me sentindo ridícula. O que ele faria se me visse perseguindo-o daquela maneira? Eu mesma não estou acreditando na minha atitude. O elevador para no segundo andar. Como o andar é baixo, sorrateiramente decido subir pelas escadas.

Não encontro ninguém pelo caminho, nem mesmo quando abro o grande portão de ferro ao entrar pelo corredor. Também está silencioso como um hotel. Caminho lentamente olhando para as portas brancas que têm uma janelinha de vidro, todas ocupadas por pacientes desacordados. Meus sapatos parecem ecoar no piso frio. Os quartos são gigantes e aconchegantes, divididos em dois ambientes: um onde fica a cama dos pacientes e outro com uma mesa redonda, cadeiras e um pequeno sofá. As instalações são claras e as paredes metade de madeira branca e a outra metade de papel de parede floral. Não há somente uma, mas quatro janelas de vidro — a maioria com persianas levantadas — em cada um dos quartos. O teto é de gesso rebaixado e observo uma enorme tevê de plasma em frente de cada cama. A não ser pelos aparelhos próximos aos pacientes, é idêntico a uma suíte de luxo.

Será que Zac veio visitar um amigo? Continuo caminhando, algo me dizendo que me arrependeria do que estava fazendo. Até que, na quinta porta à direita, posso vê-lo de costas sentado

à beira de uma maca. Não penso, apenas empurro a maçaneta e me deparo com uma cena que parte o meu coração. Há um mulher jovem e morena deitada, desacordada, com cabelos muitos longos. Seu braço e nariz estão ligados a vários aparelhos. Zac apenas se vira para trás e arregala os olhos quando me vê.

— Quem é ela? — Eu pergunto, já sabendo a resposta.

Ele apenas corre para mim a tempo de me amparar quando tudo fica escuro.

Capítulo 22

Acordo mirando um teto branco. Não me dou conta de onde estou até olhar para o lado e ver Zac sentado em uma poltrona. Assim que me vê despertar, levanta-se e vem até mim, tentando segurar a minha mão, mas eu a puxo. Sua expressão se contorce. Suas pestanas escuras estão molhadas em torno dos olhos azuis. Ele está visivelmente

desesperado. Eu queria que aquilo tudo fosse um pesadelo.

— Como está o meu bebê? — Eu pergunto com a mão na barriga.

— Está bem. Você teve uma ligeira queda de pressão. — Tento me sentar, mas Zac me impede. — É melhor eu chamar o médico.

— Eu não quero médico nenhum. Só quero ir embora daqui.

— Meu amor, calma...

Olho para ele com fúria.

— Não me chame assim. Nunca mais me chame assim!

— Você não pode se exaltar.

Coloco-me de pé à força. Sinto uma leve tontura, mas logo estabilizo.

— Ah, não posso? Ainda bem que você colabora muito com isso.

— Natasha, eu...

— Cale a boca! — Minha voz agora pode ser ouvida do corredor. — Você é um desgraçado! Como pôde fazer isso comigo? Até quando acha que conseguiria me esconder?

— Eu preciso te explicar o que aconteceu.

— Então, me explica. Me diz o que fazia do lado daquela mulher. Diz que ela não é quem eu estou pensando. — Minha boca treme e a voz sai embargada.

Zac abaixa os olhos e tapa-os com a mão. Não posso evitar, começo a soluçar e sento-me na cama. Ficamos assim, cada um chorando de um lado, separados por um metro que parece um oceano de distância. É tudo tão surreal! Como se um súbito câncer tivesse nascido entre nós, maculando tudo que um dia foi forte e bom. Eu achava que o nosso amor já havia sido cimentado. Que éramos cúmplices. E, de um minuto para o outro, eu sou uma adúltera. Eu preciso saber mais detalhes.

— Há quanto tempo?

Zac volta os olhos úmidos para mim. Sua expressão é de puro desalento.

— Agora já faz três anos. Três anos que ela entrou em coma.

Engulo em seco. Sinto-me enjoada, fraca, como se tivesse levado um soco no estômago.

— Ela ainda tem chances de acordar?

— Está em estado vegetativo persistente, isso pode durar vários anos, décadas. Ela pode ficar assim para sempre, Natasha. A chance de voltar diminui com o tempo. E, se voltar, poderá ter sequelas irreversíveis. Dizem que conversar com o doente ajuda. Não há comprovação científica disso, mas os médicos acreditam que pode ajudar. Por isso, venho aqui uma vez por semana. Eu nem tenho mais esperança, mas me sinto em dívida com ela.

Volto os olhos para a janela e avisto o gramado lá embaixo. Não estou conseguindo raciocinar. É tudo muito traumático, triste e deprimente. A mentira é algo que eu não suporto, embora eu mesma tenha mentindo bastante para a minha família nos últimos tempos.

— E se ela acordar? — Viro-me para Zac novamente. — Não pensou nisso? Ela não está

morta, Zac. Por acaso, você não prometeu ficar com ela na saúde e na doença? O que acha que ela pensaria se acordasse e te encontrasse casado com outra?

— Não seria assim. Eu daria o *get* a ela.

— *Get*? Que diabos é isso?

— É uma autorização de divórcio. No casamento judaico, só o homem pode liberar a mulher. Eu já tinha acertado tudo com os pais dela e estava tratando do assunto com o rabino da família. Falei sobre você. Eles sabem o quanto sofri esse tempo todo e compreenderam a minha situação. Minha vida paralisou desde que Sarah teve o AVC.

Eu não posso estar mais chocada com tudo aquilo. São tantas as revelações que chego a ficar tonta.

— Então, é por isso que o nosso casamento ainda não saiu: você está esperando o divórcio?

Com um suspiro, Zac abaixa os olhos para o piso.

— Sim.

— E é por isso também que todo mundo que te conhece fica me olhando daquele jeito? Por isso que a sua irmã não vai com a minha cara? Porque sabe que sou sua amante?

— Pelo amor de Deus, eu nunca te vi assim...

— Mas é o que sou, não é? É como toda a sua família me vê. Estou com tanto ódio de você...

— Eu poderia me casar com você agora. — Ele não me encara enquanto fala. — Quando a esposa não é capaz de gerar filhos ou é mentalmente doente, os rabinos dão ao marido o direito de se casar com uma segunda mulher sem se divorciar da primeira. Mas, eu sabia que você não aprovaria isso. Por isso, estou tentando o divórcio.

— Ah, meu Deus... — Ergo as mãos para o céu e viro-me de costas para ele. Depois, tapo a boca com a mão. Isso tudo é tão... vergonhosamente ultrapassado. — E você acha que *isso* eu aprovaria? Acha que quero ser uma destruidora de casamentos? Você não me conhece mesmo...

— Natash...

— Não. Fique longe de mim. — Afasto-me. Estou com nojo de Zac nesse momento. — Onde estão as minhas coisas? — Começo a olhar em volta.

De cabeça baixa, ele vai até um pequeno armário e pega a minha bolsa. Tomo-a com grosseria de suas mãos, querendo bater nele várias vezes com ela.

— Eu vou para casa e vou pegar as minhas coisas. Ou melhor, vou para a *sua* casa. Sua e da sua esposa. Peço que não apareça por lá enquanto eu não tiver tirado tudo. É o mínimo que pode fazer.

— E para onde vai? — Seus olhos estão arregalados.

— Não te interessa!

— Claro que interessa, você está carregando um filho meu.

— Um filho *bastardo*! — Aquela palavra dói mais em mim. — E eu nunca vou te perdoar por isso. Eu te odeio, Zac. Você me transformou na pior espécie de mulher. Eu jamais me envolveria com um

homem casado, não importa a sua condição. Você não sabe o que é amar. Não sabe o que é ser fiel. Eu tenho pena da sua esposa.

Ele me segura pelos pulsos e se põe de joelhos diante de mim. Agarra firme a minha cintura.

— Natasha, pelo amor de Deus. A minha vida tem sido um inferno desde esse acidente. Você foi a melhor coisa que me aconteceu...

Ele abraça o meu ventre e começa a chorar. Sua dor se cruza com a minha, como sempre, e não consigo controlar o choro. Eu não posso deixar de amá-lo de uma hora para outra e não consigo evitar o impulso que me impelia a cuidar dele, mas preciso ser firme. Não serei condescendente. Estou muito magoada.

— Me solta, Zac, por favor.

— Não me castigue dessa maneira. Não vá embora. Fique no apartamento até decidir o que vai fazer. Eu juro que não vou lá sem a sua permissão. Pense no bebê, você não pode sair pela rua sem ter onde ficar. Os hotéis estão lotados nessa época do ano. Além do que, precisa regularizar a sua situação

antes de sair do país.

Ai meu Deus, meu visto está vencido. Eu estou toda enrolada. Minha vida está desmoronando e eu preciso resolver muitas coisas antes de voltar ao Brasil. Fecho os olhos e respiro fundo. Tenho que ser objetiva. Pelo bebê, decido aceitar a oferta.

— Eu não quero te ver no apartamento, Zac. Está me entendendo?

— Eu juro.

Empurro-o para trás. Ele me olha com tal arrependimento nos olhos que por pouco não me abaixo para abraçá-lo.

— Assim que eu sair de lá, dou um jeito de te avisar.

— E o nosso filho? Não quero ficar longe dele.

— Vou pensar em uma solução, mas você irá vê-lo depois que nascer. No Brasil.

Saio do quarto e coloco o dorso da mão sobre a boca. Caminho a passos largos e cambaleantes pelo corredor. Então, paro em frente ao quarto de

Sarah. Uma força irresistível me atrai para lá. Preciso entrar. Eu preciso vê-la de perto. Pé ante pé, vou chegando perto de sua cama, soluçando cada vez mais. Sinto uma tristeza profunda, uma compaixão violenta pela mulher que está me tirando o que eu mais amo. Ela está tão abatida, sem cor... Seus lábios abertos estão ressecados e rachados. Sua aparência vulnerável faz com que eu me sinta ainda mais suja. Dá para ver que foi sido muito bonita um dia. Tento imaginá-la acordada, vibrando ao lado de Zac, envolta na delirante felicidade de estar apaixonada por ele, como eu estava até alguns dias atrás. Imagino a sua decepção se soubesse o que ele está fazendo, colocando outra mulher para dormir em sua cama. Choro mais ainda por ela. Por nós duas. Ambas fomos enganadas pelo mesmo homem. Sarah parece muito jovem para perder a vida. Não merece isso. Não merece ser traída. Inconsolável, ajoelho-me perto da cama e coloco minha testa em sua mão inerte.

— Me perdoe... — Minhas lágrimas são abundantes.

Fico ali por alguns momentos, tentando

assimilar tudo o que havia acontecido. Arrependida demais de ter confiado tanto. De ter me entregado tanto. Seguro a mão dela entre as minhas, implorando o seu perdão. E, pela primeira vez em meses, faço uma breve prece. Peço a Deus que me perdoe meus erros, que me limpe daquele sentimento forte construí por Zac. E peço que restitua a saúde àquela mulher.

Em seguida me levanto, estico o meu vestido e saio do quarto, determinada a consertar a minha vida.

Capítulo 23

Não foi tão fácil quanto imaginei. Não tive forças para resolver nada nos dias seguintes. Minha depressão voltou com força total. Perdi totalmente o contato com outras pessoas. Amigos e familiares me ligavam, mas eu não os atendia. Estava envergonhada demais da minha situação. Cada um devia estar vivendo a sua vida de forma honesta:

casando, defendendo teses, oferecendo jantares, mudando-se, divertindo-se em família... E eu estava ali, presa em um estado de torpor e confusão mental grande demais para sequer levantar para pegar um copo de água, quanto mais resolver o problema do visto. Também perdi a noção do tempo. Eu estava anestesiada pela segunda vez, só que agora era pior. Por vezes, quando me dava conta de levantar a cabeça, já estava escurecendo lá fora. A vida prosseguia sem mim. O mundo continuava a girar.

Zac me mandou um milhão de mensagens, mas, conforme prometeu, não apareceu no apartamento. Mesmo assim, se fazia presente a cada vez que um empregado do restaurante vinha me entregar as refeições. Ele devia estar muito preocupado com a minha alimentação, pois todas eram servidas regularmente no apartamento. Eu nem precisava abrir a porta, eles simplesmente tocavam a campainha, entravam e deixavam tudo sobre a mesa com discrição.

Meu médico também tinha vindo me visitar um dia após o incidente no hospital. Fez alguns exames e recomendou que eu ficasse de repouso. Eu

só queria dormir, fugir da realidade. Tomei um calmante atrás do outro. Zac insistia em vir me visitar, mas eu não deixava. A verdade é que eu me sentia muito sozinha. Algumas vezes cheguei a ficar sentada do chão do closet, chorando, agarrada às suas roupas. Quando duas pessoas se apaixonam, criam um refúgio. Eu me sentia muito protegida e amparada pela sua presença antes. Agora, essa segurança parecia ter se apagado, como uma vela que fica sem cera. Eu não podia estar perto de Zac naquele momento. Não sabia se resistiria ao seu toque, ao seu carinho... Queria de volta tudo aquilo que havia sentido.

Muitos anos depois — pelo menos, essa foi a minha sensação —, finalmente reuni forças e decidi voltar para o mundo lá fora. Precisava ajeitar os meus documentos no consulado brasileiro e comprar minha passagem para partir. Porém, andava tão distraída nos últimos dias que não conseguia assimilar onde colocava as coisas. Não achava o meu passaporte por nada. Passei o dia procurando e, no final da tarde, comecei a ficar preocupada. Revirei o apartamento de cabeça para baixo,

inclusive os bolsos dos ternos de Zac. Sem sucesso, fiquei olhando minha imagem no espelho do banheiro, com as mãos apoiadas na pia, imaginando onde poderia tê-lo colocado.

Ou *quem* poderia tê-lo pego.

Fechei os olhos e soquei a bancada de mármore. Sem alternativa, liguei pela primeira vez para Zac.

— Natasha?!

— Quero o meu passaporte de volta.

Ele ficou mudo por um momento, talvez surpreso por ouvir a minha voz.

— Posso ir entregá-lo a você hoje à noite.

Desgraçado!

— Quando esteve aqui?

— Você estava dormindo.

— Mas você prometeu...

— Eu precisava ver se você estava viva. — Seu tom era ríspido. — Não responde às minhas

mensagens.

— Quantas vezes fez isso?

— O suficiente para colocar um placebo no lugar dos seus calmantes. Isso não deve fazer bem ao bebê.

— Eu te odeio.

Acho que pude ouvir um sorriso do outro lado da linha.

— Eu sei disso. Janta comigo hoje?

Quê?

— Não seja idiota.

— É pegar ou largar. Só assim eu te devolvo o seu passaporte. Às oito, no restaurante do terraço. — E desligou o telefone na minha cara.

Fiquei olhando o aparelho, sem acreditar. Ele só podia estar completamente fora de si. O canalha tinha me enganado, roubado os meus pertences e ainda se achava no direito de dar as cartas do jogo? Ele ia ver só uma coisa. Ah, ia...

No horário marcado, entrei marchando no

restaurante somente com a chave do apartamento na mão. Pretendia fazer um desenho na cara dele com ela caso não me devolvesse imediatamente o meu documento. Eu estava horrível, com a mesma roupa amassada que havia usado o dia todo: uma camisa de manga curta com estampa de beisebol e um moletom. O cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo curto com fios soltos ao redor da cabeça. E calçava pantufas. Se ele ainda não tinha desistido de mim, agora com certeza desistiria.

Zac me avistou no meio do restaurante e arregalou os olhos de longe. Ótimo. Estava espantando com a minha aparência de mendiga. Pisei duro até ele e parei em frente à cadeira onde ele estava sentado. Havia um prato de figos servido na mesa.

— Me dá. Agora!

Ele soltou uma risada contida. Usava um terno preto fabuloso.

— Pode primeiro se sentar?

— Eu juro que te jogo daqui de cima, Zac, não estou para brincadeira.

— Pelo visto seus hormônios estão ficando descontrolados. — Ele olhou para a minha barriga e seu sorriso se abriu mais ainda. — Olha como ele cresceu!

— Ela.

— O quê?

— Estou esperando uma menina. O doutor Zapello me falou.

— Mas o bebê estava sempre de pernas cruzadas.

— Acho que descruzou para tentar me animar.

— Eu vou ter uma menina? — Ele pôs a mão no meu ventre, deslumbrado. E, para a minha grande surpresa, tive a impressão de que a danadinha chutou. — Oi, filha...

Dei um tapa na sua mão e os clientes à volta se viraram para nós por causa do eco.

— Não coloque a mão em mim. E me dá logo a porcaria do passaporte.

Zac ficou de pé e me olhou lá de cima com dureza.

— Não.

— O quê?

— Você não vai embora com a minha filha.

— Sua? Eu...eu... você tá doido? Andou bebendo? Nunca vai me dizer o que fazer.

— Não conseguirá sair de Israel com um filho meu na barriga, posso garantir. As autoridades já estão avisadas.

Fiquei paralisada, com a boca semiaberta, foi como se o sangue tivesse parado de circular no meu corpo e eu virasse uma estátua de pedra. Se eu tinha entendido bem, ele estava me ameaçando... Quem era aquele homem na minha frente? Que direito tinha de limitar o meu ir e vir? Fiquei tão furiosa que lancei um tapa na sua cara tão bem estalado que ecoou no salão inteiro.

— Não acredito que você fez isso! — rosnei.

Zac colocou uma mão sobre a face e respirou fundo. Um garçom se adiantou e ele pediu com a

mão para que parasse.

— OK, você já estava me devendo um desses há muito tempo. Fico feliz que tenhamos resolvido isso. Mas nós precisamos desse tempo, Natasha. Quero que você tenha a nossa filha aqui em Tel Aviv, que seja muito bem amparada. Depois, poderá fazer o que quiser...

— Ai meu Deus... — Comecei a andar para trás, com as mãos na cabeça. — Eu preciso de um advogado...

— Pelo amor de Deus, não seja dramática. — Ele tentou me puxar e desviei o cotovelo. — Poderá voltar ao Brasil assim que a criança nascer.

Olhei-o com terror. Já tinha ouvido falar que no Oriente Médio a custódia do filho geralmente era do pai.

— Você vai tomá-la de mim?

— É claro que não.

Não consegui acreditar nele. Estava perdida. Tonta. Então, dei meia-volta e retornei para o corredor, sem me preocupar com a enorme

audiência do restaurante. Zac veio atrás de mim e segurou a porta do elevador depois que eu entrei, para forçar passagem. Comecei a chorar com o rosto nas mãos e ele ficou em silêncio. Quando chegamos ao andar certo, ele me acompanhou até a porta.

— Você não vai entrar aqui — eu disse de costas para ele, com a chave frouxa na mão.

Zac pôs uma mão no meu ombro.

— Natasha, eu te amo. Será que não consegue se colocar em meu lugar por nenhum momento? Eu também sofri muito com tudo o que aconteceu. Se eu tivesse te dito a verdade, você jamais teria ficado comigo. E nós não teríamos feito ela... — Aproximou-se das minhas costas e tocou em minha barriga, abraçando-me por trás. — Nós temos uma chance de ser felizes juntos. Eu amo você. Amo a nossa filha. Juro que farei de tudo para reparar o meu erro...

Virei-me de frente para ele. Péssima ideia. Ao encarar seu rosto tão perto, parte da minha resistência arrefeceu.

— O que você fez foi irreparável.

— Não, não foi. Não se faça de Deus para me julgar. Só Ele sabe o que venho passando... — Nisso ele tinha razão. Eu só estava vendo o meu lado. Por mais que Zac estivesse errado, só Deus conhecia suas motivações. Baixei os olhos para a altura de sua clavícula, eu podia ver a cova entre ambas pela gola da blusa, o maxilar rígido e forte. Ele não podia estar mais próximo a mim. — Eu não posso mais viver sem você, pombinha. Nunca fui tão feliz em toda a minha vida como fui nos últimos meses. Você é inteligente, sensível, correta, tem todas as qualidades que eu amo... e agora será a mãe da minha filha. — Tomou o meu rosto nas mãos. — Eu preciso de você e sei que você precisa de mim. Por favor, vamos tentar resolver isso juntos... — Beijou suavemente a minha testa.

Joguei meu corpo contra a porta, tentando recuar. Estava confusa, desamparada, sentindo-me vulnerável e morrendo de saudades do seu contato. Em seguida, Zac percebeu o meu instante de fraqueza e pressionou o corpo dele contra o meu. Deixei cair as chaves quando nossos lábios se

uniram. Cedi completamente. Passei meus braços pelo seu pescoço e beijamo-nos sem parar, em um momento que pareceu infinito, como se estivéssemos tentando fundir nossos corpos, juntar nossas almas. A falta que sentíamos um do outro doía em todas as partes. Odiei-me naquele momento. Eu queria ser forte, queria empurrá-lo para trás e estapear seu rosto mais uma vez, mas tudo que conseguia fazer era sentir o seu gosto na minha língua e o seu cheiro me impregnando.

Quando nos desligamos, Zac me olhou com intensidade e veneração, passando a mãos pelos meus cabelos.

— Natasha, por favor, me deixa voltar para a sua vida?

Não respondi nada. Simplesmente abri a porta de casa enquanto um sorriso lento se formou no rosto dele.

Capítulo 24

Quando Zac acordou no dia seguinte, não me encontrou ao seu lado na cama. Muito menos o meu passaporte. Eu estava muito atordoada e precisava tirar um tempo para pensar. De todo modo, não pretendia sair do país sem falar com ele, mas precisava decidir o que fazer com a minha vida daquele momento em diante. A única coisa que me ocorreu foi que precisava me afastar o máximo possível, ir para algum lugar onde pudesse ficar sozinha com meus pensamentos.

Eu não tinha planos nem indicações. Tudo o que sabia é que estava perto. Vivenciar o deserto de repente pareceu quase um chamado. Não sei se fui até ele ou se ele veio até mim. Só sei que, de um momento para o outro, vi-me dirigindo uma picape alugada e indo em direção àquele imenso vazio. Levei comigo apenas a mala de mão com algumas roupas, vitaminas e suprimentos que comprei em um mercadinho antes de vir. Não me importei com o meu estado, eu estava grávida, não doente. Acreditava piamente que meu estado mental e espiritual seria tão ou mais importante para o bem-estar do bebê quanto todas as outras

recomendações. Por isso, resolvi ouvir meu coração.

O deserto do Negev ocupa sessenta por cento do território de Israel, mas é pouco povoado. Era o lugar perfeito para eu ficar sozinha para refletir. Fora isso, eu queria muito conhecer o Mar Vermelho, então decidi que esse seria o meu destino.

Saí bem cedo de Tel Aviv, munida do meu GPS, e dirigi em direção a Berseba, a segunda maior cidade ao sul de Israel. Lá, fiz a minha primeira parada para ir ao banheiro — algo que precisei fazer um número considerável de vezes durante a viagem. Quando continuei, um horizonte desértico começou a se revelar e não me restou nenhum outro pensamento a não ser agradecer. Era poético, lindo, impactante. Uma vastidão que parecia ter sido esculpida pelos dedos de Deus. Foi como se um portal se abrisse diante de mim, convidando-me a participar de seu silêncio, cheio de significados. Abri completamente a janela do carro. Pude sentir o vento, o sol, era como se eles dançassem diante de mim. Tudo havia ficado maior, mais evidente.

Em seguida, continuei dirigindo. A maioria das

placas estava em hebraico, árabe e inglês, respectivamente, o que me ajudou um pouco. Vislumbrei, à margem da estrada, uma série de aldeias de judeus beduínos pelo caminho. As residências eram muito precárias e não havia fornecimento de água nem energia elétrica. Espantei-me ao ver algumas crianças jogando bola. Não sabia que o futebol era tão popular por ali. Também avistei alguns oásis ficando para trás. Minha primeira parada mais demorada foi em um mirante a caminho de Eilat. Muitos carros estavam parados naquela região. Estacionei entre eles, desci, bati a porta com um som estrondoso e levantei poeira com os pés quando fui contemplar a vista.

Era tudo tão grande, tão majestoso... O deserto do Negev não é feito de areia, mas de pedras de calcário amarelo. Eu podia ver formações rochosas de outras cores, devido ao ferro, cobre e carvão presentes no solo. Soube disso porque estava perto de um grupo de turistas brasileiros e escutava tudo o que o guia deles dizia. Aproximei-me mais do precipício e olhei para baixo, envolvendo-me com os braços por causa do vento.

Sorri. No terreno declive, pude ver três corças caminhando bem perto de mim. Se esticasse os braços, poderia acariciá-las, mas tive medo de fazer isso. À direita, um grupo de jovens praticava rapel descendo pelos cânions. Sentei-me em uma pedra ao lado de uma vegetação seca, perto da ribanceira. À minha frente, apenas a imensidão do deserto. O vento batia no meu rosto, bagunçando meus cabelos, que fugiam do lenço fino que envolvia a minha cabeça. Fiquei ali, absorta pela vista deslumbrante. Não houve nenhuma sequência lógica dos passos que me levaram até ali, talvez por isso eu estivesse curtindo tanto o momento.

Alguns minutos depois, voltei para o carro e continuei a viagem. Passei por uma bandeira de Israel no meio do nada, branca, sacudindo com o vento suas listras e a estrela de seis pontas azul. Contemplei também algumas placas coladas em pedras, escritas em hebraico. Em determinado momento, em uma paisagem completamente desértica, avistei ao longe uma casinha solitária, que parecia uma choupana, com tetos e paredes cobertos de sapê. Parei o carro e vislumbrei-a por alguns

segundos. Como devia ser morar em um lugar daqueles? Haveria realmente alguém que vivesse ali?

Curiosa, embreei a picape por uma pequena estrada de terra e dirigi até lá, sacudindo o carro pelo caminho. Estacionei a alguns metros dela. Estava tudo completamente silencioso ao meu redor. Pude ouvir com precisão os meus passos sobre as pedras enquanto contornava a construção, que parecia abandonada. Era muito pequena, em formato de triângulo, com apenas uma porta e uma janela de madeira, ambas fechadas. A maçaneta era um toco de madeira e dois vasos com plantas margeavam a entrada. Uma pequena placa em azul estava grudada a uma das vigas, com uma palavra em hebraico. Eu imaginava o que estava escrito quando uma senhora saiu de dentro da moradia, com a cabeça coberta por um pano preto. Era velha, devia ter em torno de setenta anos.

Ficou olhando para mim, sem dizer nada, mas com um olhar tão profundo e expressivo que não ousei me mover. Passados alguns segundos, fiquei tão sem graça de estar invadindo o espaço dela que dei um passo involuntário para trás. Quando fiz isso,

ela sorriu, sem os dois dentes da frente. Sorri de volta para ela, que falou algo que não entendi e entrou novamente. Eu já ia voltar para o carro quando a senhora reapareceu com um vaso de barro e um copo de água na mão, oferecendo-o para mim. Fiquei muito comovida, pois imaginei como deveria ser difícil para ela conseguir reabastecer, uma vez que não havia canalização por perto. Mesmo assim, aceitei e bebi, com medo de ser indelicada. Estava quente, com um gosto terrível. Fiz uma oração silenciosa pelo bebê, agradeci com a cabeça e voltei para a estrada, mas não antes de deixar um Gatorade para ela de presente. Pareceu gostar muito.

Eu já estava ficando com fome. Havia trazido frutas e biscoitos, mas precisava de algo com mais substância. Qual não foi a minha surpresa ao avistar um Mc Donald´s à margem direita da estrada. Não era a melhor refeição do mundo para uma grávida, mas servia. Como estava passando muito tempo sentada ao volante, decidi comer meu lanche em pé no estacionamento e apoiei o refrigerante no capô da picape. De lá, pude avistar uma espécie de ruína em cima de uma montanha próxima. Fiquei olhando

para ela, intrigada.

— É uma antiga pousada, com mais de três mil anos — comentou um dos brasileiros que eu havia visto no mirante. — Hospedava caravanas do deserto.

Olhei para ele e sorri de boca fechada, pois estava mastigando. Era o orador do grupo, um homem na faixa dos cinquenta anos, baixo, calvo e moreno, com um rosto enrugado e simpático.

— Obrigada pela informação. Aliás, pelas informações. Tirei uma casquinha das suas explicações para os turistas.

— Eu percebi. — Ele sorriu. — Viajando sozinha?

— Não. — Sorri e alisei a barriga. Só então ele percebeu que eu estava grávida.

— Uma garota corajosa.

— Às vezes, a gente precisa ser.

— Está fugindo ou buscando alguma coisa?

Coloquei o resto do meu sanduíche de lado e

dei um suspiro.

— Boa pergunta.

— Bom — ele olhou para as ruínas novamente —, aqui me parece um bom lugar para buscar a resposta. Quando nos afastamos de tudo, às vezes conseguimos ouvir melhor a voz de Deus.

— Estou contanto com isso. Tenho passado dias difíceis e mal consigo ouvir a mim mesma... — Silenciei por um momento. — Mas não quero ficar me lamuriando. Você está a trabalho, me desculpe.

Seu rosto se contorceu em uma careta.

— Não precisa se desculpar. E não estou a trabalho, acompanho o grupo da minha igreja. A gente traz todo ano uma excursão. Está indo para onde?

— Eilat. Quero conhecer o Mar Vermelho.

— Está vindo de Tel Aviv?

— Sim.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Umas boas quatro horas e meia de carro.

Por que não nos segue? Vamos fazer algumas paradas interessantes pelo caminho.

— Se não se importar...

— Claro que não. Aliás, eu sou o pastor Matias. — Esticou a mão. Limpei a minha no guardanapo e estiquei para ele.

— Meu nome é Natasha. — Achei melhor não dizer que também era filha de um pastor, devido à minha condição.

Ele gentilmente me levou para perto do grupo, apresentou-nos e avisou que eu iria segui-los por algum tempo.

Esticamos a viagem por mais uma hora e paramos em um lugar cheio de estufas. Era uma plantação de cenouras. Apesar do terreno arenoso, o deserto de Negev era rico em agricultura. Vi cenouras de quatro cores: amarela, branca e roxa, além da laranja clássica. Aliás, fiquei impressionada com o tanto de alimentos que conseguiam produzir no deserto.

— Como pode? — comentei com o pastor. —

A terra aqui parece tão seca...

— Pois é, mas veja só você. — Ele apontou para a horta. — Eles utilizam a água subterrânea e salobra para regar as plantações. Isso faz com que os frutos cresçam com mais dificuldade, sob estresse constante e, exatamente por isso, tornam-se mais resistentes e o resultado chega a ser três vezes mais doce, ou seja, muito mais saboroso.

Não tive como não rir.

— Resumindo: crescendo em meio as dificuldades, o produto final fica muito melhor.

O pastor deu uma piscadinha.

— Exatamente.

— Acho que estou sendo plantada neste terreno — brinquei.

Matias passou um braço pelo meu ombro e sorriu.

— Então, imagine como vai ser o resultado final.

Despedimo-nos meia hora antes do meu destino. Havia pelo menos trinta ligações não atendidas de Zac. Esperei chegar até à margem da praia antes de ligar para ele. Passei pelo porto, onde vislumbrei um grande transatlântico parado. Percebi que a cidade era muito bonita e turística, até um pouco mais do que eu gostaria. Havia muitos hotéis luxuosos e restaurantes pelo caminho. Por fim, estacionei à beira do Mar Vermelho, antes da fronteira com o Egito. Saí do carro e caminhei pela areia escura em direção à água, onde sentei-me em uma pedra próxima à margem, olhando para a Jordânia, que ficava do outro lado do mar. Coloquei a mão sobre a barriga, com os olhos cheios de água, e senti uma quicada forte. Funguei e abri um sorriso.

— Oi, filha, você também gostou? — conversei com ela. — Eu também... — Ergui os olhos para o mar.

Eu sabia que um grande milagre havia acontecido naquele lugar. Acho que, inconscientemente, foi por isso que tinha escolhido ir para ali. Eu precisava de um milagre, precisava que Deus consertasse a minha vida. Já havia passado

tempo demais sem Ele no comando das coisas. Era a hora de acertarmos as contas. E, realmente, me senti mais próxima dEle naquele lugar. Perdi a conta dos minutos que fiquei olhando para a água, imaginando-as dividindo-se ao meio para que o povo de Israel pudesse passar. Em minha cabeça, era tudo tão magnífico... Como se o simples fato de estar ali fizesse o acontecimento sair da Bíblia e tornar-se real para mim. Eu precisava me lembrar dos feitos do Deus a quem eu havia servido por toda a minha vida. Um Deus sem limite para perdoar, misericordioso, paciente, cheio de poder... Um Deus que resgatou o seu povo rebelde de modo maravilhoso. Eu queria tanto senti-lO de novo atuando dentro de mim. Ser abraçada pelo Seu amor e pela Sua bondade.

Por instinto, fui até a margem e toquei a água com as pontas dos dedos. Ao senti-la, um formigamento subiu pelos meus dedos até o ombro e comecei a chorar intensamente, como se uma represa tivesse se rompido dentro de mim. Os sentimentos vieram todos de uma vez: tristeza, decepção, raiva, arrependimento, rancor... Eu tremia

com os soluços que meu peito produzia. Milhões de cenas dos últimos meses vieram em flashs na minha cabeça: eu beijando o meu marido, o bebê em meus braços, o telefonema do acidente, eu apática mirando os caixões, o teto do quarto, minha chegada em Jerusalém, o cemitério, a neve, eu e Zac fazendo amor...

Caí de joelhos, orando, pedindo perdão. Senti como se algo muito forte dentro de mim estivesse arrebentando. Como se uma tempestade tivesse invadido o meu coração.

Chora. Eu quase podia ouvir o Espírito Santo dizer. *Chora.*

Continuei a me derramar, lembrando-me de tudo que havia passado nos últimos meses. E, pela primeira vez, fiz algo que nunca sequer tinha imaginado fazer: agradeci porque não estava dentro daquele carro. Porque Deus havia poupado a minha vida. Porque Ele ainda devia ter algum plano muito grande para mim ao decidir me manter aqui na terra, por mais que me doesse ter visto duas pessoas tão amadas partirem. Agradeci também por ter

conhecido Thiago, pelo tempo maravilhoso que tivemos juntos. E pela breve vida de Lucas, meu filho, que tinha me trazido tanta alegria. Ergui as duas mãos ao lado do corpo, voltadas para o céu.

— Obrigada, meu Deus. Obrigada por tudo. — Senti como se estivesse quitando uma dívida. — Usa-me conforme a Tua vontade. — Abri os olhos molhados para o céu. — Eu sou tua, Senhor. Tem misericórdia da tua serva e me recebe novamente em teus braços de amor. Eu te amo. Não há dor neste mundo que vá me separar de ti novamente. Eu sei que Thiago e meu filho estão contigo neste momento. Eles não podem mais vir até mim, mas um dia eu irei até eles.

Uma brisa suave tocou o meu rosto e senti o coração aliviado. Pus as duas mãos nos joelhos e continuei a contemplar a imensidão azul que me cobria, sentindo as lágrimas caírem em direção às orelhas. Havia pássaros voando pelo firmamento e, supreendentemente, agora eu me sentia tão livre quanto eles. Em paz. Depois de muito, muito tempo, eu me sentia tranquila. Segundos depois, voltei meus olhos para os corais e resolvi pegar uma pedra, para

levar de recordação.

Quando voltei para o carro e bati a porta depois de entrar, peguei o celular e liguei para Zac. Ele atendeu ao primeiro toque.

— Onde você está?

— No deserto.

Ele ficou mudo por alguns segundos.

— Que deserto? O deserto do Negev?

— É.

Ele demorou a registrar a informação.

— Você vai acabar me deixando maluco. Posso ir te buscar?

— Não precisa. — Olhei pelo retrovisor e avistei os hotéis. — Vou arrumar um lugar para dormir, mas amanhã cedo estarei de volta a Tel Aviv. Só liguei para você não ficar preocupado.

Zac não disse nada por um momento. Ouvi um suspiro.

— Por que saiu daqui desse jeito? Eu vi que

você levou o passaporte, fiquei com medo de já ter ido embora.

— Você não bloqueou a minha saída do país?

— Claro que não. Eu blefei porque estava desesperado.

Abri um sorriso e olhei para o mar, satisfeita de não ter me engando tanto a respeito da sua índole.

— Bom saber disso.

— Natasha... — Ele fez uma pausa. — Eu nunca quis te magoar. Você sabe disso, não é?

Senti um nó quente nos músculos da garganta.

— Sim. Eu sei.

— Que bom. ——Ele ficou em silêncio por um instante. Eu podia ouvir a estática. — Você virá direto para casa?

— Sim, te encontro no apartamento por volta de meio-dia.

No dia seguinte, quando passei pela porta, Zac estava me aguardando sentado no sofá da sala. Suas olheiras estavam profundas, era óbvio que não tinha dormido. O cabelo estava despenteado e ele vestia um roupão por cima do pijama. Larguei a mala no chão, as chaves sobre a mesa e caminhei para me sentar ao seu lado. Assim que o fiz, ele me abraçou e beijou a lateral da minha cabeça.

— Você está bem? — Segurava-me junto a ele.

— Sim. — Afastei-me para encará-lo. — Só os meus pés estão um pouco inchados por ter dirigido tanto.

Ele os observou com uma ruga entre os olhos.

— Por que fez isso? Por que foi até lá?

— Eu precisava pensar.

— E...

— E pensei. — Baixei os olhos para minhas mãos entrelaçadas no colo.

Zac se recostou no sofá, ainda me olhando. Parecia querer ler os meus pensamentos. Sua

expressão era triste quando disse:

— Você vai me deixar, não é?

Não respondi, mas uma lágrima silenciosa escapou dos meus olhos. Zac pôs uma mão sobre a boca e mirou a janela.

— Que merda... — sussurrou.

— Eu não posso ficar aqui — falei. — Seria ir contra tudo o que acredito, Zac. Eu estaria ferindo a mim mesma.

— E eu? — Ele se exaltou, voltando o corpo para mim, com os olhos azuis amargurados. — Como que *eu* fico nessa história? Você é a mulher que eu amo, e está levando a minha filha.

— Você poderá vê-la sempre que quiser.

— Eu não quero só ela, eu quero *você*. Será que não entende isso?

— Nem sempre podemos ter o que queremos. — Zac bufou e eu virei o corpo para ele, que apoiou os cotovelos nos joelhos e entrelaçou os dedos, apoiando a boca ali e mirando o chão. — Eu quero que saiba que me arrependo de ter te julgado. Eu já

te perdoei. Não posso sequer imaginar o que você viveu nesses últimos dois anos. — As lágrimas abundaram nos olhos dele, que franziu a testa e as deixou cair. — Deve ter sido muito difícil para você... — Também comecei a chorar. — Mas tenho certeza de que uma parte sua ainda ama Sarah e que gostaria que ela voltasse. Eu não sei por que Deus permitiu que você esteja passando por essa prova, Zac, mas acho que deve levar até o fim o seu compromisso com ela. Só assim conseguirá ser feliz por completo.

Ele não disse nada por um momento. No fundo, sabia que as minhas palavras tinham um fundo de razão. Depois fungou, enxugou os olhos com a mão e se virou para mim.

— Se tudo fosse diferente, você teria se casado comigo?

Eu sorri com ternura.

— O que você acha?

— Acho que está cometendo o pior erro da sua vida.

Apertei os lábios antes de dizer:

— Isso, só saberemos com o tempo.

Percebendo que eu não iria recuar, Zac me puxou pelo ombro e me abraçou forte. Retribuí o abraço, com o coração rasgado, tirando forças não sei de onde para continuar firme naquela decisão. Eu sabia que era a coisa certa a ser feita, pelo menos para mim. Eu precisava ser fiel à minha identidade. Havia estado cega de amor por ele e, com certeza, se não tivesse descoberto tudo, teria passado por cima de todas as nossas diferenças para ter me casado com ele, mesmo sabendo que, no futuro, poderíamos ter confrontos por causa da nossa fé. Mas agora, foi como se as últimas revelações tivessem sido o pontapé para dar vazão ao meu lado incomodado.

O tempo pareceu parar de rodar naquele momento. Podíamos sentir o coração um do outro bater. Algum tempo depois, nos afastamos e Zac tirou uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Espere por mim. — Ele pediu.

Passei a mão pela sua barba com carinho,

sabendo que era a última vez que sentiria a sua textura. Meu coração estava passando por uma moenda.

— Não posso fazer isso. Seria desejar que ela morresse. E não é o que desejo.

— Eu não conseguiria suportar ver você casada com outro.

Isso nem sequer passava pela minha cabeça naquele momento. Eu só queria criar a minha filha em paz, com o apoio da minha família. Mas não queria deixar Zac com nenhuma expectativa que significasse ele perder as esperanças na recuperação da sua mulher.

— Não posso te prometer nada — falei.

Ele se afastou um pouco de mim, como se tivesse sido apunhalado.

— Não acredito que vai se esquecer de mim tão facilmente.

— Eu não disse isso. Só disse que preciso seguir em frente e tentar ser feliz, por mim e por essa criança.

E foi a isso que me dediquei pelos anos seguintes.

Capítulo 25

ZAC

Quatro anos depois...

Bati a porta do carro em frente ao sítio de Teresópolis. Estava de mudança para os Estados Unidos no dia seguinte e precisava me despedir da minha filha. Não queria ir até lá, Deus sabe que eu não queria. O casamento de Natasha seria dali a uma semana e tudo de que eu não precisava era ver os preparativos. Porém, Rebeca nunca me perdoaria se eu viajasse sem dar um abraço nela. Afinal, eu só a veria nas próximas férias.

Andei até o enorme portão de ferro e toquei a campainha. O cachorro começou a latir nos fundos e ouvi o barulho de criança gritando. O terreno era em declive, olhei por entre as grades e vi Rebeca descer correndo desenfreada pela grama com uma arma de espirrar água na mão.

— Papai, papai... — Ela vinha em disparada e acabou perdendo o controle das perninhas gorduchas, rolando ladeira abaixo.

Abri o portão imediatamente e corri para o lado dela. Estava sempre aberto, eu só tocava a campainha por educação. Revistei sua pele branquinha e vi que não tinha machucado nada. Felizmente, a grama havia aparado a queda. Coloquei-a no colo quando começou a chorar, com o rosto vermelho. A menina colocou a cabecinha no meu ombro, com o nariz escorrendo e as marias-chiquinhas irregulares. Não largou o brinquedo um minuto sequer. Jean deve ter ouvido seu choro, pois logo apareceu descendo o terreno com uma expressão preocupada. Era inacreditavelmente simpático comigo e muito bom para a minha filha, o que dificultava muito a minha tarefa de odiá-lo. Era tranquilo e transbordava serenidade.

— Eu sempre digo para ela não descer correndo — comentou quando chegou perto de mim. — Ela se machucou?

— Não, foi só o susto.

Ela ergueu a cabeça e olhou para o futuro padrasto.

— Papai veio — disse sorrindo.

— Estou vendo. — Ele sorriu de volta para ela. Senti um aperto no coração ao pensar que, com o tempo, sua presença poderia substituir o meu espaço no coração da minha menina. — Vamos entrando...

— Não, obrigado — agradeci, espiando as janelas do casarão. Onde ela estava? — Acho que vou levar Rebeca para tomar um sorvete na cidade.

— Bom, então acho melhor ela tomar um banho para ficar bonitinha.

— Tudo bem. — Com um sorriso contrafeito, entreguei-a a ele e Rebeca me espirrou água com a arma, depois gargalhou.

— Papai molhado...

— Sua danadinha. — Belisquei seu bumbum.

— Tem certeza de que não quer esperar lá em cima? – Jean perguntou, ajeitando-a no braço.

— Não, tudo bem. Espero por aqui.

Voltei para perto do carro e encostei o quadril no capô. Fiquei olhando para o sítio que Jean havia comprado para viver com a nova família, morrendo

de inveja. Não conseguia evitar a sensação de que tudo o que estava ali dentro era meu. Porém, as normas da civilização me impediam de ir lá dentro e pegar tudo de volta na marra.

Apertei os olhos quando vi Natasha aparecer rapidamente em uma janela, entre as cortinas de linho creme, olhando para mim. Seus cachos castanhos estavam grandes, na altura dos cotovelos. Durou só um segundo, mas seu olhar me atingiu como um tiro no peito. Era sempre assim. Sua aparição era como um canto de sereia contra o qual eu não conseguia lutar.

Era muito doloroso. Uma grande parte de mim ainda lhe pertencia e eu não tinha certeza se, um dia, conseguiria amar outra pessoa. Era sempre assim: quanto mais eu a olhava, mas desejava olhar. Perdia a conta das vezes em que fui a um lugar só porque sabia que Natasha estaria lá. Gravitava em torno dela, distante, camuflado, observando-a esperar no balcão. Outra vezes, passava por mim despercebida em meio a barracas de frutas, ou eu a via pelo espelho de uma loja de maquiagem... Seu olhar sobre as vitrines das lojas não era ansioso, não

violava as coisas, apenas envolvia-as ternamente. Ela não ostentava joias nem usava bolsas de marca.

Certa vez, observei-a sentada em um banco à beira do lago do Quitandinha, contemplando as andorinhas e crianças a brincar ao redor. De repente, seus olhos pareceram se deslocar para a superfície das coisas, como se estivesse em outro lugar, observando um cenário fictício. Fiquei pensando se estava pensando em mim. Delirava sobre essas coisas. Por isso, decidi ir embora, estou ficando louco. Obsessivo. E não há psicólogo que dê jeito nisso.

Eu havia passado um tempo me encontrando com uma pessoa do trabalho, dona de uma joalheria de São Paulo. Era uma boa pessoa, bonita, simpática e trabalhadora. Sabia que, se eu desse corda, aquilo entre nós poderia ter funcionado. Talvez, até ficássemos juntos para sempre. Eu só precisava deixar acontecer.

Mas, no fim, não tive a mesma sorte que Natasha. Eu sentia muitas saudades dela, saudade da maneira como virava a cabeça de lado e apertava os olhos enquanto me ouvia, prestando atenção com

toda sua alma. Saudade do seu sorriso de menina, da suavidade da sua voz, das suas sagazes engrenagens mentais... Talvez, eu sofresse por vaidade, pois queria ter sido o único, o último homem especial em sua vida. Mas embora tanta coisa tivesse acontecido desde então, nós dois sabíamos o que tínhamos tido e tudo o que aquilo significou. Eu havia sido seu amigo, sua âncora, seu amante... e um belo filha da puta.

Agora, ela parecia estar pronta para algo definitivo. Iria se casar em dois dias e ficaria ainda mais inacessível para mim. Eu não podia suportar. Precisava estar longe quando acontecesse.

Antes que Rebeca voltasse, de repente vejo Natasha descendo a colina. Começo a hiperventilar. Ela está usando um vestido branco de alças finas na altura dos joelhos e um chapéu de praia na cabeça. Está mais madura, linda... Sua imagem me lembra uma musa de um quadro italiano. Possui qualquer coisa de Sophia Loren. Uma serenidade nos gestos, no jeito de se mover, longe dos exageros das mulheres mais novas, extravagantes, que não sabem os limites do próprio corpo. É como se seus

movimentos não fizessem barulho. Dá para ver que ela tem uma bagagem, que é uma pessoa segura e forte. Não tem expectativas surreais, sabe ultrapassar a dor e vencer os próprios anseios. Ali está uma mulher pronta para quem saiba amá-la.

Nem sempre a maturidade chega assim para certas mulheres. Algumas se pervertem conforme a idade, tudo em seus gestos reflete insegurança, desespero para chamar atenção. Mas não a minha Natasha. Está chegando aos 30a com excelência e eu a imagino ainda melhor aos 40a. Como um bom vinho, o tempo só vai melhorá-la.

— Oi. — Ela sorri ao chegar perto de mim.

— Oi. — Devolvo o sorriso.

— Jean falou que vai sair com Rebeca.

— Sim, quero passar um tempinho com ela antes de ir.

— Já vai viajar amanhã?

— Vou.

Ela abaixa o olhar para as próprias sandálias, como se procurando alguma coisa no chão. Não tiro

os olhos dela por um minuto sequer. Quero absorver sua imagem o máximo que puder.

— E como vão os preparativos? — pergunto, sondando.

Seus olhos se voltam para mim, apreensivos.

— Tudo correndo bem. Vai ser uma cerimônia simples, para poucas pessoas.

— Sei. — Ficamos em silêncio por um momento. Eu não sei o que dizer. Tudo que quero é abraçá-la e levá-la para bem longe dali. Ela fala primeiro.

— Rebeca está toda animada, dizendo que o papai vai levar ela para conhecer o Mickey.

Eu rio.

— Prometi levá-la à Disney nas próximas férias, se você deixar.

—Claro. — Ela assente. — Gosto que ela passe tempo com você. Ela volta sempre feliz.

— Ainda bem. — Cruzo os braços na frente do peito, relutante. Preciso muito perguntar algo antes de partir. — Você está feliz?

A mulher à minha frente hesita, endireitando os ombros para trás e mirando meus olhos bem fundo.

— Sim, eu estou. E você?

— Indo para onde a vida me levar.

Seu sorriso lindo se abre novamente.

— A vida já te levou para muitos lugares. Você daria um ótimo missionário, já esteve em tantos países... Sua vida daria um livro.

— Talvez. Tive cenas bem inusitadas. Você se lembra de quando entrou toda descabelada para me atacar no restaurante?

Ela deu risada.

— Eu lembro. Lembro de tudo. — Seus olhos brilham e eu sinto um bombear mais forte no coração.

— Você foi a melhor parte do meu livro — deixo escapar.

Os olhos dela ficam úmidos e Natasha morde os lábios. Em seguida, abaixa o rosto para a grama tentando controlar a expressão.

Eu gostaria de abraçá-la, gostaria de poder desfazer essa aresta que existe agora entre nós, mas eu e ela já havíamos tido o nosso momento. E, embora tudo ainda pareça muito real para mim, a mais bela e tocante lembrança da minha vida, para ela, era apenas uma gota do passado. Lutar por um amor que já se foi é como tentar viver nas ruínas de uma aldeia perdida. Eu preciso ir embora daquela aldeia.

Logo Jean aparece com Rebeca pronta no colo. Pego-a e coloco-a na cadeirinha do carro. Depois, passo o cinto e fecho a porta de trás. Sinto o sangue ferver quando ele abraça Natasha por trás enquanto nos despedimos. É como se eu estivesse sangrando por dentro. Fico em carne viva. Ela não consegue me encarar, simplesmente acena para Rebeca e se vira de volta para o sítio. Afastar-me sem dizer nada é tão duro quanto quebrar granito.

Dirijo até a cidade em meio às lágrimas que tento evitar que minha filha perceba. Tento aproveitar ao máximo meu tempo com ela, a quem eu amo tão profundamente que chega a doer. Comemos sorvete juntos e passeamos por um

parquinho. Adoro o cheirinho dela, suas mãos gordinhas se embrenhando na minha barba. Rebeca é tudo de mais bonito na minha vida. Eu poderia ter lutado pela guarda dela, mas achava que o lugar de uma menina era ao lado da mãe. Ainda mais uma tão maravilhosa quanto Natasha.

Quando a deixo, Jean vem sozinho buscá-la no portão. Está frio, então ele traz um cobertor de flanela para a embrulhá-la e levá-la para dentro, pois já está dormindo. Começo a descer a estrada de volta para o Rio de janeiro, as mãos apertando o volante com muita força, como se com isso eu fizesse as lágrimas que ameaçavam voltar para dentro dos olhos, até que avisto um riacho. Não sei porque, paro o carro no acostamento e desço até ele. Caminho pela trilha ladeada de mato até a margem. Os insetos já começam a zumbir e a luz do céu a mudar. É fim de tarde, minha hora favorita do dia. Sento-me em uma pedra, a ouvir os grilos, olhando para a lua já evidente no céu azul, esperando a primeira estrela aparecer, sabendo que nenhuma outra seria igual a primeira, bem como nunca haverá outro amor maior do que eu já havia vivido. Pelo

menos, não para mim.

Chego em cima da hora no aeroporto, pois me atrapalhei um pouco com tanta bagagem. Mesmo assim, consigo entrar no embarque quinze minutos antes de chamarem o meu voo. Sento-me ao lado de uma senhora libanesa, que também vai para a Flórida no mesmo voo que eu. Conversamos um pouco quando ela me pede ajuda para saber qual é o portão, depois mudamos de lugar e nos acomodamos em frente a ele. Resolvo checar os meus e-mails antes de embarcar, aproveitando o Wi-Fi do aeroporto, pois pretendo tentar dormir durante toda a viagem. Meus olhos se arregalam e o coração dispara quando vejo que há um e-mail de Natasha. Abro-o imediatamente.

Querido Zac,

Sob diversos aspectos, e embora as pessoas possam ver os votos matrimoniais de outra

maneira, nem sempre os sentimentos acompanham as nossas ações. Quando decidi me casar, pensei estar buscando o melhor para mim e para a minha filha. Confesso que fui bastante racional. Não porque precisasse de um companheiro para viver, ou para preencher o meu vazio, mas porque a amizade que Jean me dedicou durante esses anos acabou se tornando algo necessário, confortável de se ter por perto. Nossa proximidade aconteceu muito lentamente, aos poucos. Ele é um bom homem, um bom amigo e, desde que se converteu, se tornou uma pessoa ainda melhor. Quero lhe dizer que fiquei arrasada quando soube que sua esposa faleceu, dois meses atrás.

Sei que Rebeca, apesar de amar Jean, nutria o sonho secreto de nos ver juntos algum dia. Agora, ela já entendeu que isso não irá acontecer. Ela pertence a você, Zac, ama-o loucamente e sente a sua falta. Não fique muito tempo longe dela.

E, por último, quero lhe pedir um favor. Não posso mais falar nem discutir o nosso passado com você, pois ainda dói demais. É como se o tempo

não tivesse passado para mim toda vez que te vejo. Falemos somente sobre amenidades. Você me deu a Rebeca e eu te amarei para sempre por ter me dado esse presente. Aliás, eu te amarei para sempre independente de todas as coisas, e você sabe disso. É difícil para mim confessar isso a você, pois, novamente, estou fazendo algo condenável sendo uma mulher quase casada. Mas creio que posso, sim, amá-lo à minha maneira. Tudo o que mais desejo é a sua felicidade. Você merece, por tudo que passou. Vá em paz, mas não demore muito para mandar notícias.

Beijos, sua eterna pombinha.

Com os olhos úmidos, fico mirando o celular e depois coloco-o no bolso. Não sei o que fazer. Meus olhos zapeiam pelo terminal, sem foco, como se ali eu pudesse encontrar alguma resposta. Minha bagagem já foi despachada. Finalmente, anunciam o embarque para o meu voo. Volto os olhos para o bilhete na minha mão com os olhos ardendo.

— Cuidado para não se atrasar — avisa a

gentil senhora ao meu lado ao se levantar.

Encho os pulmões de ar e me coloco de pé. Em seguida, abro um sorriso para ela.

— Pode deixar. — Amasso o bilhete e coloco-o no lixo ao lado do banco. — Eu ainda seis dias. — E vou embora do aeroporto.

Fim

NÃO DEIXE DE CONHECER AS OUTRAS OBRAS DA AUTORA

DESPERTAR - A BANDEJA (Ed. Arqueiro)

ENTRE A MENTE E O CORAÇÃO (Ed. Ases da literatura)

PERDIDO SEM VOCÊ (Ed. Ases da literatura)

UMA HERANÇA DE AMOR – QUANDO O FIM PODE SER O COMEÇO (Ed. Novo Século)

UMA HERANÇA DE AMOR – ARMADILHAS DO DESTINO (Ed. Novo Século)

UMA HERANÇA DE AMOR – O PLANO PERFEITO (Ed. Novo Século)

A GAROTA DO OUTRO LADO DA RUA (Ed. Novo Século)

SEM OLHAR PARA TRÁS (Ed. Valentina)

O QUE EU QUERO PRA MIM (Ed. Arqueiro)

GRANDES HISTÓRIAS DA BÍBLIA (Ed. Seleções)

TORTURA COR-DE-ROSA (Ed. Damprewan)

SHAKESPEARE E ELAS (Ed. Autêntica)

http://www.lyciabarros.com.br

Table of Contents

Nem tão tarde assim
Lycia Barros
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25